

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

**ADRIANO PINTO GODOI**

**IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA IRATI – PR: HISTÓRIA E COMUNIDADE.**

IRATI – PR

2018

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

**ADRIANO PINTO GODOI**

**IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA IRATI – PR: HISTÓRIA E COMUNIDADE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Desenvolvimento Comunitário – Nível Mestrado da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador Dr. Ancelmo Schorner.

IRATI – PR

2018

Catálogo na Fonte  
Biblioteca da UNICENTRO

GODOI, Adriano Pinto.

G588i Imigração Libanesa para Irati-PR: história e comunidade. / Adriano Pinto  
Godoi. – Irati, PR : [s.n], 2018.  
145f.

Orientador: Prof. Dr. Ancelmo Schorner

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar  
Desenvolvimento Comunitário. Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.

1. Líbano - imigração. 2. Religião. 3. Usos e costumes. I. Schorner, Ancelmo.  
II. UNICENTRO. II. Título.

CDD 325.1



# Universidade Estadual do Centro-Oeste

Reconhecida pelo Decreto Estadual nº 3.444, de 8 de agosto de 1997

## PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

### TERMO DE APROVAÇÃO

**ADRIANO PINTO GODOI**

### IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA IRATI – PR: HISTÓRIA E COMUNIDADE

Dissertação aprovada em 24/04/2018 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Ancelmo Schörner

Instituição: UNICENTRO

Prof. Dr. César Rey Xavier

Instituição: UNICENTRO

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Sueli Nodari

Instituição: UFSC

Irati, 24 de abril de 2018

Home Page: <http://www.unicentro.br>

**Campus Santa Cruz:** Rua Salvatore Renna – Padre Salvador, 875 – Cx. Postal 3010 – Fone: (42) 3621-1000 – FAX: (42) 3621-1090 – CEP 85.015-430 – GUARAPUAVA – PR

**Campus CEDETEG:** Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03 – Fone/FAX: (42) 3629-8100 – CEP 85.040-080 – GUARAPUAVA – PR  
**Campus de Irati:** PR 153 – Km 07 – Riozinho – Cx. Postal, 21 – Fone: (42) 3421-3000 – FAX: (42) 3421-3067 – CEP 84.500-000 – IRATI – PR

## **Dedicatória**

*Esta dissertação é dedicada a minha família. Minha mãe Marlene, meu pai  
Admir, minha esposa Jéssica, meu filho Gabriel e minha irmã Lais.*

*Amo muito todos vocês.*

*Obrigado pelo apoio incondicional sempre.*

## **Agradecimentos**

Quando me formei em Turismo no ano de 2012, toda a jornada e vida acadêmica pareciam estar concluídas. A busca pelo mercado de trabalho na área de formação se iniciava, e uma nova vida profissional surgiria, mas, a realidade apresentada não era a mesma sonhada. Algo ainda me faltava e uma lacuna precisava ser preenchida.

Desde a formação recebi emails de professoras com convites para ingressar em Mestrados e pós-graduação. Demorei certo tempo para entender que este era o tal “algo que me faltava” e hoje aqui estou, concluindo mais uma etapa da vida acadêmica, obtendo o grau de mestre em Desenvolvimento Comunitário.

A jornada não foi fácil, em um país que apenas 14% dos brasileiros possuem curso superior e menos de 1% da população obtém o grau de mestre, a prova que as dificuldades são inúmeras. A Universidade é pública, mas não por isso os gastos não sejam elevados, aos padrões brasileiros, pois, enquanto se está em sala de aula ou pesquisando, deixamos o trabalho de lado, dessa maneira, deixamos de ganhar.

É como o professor Erivelton falou em sala de aula certo dia: “você precisam escolher o que farão melhor, o trabalho, o lazer ou o mestrado, algo ficará em segundo plano”. Nessa jornada busquei o equilíbrio, mas diversas vezes meu trabalho ou o lazer pagaram nessa realidade.

Com isso dito, muitas pessoas precisam ser lembradas aqui, pessoas importantes que fizeram parte dos momentos de estresse ou satisfação, sempre prestando apoio em todos os momentos ou auxiliando nas escolhas daquilo que seria importante em cada instante.

As primeiras pessoas que quero agradecer são minha esposa Jéssica e minha mãe Marlene. Impossível descrever o sentimento de gratidão por todo apoio recebido, emocional, financeiro e principalmente motivacional. Um amor e respeito incondicionais.

Meu pai Admir é um homem que admiro muito, meu grande espelho em diversas situações. Esteve ao meu lado em todo momento dessa jornada, por isso, aqui, deixo meu obrigado.

Meu filho Gabriel. Espero que eu tenha lhe inspirado para que em seu futuro possa me orgulhar, assim como hoje sinto por aquilo que você é, por fazer parte presente da minha vida.

Minha irmã Lais. Pessoa que eu daria a vida para lhe ver feliz, e tenho certeza que o sentimento é recíproco.

Meu cunhado, primo, padrinho, compadre e amigo Juliano. Este me auxilia nos momentos de lazer, meu tecladista e parceiro de banda.

Minha amiga Carmen Pegoraro. Não tenho dívidas que existe uma ligação, em tão pouco tempo de amizade demonstrou um enorme carinho por mim, o sentimento é recíproco.

Aos meus amigos de banda. Fernando, Ruppel, Daniel, Otávio e demais que contribuíram a de alguma forma ou ficaram felizes com esta conquista.

Meus professores...

Meu orientador Ancelmo. É o responsável direto por este trabalho concluído. Acolheu-me como seu orientando, acreditou que a ideia seria possível, prestou todo apoio possível, e com seu conhecimento guiou meus passos na construção dessa dissertação.

Professora Ana Maria e professor César Rey. Contribuíram com sugestões e ideias, para que as melhorias necessárias fossem realizadas.

Professora Eunice Sueli Nodari. Avaliou este trabalho e contribuiu com seu conhecimento para melhorias necessárias.

Professoras Vanessa e Elieti. Duas amigas que sempre me apoiaram e incentivaram o meu crescimento acadêmico e como pessoa.

Professora Poliana. Quando me formei foi um das primeiras a me incentivar a ingressar no mestrado. Demorei um pouco, mas segui seus conselhos e agradeço a confiança em mim depositada.

Ao professor Araújo. Suas contribuições foram fundamentais para a construção da dissertação.

É claro que não poderia deixar de lado os amigos que conquistei no percurso, os personagens principais deste trabalho que entrego, os libaneses.

E o que seria de um homem sem sua fé?

Agradeço ao meu Santo de devoção, Santo Expedito e acima de tudo e todos, agradeço a Deus.

Se alguém sentiu falta do seu nome é porque realmente merecia estar aqui, mas esqueci, peço desculpas e considere-se agradecido.

Sei que palavras não conseguem demonstrar emoções, mas o sentimento de gratidão que tenho por todos é único e verdadeiro.



*Aquele que praticar o bem terá sempre sua recompensa,  
e aquele que fizer o mal, por menor que seja, será  
responsabilizado. (Alcorão Sagrado)*

**Resumo:** O município de Irati – PR foi estabelecido com a contribuição de várias etnias. Dentre os imigrantes que chegaram, destacam-se os poloneses e ucranianos, que compõe a maioria. Contudo, esta dissertação discute a respeito da imigração libanesa para Irati. Retrata a chegada dos imigrantes libaneses ao Brasil e posteriormente a Irati. Aponta seus percalços e enfrentamentos até se estabelecerem no município. Revela como e quando chegaram; em que foram trabalhar; suas crenças (religião) e costumes. Também aborda suas tradições e as lutas para manter suas raízes. São retratadas histórias de vidas e alguns personagens importantes, que participaram diretamente na construção histórica do município. Os fatos que marcaram a imigração libanesa e suas implicações são discutidos nesta dissertação, as discriminações e guerras fazem parte do contexto, além da busca pela melhoria de vida, fator ligado diretamente aos conceitos de imigração.

**Palavras chave:** Imigração; Irati – PR; libaneses; história; cultura.

**Abstract:** The municipality of Irati - PR was established with the contribution of several ethnic groups. Among the immigrants who arrived, the most prominent are the Poles and Ukrainians, whose make up the majority. However, this dissertation discusses about the Lebanese immigration to Irati. It portrays the arrival of the Lebanese immigrants to Brazil and later to Irati. It points out their mishaps and confrontations until they settle in this municipality. It reveals how and when they arrived; where they went to work; their beliefs (religion) and customs. It also addresses their traditions and struggles to maintain their roots. This work also shows stories of lives and some important personages, whose participated directly in the historical construction of the municipality. The facts that marked the Lebanese immigration and its implications are discussed in this dissertation, the discriminations and wars are part of the context, as well as their search for life improvement, a factor directly linked to the concepts of immigration.

**Keywords:** Immigration; Irati - PR; Lebanese; history; culture.

## LISTA DE MAPAS

<b>MAPA 01</b> Irati – PR, seus distritos e cidades vizinhas.....	49
<b>MAPA 02</b> Paraná e estados vizinhos.....	50
<b>MAPA 03</b> Irati – PR, estabelecimento das primeiras etnias.....	52
<b>MAPA 04</b> Líbano e suas fronteiras.....	56
<b>MAPA 05</b> Divisão das milícias no Líbano em 1976.....	60

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b> – Estação Iraty 1899 .....	53
<b>FIGURA 02</b> – Vila ilustrada por primo Basílio – Covalzinho em 1907 .....	54
<b>FIGURA 03</b> – Beirute – capital do Líbano .....	57
<b>FIGURA 04</b> – Extração de Pinheiro e Imbuia .....	91
<b>FIGURA 05</b> – Estação Ferroviária de Irati em meados de 1920 .....	93
<b>FIGURA 06</b> – Estação Ferroviária na década de 40 .....	94
<b>FIGURA 07</b> – Vista parcial da Rua XV de Novembro, perspectiva do Bar do Maluf na década de 40/50.....	97
<b>FIGURA 08</b> – Eid Al-Fitr em Beirute. ....	107
<b>FIGURA 09</b> – Masbaha .....	107
<b>FIGURA 10</b> – Nossa Senhora das Graças em 1957.....	111

## SUMÁRIO

LISTA DE MAPAS .....	10
LISTA DE IMAGENS .....	11
Introdução.....	13
1. A Imigração.....	27
1.2 A Imigração no Paraná .....	38
1.3 A Imigração em Irati .....	44
1.4 A Origem de Irati .....	48
1.5 O Líbano e suas provações.....	54
1.6 Cultura, Patrimônio e Identidade.....	62
1.7 Conceitos (l)migratórios.....	67
CAPÍTULO II.....	73
2 “ <i>Nós não gostamos quando falam que somos turcos</i> ”. O Líbano Otomano. ....	73
2.1 Conceitos de Comunidade .....	76
2.1.1 O desenvolvimento como comunidade .....	83
CAPITULO III.....	87
3 A Comunidade e sua História: Os Libaneses em Irati.....	87
3.1 Atividades: Economia e Negócios.....	89
3.2 Religião.....	101
3.2.1 A Santa de Irati .....	109
3.3 Discriminação e Preconceito: fatos e histórias .....	112
Considerações Finais .....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	129
REFERÊNCIAS ONLINE .....	142

## Introdução

Os sentimentos que envolvem os movimentos migratórios e seus percalços, desde a chegada até o desenvolvimento como comunidade motivaram a realização desta dissertação. Trazer visibilidade e a busca pelo conhecimento das facetas, barreiras étnicas e culturais que envolvem os libaneses em Irati – PR<sup>1</sup> movem o cerne do trabalho realizado. Cuche (2002) explica que a cultura por vezes entra em defasagem por estar em mutação, por si própria ou pelo contato com outras culturas. Assim sendo, Ribeiro (2013, p. 252) destaca que

[...] cada condição cultural é intersubjetivamente construída dinamicamente. Isto porque se entende que as culturas não se apresentam estanques ou presas a suas situações contextuais, como se cada local possuísse uma cultura própria em essência. Entende-se um status processual das condições conceitualmente classificadas como culturais, que não apenas mantém vínculos constantes e transformações inter-relacionam, mas também se conferem em trajetórias compreensíveis genealógicamente por comparações.

O presente trabalho aponta as principais implicações e sentimentos que tangem essas condições, demarca desde os movimentos migratórios até os fatores que tornam os libaneses uma comunidade passível de estudo, tais como aspectos religiosos e culturais. Quanto à religião, existe a divergência entre os muçulmanos e católicos. Em relação à cultura e tradição, alimentação e profissão são os principais apontamentos.

Na construção deste tema foi necessário ter uma postura sistemática e ativa, fugindo da linha passiva e empírica, que apenas ratifica as noções do senso comum. Este empirismo deve ser constituído por um modelo, as questões adotadas devem ser “sistemáticas para receber respostas da mesma forma”, as relações devem ser coerentes. (BOURDIEU, 1989, p. 32.).

Para a presente dissertação, que toma como bases conceitos de (i)migração, identidade étnica e cultura, outros como religião, alimentação, ocupação, personagens importantes dentro e na História de Irati complementam o objetivo, aquilo que representa a forma de vida de um grupo

---

<sup>1</sup> Serão repetidas vezes citada a cidade Irati – PR, portanto a partir desta página, em alguns momentos não será utilizada a sigla do Estado, mas compreenda-se que refere-se a mesma cidade em questão.

de pessoas, neste caso os libaneses, que os remete a sua terra natal, demonstra as raízes e seus sentimentos de pertencimento, caracterizando estes como uma comunidade como veremos adiante.

As lembranças e memórias que envolvem as vidas das pessoas, antes e após a imigração, são parte eterna e intrínseca a cada envolvido. Por isso, é importante conhecer a história da vinda dos libaneses à Irati, conhecer os percalços enfrentados pelos imigrantes, suas dificuldades e suas motivações para construir uma nova vida longe de sua terra natal. Os resultados obtidos com este estudo comprovam a riqueza da cultura árabe libanesa presente no município, bem como suas superações e suas histórias de vida.

Esses imigrantes que chegaram a Irati trouxeram em sua bagagem, cultura e tradições, além de hábitos de vida. Longe do Líbano mantiveram suas raízes religiosas e profissionais, fizeram da sua nova terra um lugar que reproduz seus costumes, sua herança e identidade.

Residem no município atualmente 9 famílias de imigrantes e/ou descendentes de libaneses. Dessas famílias, pelo menos 3 possuem algum grau de parentesco entre elas, sendo tios, primos ou irmãos.

A pesquisa abordou histórias de 4 famílias<sup>2</sup> de libaneses presentes em Irati, cada uma com um período de chegada diferente, e os relatos de um importante memorialista do município, o Professor<sup>3</sup> Araújo, agregando aos resultados com seus conhecimentos acerca desses imigrantes.

A dissertação está relacionada diretamente com elementos de cultura, práticas sociais, formação humana e desenvolvimento comunitário, trazendo a problemática ao trabalho no sentido de entender como e em que momento se deu a imigração dos libaneses ao Brasil e posteriormente à Irati, buscando a partir daí compreender se possíveis barreiras étnicas e/ou culturais afetam de alguma maneira no manutenção de suas próprias raízes culturais e identitárias.

Outro ponto importante compreendido por este trabalho é a identificação apresentada, ou não, por cada cidadão pertencente ao ambiente relatado, além

---

<sup>2</sup> A pesquisa previa entrevistar todas as famílias, levando em conta que não é um número expressivo, entretanto, algumas pessoas não quiseram conceder entrevistas, seja por algum motivo ou outro. Contudo, o resultado foi totalmente satisfatório e conclusivo com aqueles que colaboraram.

<sup>3</sup> José Maria Grácia Araújo não é professor de formação, entretanto, devido ao seu vasto conhecimento histórico acerca de Irati recebeu esta alcunha.



do grau de desenvolvimento da comunidade relacionado aos elementos citados anteriormente, ou a afinidade entre eles. Barth (1998, p. 27) afirma acerca da interação de grupos étnicos

Em primeiro lugar, enfatizamos o fato de que grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores: conseqüentemente, têm como característica organizar as interações entre as pessoas.

O balizamento e o conhecimento de quais elementos são importantes e as relações sociais que compreendem cada imigrante ou descendente tornam o trabalho mais coerente. Certeau (1998, p.39) afirma que

muitos trabalhos, geralmente notáveis, dedicam-se a estudar, seja as representações seja os comportamentos de uma sociedade. Graças ao conhecimento destes objetos sociais, parece possível e necessário balizar o uso que deles fazem os grupos ou os indivíduos.

O trabalho apresenta uma comunidade que possui raízes religiosas muçulmanas conforme dados levantados, não em cem por cento dos casos, mas na maior parcela, dentro de uma cidade que em sua grande maioria predomina a religião católica (conforme dados da tabela a seguir) e uma boa parte de descendência polonesa<sup>4</sup> e ucraniana, que historicamente são adeptos ao catolicismo.

Tabela 01: Distribuição Religiosa em Irati

<b>Religião</b>	<b>População</b>	<b>Porcentagem</b>
Católica	47.705	86,7%
Evangélica	6.834	12,4%
Espírita	473	0,9 %

Fonte: IBGE, 2010.

<sup>4</sup> Atualmente, no Paraná, a população de descendência polonesa constitui cerca de 10% da população residente nesse Estado (de cerca de 8,5 milhões de habitantes). Disponível em: <[http://www.kurytyba.msz.gov.pl/pt/c/MOBILE/comunidade\\_polonesa\\_no\\_brasil/](http://www.kurytyba.msz.gov.pl/pt/c/MOBILE/comunidade_polonesa_no_brasil/)> Acesso em: 17 de abril de 2017.

De acordo com Grechinski (2007, p. 28) "em 1937, dos 16.000 habitantes em Irati, 4.500 eram poloneses". Em relação aos Ucranianos, Rudek (2002) afirma que a maior parte destes imigrantes concentra-se no Paraná, sendo que dos 300 mil que residem no Brasil 90% estão no estado.

Conforme pode ser percebido na tabela acima, não existe dados a respeito dos muçulmanos presentes em Irati, a fonte pesquisada não relata a existência deles. O fato é que eles existem e praticam sua religião, além de exercer as doutrinas que o Islamismo prega, mesmo não havendo Mesquita<sup>5</sup> em Irati.

A escolha do grupo de libaneses passou pelo anseio de levantar dados acerca de imigrantes e descendentes que possuem uma etnicidade presente em seu convívio com a sociedade e fatores discriminatórios<sup>6</sup> envolvidos em seu dia a dia, os chamados “turcos”. Conforme veremos adiante, estes trazem uma bagagem cultural<sup>7</sup> distinta das demais etnias presentes em Irati. No espaço familiar mantinham-se (e mantêm-se) as tradições, tanto da ampla cultura árabe (culinária, língua, história), como dos grupos religiosos ou locais particulares, “ritos religiosos, tradições locais, variantes da língua e da culinária”. (GATTAZ, 2012, p. 108)

Para Gattaz (2012, p. 12), em relação à bagagem cultural supracitada, devemos considerar o “estereótipo do imigrante árabe formulado pela produção cultural brasileira e aceito pelo senso comum”. Gattaz em sua mesma obra, ainda cita que por vezes existe uma “confusão que se faz quando se trata do imigrante sírio e libanês – envolvendo o uso indiscriminado dos termos árabe, turco, sírio, libanês, judeu, muçulmano, maometano e muitos outros”.

Ao passo que os imigrantes se estabeleciam no Brasil, e não foi diferente em Irati

procuravam integrar-se à sociedade local, os imigrantes libaneses sentiram a necessidade de estabelecer formas de manutenção de suas tradições culturais e de sua identidade étnica – definida nos níveis particulares da *cidade* de origem, da *religião* e da *família*, e não em torno de uma ideia de nação libanesa. (GATTAZ, 2012, p. 107)

---

<sup>5</sup> “A mesquita é o referencial, um símbolo, um lugar, em que acontece a pertença, a identificação como comunidade árabe e muçulmana. Este local serve para fins religiosos, políticos e sociais”. (ESPINOLA, 2005, p. 19).

<sup>6</sup> Os libaneses muçulmanos são aqueles que mais sofrem, se não discriminação, ao menos existe um desrespeito com seus credos, principalmente se pensarmos nas guerras existentes na região do Líbano, com a “imagem” de uma batalha religiosa. Tais fatos estão expostos no presente trabalho mais adiante.

<sup>7</sup> Culturalmente também é possível ver alguma proximidade entre libaneses e brasileiros, pois o Líbano, apesar de país asiático com grande bagagem cultural árabe-islâmica, integrou-se desde cedo no âmbito cultural europeu, adquirindo características da sociedade cristã do Mediterrâneo. Além disso, a maioria dos primeiros imigrantes era cristã. Por outro lado, a própria cultura ibérica é em grande parte tributária das culturas árabe-síria e berbere-muçulmana. (GATTAZ, 2012, p. 91)

Esta manutenção cultural passa principalmente pelo aspecto religioso, a sua socialização e formulação identitária esta diretamente ligada “com a ampla cultura árabe e islâmica”. (GATTAZ, 2012, p. 114)

Em relação aos símbolos intrínsecos citados anteriormente, a ligação religiosa é a mais clara, como o uso do lenço pelas mulheres, que torna evidente o respeito cultural conforme explica Osman (2006, p. 263)

A opção pelo lenço marca uma adesão contundente à religião muçulmana, pois leva a uma atitude diferenciada também em relação ao comportamento cotidiano no ambiente doméstico e no ambiente público. O lenço é usado em público e em qualquer lugar em que haja a presença de figuras masculinas; fora do restrito círculo familiar (pais, marido ou filhos), o lenço é estritamente obrigatório.

Estes fatores apontam aspectos particulares e de grande relevância cultural, revelam uma etnia rica em valores simbólicos e valores identitários.

De acordo com levantamentos já realizados, os libaneses em Irati contribuem para um legado que ainda passa despercebido por uma parcela majoritária da população da cidade. Como exemplos<sup>8</sup> iniciais citamos que a primeira sorveteria da cidade foi fundada por um libanês, eles foram os primeiros mascates impulsionando o comércio local e, mais adiante, aqueles que prestaram o auxílio fundamental na campanha para a construção do maior símbolo religioso do município, a imagem de Nossa Senhora das Graças.

Numa das colinas que circundam a cidade de Irati, o povo edificou em 1957, para assinalar o transcurso dos 50 anos de instalação do Município, a imagem de Nossa Senhora das Graças. O monumento que mobilizou a comunidade nesse ato de fé foi liderado pelo jornalista Jorge Garzuze, então redator do Correio do Sul, com apoio do Padre Rui do Carmo Pereira. (ORREDA, 2007, p. 42)

De acordo com Orreda (2007) o prefeito na época da construção do monumento era João Mansur, de família originária do Líbano, assim como Jorge Garzuze que, em 1977, saíria pelas ruas e casas da cidade pedindo auxílio monetário para a restauração da imagem, sendo fundamental para a preservação de um patrimônio histórico de Irati.

---

<sup>8</sup> Apresentados nas fontes orais no decorrer do trabalho e mais específico no capítulo 3.

Esta dissertação está dividida em três partes ou capítulos. No primeiro capítulo ficam as apresentações do trabalho, as partes de introdução no que diz respeito à temática proposta, metodologias, objetivos, justificativa, bem como as fontes da pesquisa, ou seja, aquilo que será utilizado como base para o desenvolvimento da pesquisa de campo e de corpo ao trabalho. Neste primeiro capítulo também se encontra a apresentação do objeto de estudo, um breve histórico da cidade de Irati, com sua fundação e seus instituidores, localização territorial e partes teóricas condizentes à temática. Outra situação abordada no primeiro capítulo é o que diz respeito à chegada dos imigrantes no município, neste momento não tratando apenas dos libaneses, mas desde o princípio da criação da cidade, seus primeiros filhos e filhas, as famílias que proporcionaram o surgimento de Covalzinho e posteriormente Irati.

O que norteia o segundo capítulo da dissertação é a continuidade da parte teórica. Diversos autores que explicam e adentram na temática servem de apoio e base para todo o desenvolvimento necessário nesta dissertação, trazem ao trabalho o escopo necessário para dar clareza e alicerçar as ideias em fatos concretos. Nesse capítulo são tratados movimentos migratórios, aspectos culturais, etnias, identidade cultural; também são expostos conceitos de comunidade e demais referenciais fundamentais para contribuir nas diretrizes propostas para o desenvolvimento e conclusão da dissertação.

Para o terceiro e último capítulo, os resultados do trabalho são o foco principal, a pesquisa em si e suas implicações, os resultados deste estudo em questão, as considerações do autor com base nas entrevistas e dados levantados, toda a coleta e as conclusões que se chegam a partir do desenvolvimento da pesquisa. Todo o esforço para relatar o mais fielmente possível aquilo que se planejou e desenvolveu, perguntas e respostas, fatos e feitos. Revelam em palavras os objetivos pretendidos e alcançados, os acontecimentos e o que significa realmente ser libanês em Irati, além do sentimento existente na etnia.

A dissertação teve por objetivo avaliar se houve impactos étnicos e culturais sofridos e/ou incorporados pela comunidade libanesa em Irati, bem como perceber a importância, ou não, da comunidade em manter suas tradições e aspectos culturais. Estes impactos étnicos são percebidos ao passo que se conhecem as fronteiras étnicas de cada grupo. Segundo Barth (1998, p.

196) “os limites culturais e suas situações de contato social entre pessoas com culturas diferentes devem ser mantidos para a preservação da fronteira étnica”. Para ele,

A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isso leva à aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade (BARTH, 1997, p. 100).

Barth (1998) ainda destaca que as fronteiras existem sempre quando surgem estes afrontamentos, em alguns casos acontecem as incorporações de determinadas pessoas, criando determinados vínculos novos; porém, por vezes, a exclusão absoluta<sup>9</sup> faz parte deste contato e as fronteiras ficam em evidência na tentativa de manter restrita a participação de etnias diferentes.

Outro fator preponderante a ser levado em conta é a assimilação da cultura ou mesmo chamada aculturação que pode ocorrer, mesmo que em suas raízes étnicas, ainda persista a sua essência imigrante. “Há assimilação e aculturação das culturas originais imigrantes. Portanto, alguns valores culturais e ideológicos desaparecem, enquanto outros permanecem ou sofrem adaptações.” (GREGORY, 2007, p. 153)

Por outro lado Seyferth (1990, p. 79) explica que, por mais que os laços com seus países de origem estejam diluídos, à salvaguarda da identificação étnica, algo sempre existirá. Deste modo, “os fenômenos chamados pelos especialistas de absorção, assimilação e aculturação não impedem a persistência do componente étnico da identidade social dos descendentes de imigrantes”, mesmo que a nova ligação social seja sobressaliente.

A comunidade libanesa estudada não é a maior etnia do município, nem por isso menos importante, partindo do pressuposto de uma cultura rica de tradições e particularidades, como já citadas anteriormente, religião e seus símbolos, culinária e idioma, em que sua terra mãe vive em constantes

---

<sup>9</sup> Mais adiante veremos que, em entrevista, o Professor Araújo revela um fato em que os libaneses devido ao seu tino comercial, e se instalando em pontos estratégicos no município, foram assolados pela revolta dos demais habitantes, que manifestaram sua indignação e impuseram a criação de leis que afastassem estes de suas atividades.

conflitos, envolvida e enraizada em meio a outras com posturas e costumes diferentes aos seus. Conforme Gomes (2000, p. 105)

A própria configuração da etnia – a de sírio-libanês –, nos livros de registro de imigrantes e nos estudos sobre o tema, implica a identificação de uma região contígua entre dois países cujas histórias foram pontuadas por sucessivas dominações estrangeiras. A relação de vizinhança foi reforçada pelos laços de consanguinidade entre as famílias que cruzavam a fronteira num movimento contínuo de intercâmbio comercial.

Deve-se levar em consideração a imigração durante e após a I Guerra Mundial, quando havia algumas determinações particulares e no cenário nacional durante o Estado Novo, existia uma repressão aos grupos étnicos que

paradoxalmente partiu do princípio do não reconhecimento de minorias e identidade duplas que evocássemos “jus sanguinis” e a cultura de outros nacionalismos – porque consideradas ameaça a integridade do Estado-nação, mas transformaram em minorias de fato aqueles grupos com etnicidades marcadas, ao cercear suas liberdades e seus direitos de cidadania (SEYFERTH, 2000, p.107).

Isso pode afetar na construção ou continuidade dos costumes dos imigrantes, suas ações e tradições, fato este que pode gerar conflitos dentro da própria comunidade.

Espinola (2005, p. 55) comenta que “o imigrante nos obriga a pensar sobre os fundamentos da relação entre o Estado e a Nação”, não tão somente toda a reação de rejeição que envolve, “funda a cidadania na comunidade da língua, cultura e até mesmo raça”.

O discernimento vai além daquilo que o Estado compreende, os princípios são relativos entre as partes e o que se forma é fruto da relação vivida entre as ambas.

Para a realização da pesquisa com a comunidade libanesa, imigrantes e/ou descendentes na cidade de Irati, bem como demais colaboradores externos entrevistados para a melhor compreensão, tais como professores e pessoas ligadas de certa forma aos libaneses, e em resposta a proposta da temática, baseamo-nos na metodologia e fundamentos da história oral, ou seja, a coleta de relatos a partir de entrevistas semiestruturadas, possibilitando um diálogo aberto, imparcial, cordial e amistoso com a comunidade, permitindo

investigar os detalhes de vida dos entrevistados. De acordo com Freitas (2006, p. 15) a história oral permite refletir os fatos registrados “na voz dos próprios protagonistas”, também utilizando uma “metodologia própria para produzir o conhecimento”.

A história oral é um método de pesquisa que utiliza a entrevista como uma técnica e outros procedimentos articulados entre si, no registro das narrativas da experiência humana. Definida por Allan Nevis como moderna história oral, devido ao uso de recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento. (FREITAS, 2006, p.18)

Para Thompson (1992, p. 44)

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

A história oral permeia a reflexão dos fatos e permite analisar as fontes. Amado e Ferreira (2000, p. 13) defendem a ideia de que “dissociar a história oral da teoria é o mesmo que conceber qualquer tipo de história como um conjunto de técnicas, incapaz de refletir por si mesma”. As autoras ainda citam em sua mesma obra que “não só a história oral é teórica, como constitui um *corpus* teórico distinto, diretamente relacionado às suas práticas”. É correto afirmar que todo método pode possuir percalços:

Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação. (AMADO; FERREIRA, 2000)

As fontes orais evidenciam fundamentos e arcabouços históricos, ao passo que o estudo a distância dos atores da História, da concepção, podem gerar opiniões e fatos sujeitos a ficarem distorcidos ou serem descrições defeituosas pelo historiador, as projeções da experiência e da imaginação podem deixar o erudito acima da realidade. A transformação dos objetos em

sujeitos torna a história “mais rica, mais viva e mais comovente, e acima disto mais verdadeira.” (THOMPSON, 1992, p. 137)

Quando há escassez de registros para a temática proposta, a história oral passa a ser fundamental, no papel de procedimento metodológico que busca confeccionar os fatos no uso de narrativas e testemunhos, além de interpretações acerca da história. (DELGADO, 2006).

Tendo isso em vista, é necessário tomar cuidado com a postura adotada no processo, desde a inserção na comunidade até a entrevista; é preciso controlar alguns instintos, não influenciar ou induzir o entrevistado em suas respostas, por exemplo, sendo sempre imparcial e não tomar por base decisões e pensamentos de senso comum, não criar uma verdade, apenas traduzi-la de acordo com as informações recebidas.

Outra questão a ser abordada é da própria memória do indivíduo, onde sentimentos podem provocar distorção nos fatos e relatos, Martins (2002, p. 19) diz que a “memória oculta revela com omissão e distorção”. A memória resgata as distinções de vivências, sentidas em momentos particulares, possíveis acontecimentos; ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela “memória individual e/ou coletiva”. (MONTENEGRO, 1992/93, p.56)

Outro ponto a ser trazido à discussão é o fator da relação com o lugar e as memórias, histórias intrínsecas em movimentos migratórios, conforme explica Gomes (2000, p. 105)

Cada imigrante uma história; cada história uma trama que compõe a rede de uma história coletiva. Histórias individuais que cruzando caminhos criam memórias. Não se quer dizer com isso, que a história de uma coletividade seja o somatório de histórias individuais; afirma – se sim que a parte interage com o todo e que esses indivíduos, que buscaram sua realização na América, possuem em suas histórias vivências quotidianas comuns, que persistem e compõem o quadro mental de uma época.

A autora que escreve sobre as imigrações na América, e neste caso específico dos libaneses que desembarcaram no Brasil, destaca que as transformações sociais estão inerentes ao movimento, pois o conhecimento individual ou de uma cultura é tácito dela mesma, assim as divisões de, e em comunidades são parte do processo de adaptação. A trajetória dos árabes, sírios e libaneses tem sentido interiorano, “mascateando e vendendo seus



produtos próximos às grandes propriedades.” Mais tarde viriam a montar pequenos comércios fixos em estabelecimentos próprios. (GOMES, 2000, p. 105)

O estudo da memória é coerente e necessário, pois a história é escrita por meio dela, estando ligada às lembranças e imaginações vividas por cada indivíduo, por mais que a memória não possa ser considerada o tempo vivido. (ANTOCZECEN, 2015, p. 73)

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

De acordo com Santos (1998) a memória toma posse do indivíduo na proporção exata que o grupo em que se inclui é sua fonte de memória, apropriando-se da coletividade para utilizar no relacionamento com outros indivíduos. A construção das memórias ocorre quando um indivíduo está se relacionando com um grupo social, em um determinado tempo e espaço, adquirindo e absorvendo os fatos e experiências, armazenando em um local como sendo parte do passado. (SANTOS, 1998)

Halbwachs<sup>10</sup> creditava a memória coletiva como aquela que influencia e determina as memórias individuais, por se tratarem de uma constituição originariamente mais ampla.

A memória deve ser levada em consideração a partir do ponto que é entendida como fator de construção de uma consciência histórica, ou resgate histórico; passar pela memória é imprescindível. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. (LE GOFF, 2003, p. 471)

---

<sup>10</sup> Halbwachs foi um sociólogo francês e seu primeiro grande tratado sobre a memória foi o de seus quadros sociais de memória (1925), que ligava logicamente seu trabalho à teoria de Durkheim sobre "representações coletivas", com estudos anteriores da classe trabalhadora, nos quais desenvolveu uma obra durkheimiana assumindo que Marx havia discutido em termos de consciência de classe.

“Estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não ditos” (FELIX, 2004, p. 42).

Com tal abordagem, o pensamento é que as pessoas guardam histórias completas e, por vezes carregadas de sentimentos, assim em cada caso deve ser entendido como um significado histórico particular. Podem ocorrer distorções de fatos e memórias insuficientes para serem determinantes historicamente, é preciso avaliar o teor em cada caso.

Matos e Senna (2011, p. 97) destacam que a história oral, sendo um procedimento metodológico, registra e perpetua as vivências e impressões, as lembranças e memórias que são compartilhadas por meio dela com outros indivíduos, permitindo “um vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos”.

Além disso, utilizamos a análise de conteúdo, que consiste na

[...] observação e análise do conteúdo ou mensagem de texto escrito. Exemplos de texto onde a análise de conteúdo é tipicamente empregada incluem relatórios, contratos, anúncios, cartas, questões abertas em *surveys* e conteúdos semelhantes [...] (HAIR JR., 2003, p. 154)

O aperfeiçoamento dos dados coletados para a construção do trabalho passa pela busca de mais fontes além das próprias entrevistas. A história explícita de cada etnia passa a ter valor à pesquisa no que tange seu papel explicativo para determinadas conclusões, documentos, registros, falas, relatos que são materiais históricos e de certa forma herança material, vestígios daquilo que foi produzido pela humanidade em tempos passados; [a construção do conhecimento passa por seu legado ou deve ser revelado pelo historiador.] (SILVA e SILVA, 2009, p. 158).

Burke (2008) afirma que há um padrão, e que os símbolos possuem significados, sendo traduzidos e transmitidos pela história; a herança pode ser transmitida pelo conhecimento daquilo que está diretamente ligado a ela, por suas formas e conteúdo, seus materiais e símbolos.

Para abarcar o conteúdo intrínseco da proposta e obter resultados satisfatórios, a escolha das fontes é de suma importância para suprir as necessidades e auxiliar naquilo que se propõe. No caso deste trabalho, as

principais pessoas envolvidas são a primeira referência, sendo eles os imigrantes e descendentes.

Levando em consideração a questão temporal, muitos que vieram estabelecer moradia em Irati já não se encontram em vida; assim, seus filhos e netos passam a serem as bases para as entrevistas, bem como pessoas que de alguma maneira tem o conhecimento da vida dos libaneses no município. Neste caso, como relatado no método de pesquisa, adotou-se a coleta de depoimentos, por meio da elaboração de entrevistas semiestruturadas.

Outras fontes foram utilizadas, tais como fotografias, jornais, arquivos históricos municipais e livros.

O historiador ou pesquisador pode se valer destes materiais sempre que achar necessário, principalmente quando documentos escritos são escassos como aponta Febvre (1989, p. 249)

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador... Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

A interpretação do passado permite que este se torne história, quando é realmente tratado como tal; não havendo utilização adequada no tratamento passa a ser apenas “material bruto, fatos mortos fragmentados”. Será história apenas se debruçado sobre ele, refletido e interpretado como se exige que assim seja. (RÜSEN, 2001, p. 77).

“É comum dizer-se que os fatos falam por si. Naturalmente isto não é verdade. Os fatos falam apenas quando o historiador os aborda: é ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem ou contexto”. (CARR, 1996, p. 39).

É de suma importância ter definidos os acervos que serão utilizados, pois eles permeiam o conteúdo do trabalho proposto, revelam e constroem a base da dissertação, as implicações e suas margens, tornam possíveis a tradução daquilo que se busca em material concreto.

As orientações que são proporcionadas pelas fontes acarretam em um trabalho com coerência e conteúdo, fator importante para não haverem discussões a respeito da idoneidade daquilo que se propõe.

## CAPÍTULO I

### 1. A Imigração

Este primeiro tópico visa discutir a imigração no Brasil, com um breve histórico e alguns dos povos imigrantes que contribuíram para o desenvolvimento do país.

Antes do início das imigrações para o Brasil, alguns povos habitavam o país, eram aborígenes. Dentre estes, havia os tupinambás, tribos que viviam livres, sem organização econômica e sem política. “Os primeiros a chegarem aqui foram os colonos<sup>11</sup> portugueses<sup>12</sup> em 1530, que foram os responsáveis por tomar posse da terra em nome do rei de Portugal e estabelecer a colonização que atendesse seus interesses.” (MAZER, 2014, p. 01)

Apesar das altas taxas de natalidade observáveis na Europa como um todo, sua taxa de mortalidade ainda não havia sido controlada, e o continente se via em constantes lutas, o que fazia com que população fosse vista como um recurso escasso, que não apresentava excedente para ser “mandado” a outros locais. Por isso os enviados à essa colônia eram os presos e os indesejáveis (Levy, 1974 *apud* MAZER, 2014, p.01).

De acordo com Sassen<sup>13</sup> (1988, p. 32) “a população era tida realmente um recurso valioso, porém o crescimento demográfico populacional era muito lento, e havia necessidade de se colonizar mais terras, a mão de obra escassa era um problema do ponto de vista econômico”.

---

<sup>11</sup> Não consideramos os portugueses como imigrantes e sim colonizadores. Para muitos deles, o Brasil era um “purgatório”, do qual pretendiam eventualmente sair, escapar. Muitos outros foram vindo apenas para fazer riqueza e retornar. (ANTONIL, A. J. **Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas**, 1711)

<sup>12</sup> Na chegada dos portugueses não se fala de emigração, posto serem as terras coloniais extensão das terras portuguesas, de um império colonial que se apresentava como *um trunfo de ouros* no contexto político e econômico da época. Os portugueses *partiram como se nunca tivessem saído de casa*, segundo LOURENÇO (2001, p. 50), e foram descritos como senhores da terra, capazes de castigar, mutilar e matar todos os demais povos submetidos ao seu mando. Por conseguinte, o português continuou a ser português na América, mera expansão da Lusitânia. (MONTEIRO, L. F. **Retórica da Alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira**. Coimbra, 2013)

<sup>13</sup> SASSEN, Saskia. **The Mobility of Labor and Capital: A study in international investment and labor flow**. New York: Cambridge University Press, 1988.

Para que a colônia desenvolve-se (gerasse lucros), mais portugueses eram trazidos, assim como os primeiros escravos africanos. Estes formariam o alicerce da colonização brasileira. (NOVAIS, 1979)

Essa ideia de desenvolvimento da colônia é algo que disfarça a realidade, quanto mais pessoas produzindo, mais lucros eram gerados para a metrópole e a coroa portuguesa.

Partindo para o deslocamento dos imigrantes entre os séculos XIX e XX, nos quais as motivações são consideradas transições demográficas, as populações europeias que passavam necessidades, econômicas e sociais, vislumbravam um novo mundo, buscavam um equilíbrio que suas vidas já não possuíam mais. (ANDREAZZA; NADALIN, 1994)

O mundo de que faziam parte tornava-se cada vez mais capitalista e o conservadorismo que era intrínseco a este promovia uma debandada em massa, o que de certa forma era positivo para o sistema, pois a expansão rendia frutos ao capitalismo e seu fortalecimento era inerente. (PETRONE, 1982)

O pensamento e desejo do Império brasileiro era a expansão do capital, para isso as terras deveriam ser cultivadas por pessoas que tivessem o mesmo anseio. Assim em 1808 foi promulgada uma lei que permitia aos estrangeiros o direito de adquirir gratuitamente propriedades no território nacional. Os mais bem quistos e esperados eram “artesãos, agricultores e colonos, sempre sob a supervisão do Império, formando pequenas propriedades e colônias, exemplificando os alemães no Sul e Sudeste.” Existiam “companhias internacionais responsáveis pelo recrutamento de imigrantes”, mas a mão de obra capacitada era evidentemente escassa. (OLIVEIRA, 2001, p. 14)

Em 1850, com a proibição do tráfico de escravos no Brasil, a lei que praticamente doava terras nacionais aos estrangeiros é revista, e a partir daquele momento era necessária a aquisição somente mediante pagamento pelas posses. (OLIVEIRA, 2001, p. 14) Conforme explica Gillies (2010, p. 1)

na segunda metade do século XIX, mais particularmente a partir de 1850, o governo monárquico brasileiro propôs-se adotar uma série de medidas para modernizar o Brasil que, embora escravista – significando não apenas a presença da escravidão, mas também o apego da elite agrária a este tipo de relação de trabalho e ao desejo de manutenção do trabalho escravo - desejava equiparar-se às

nações consideradas as mais civilizadas, particularmente a Inglaterra bem sucedida economicamente com a sua revolução industrial.

Existia um desejo de tornar o Brasil em um país multicultor, com várias pequenas propriedades ao lado das grandes. As lavouras, principalmente as cafezeiras, eram a principal atração ao imigrante. “Até o ano de 1896” já haviam entrado no Brasil cerca de 120 mil italianos para trabalhar nos cafezais. O país se autopromovia, intitulado-se como a terra promissora, e a busca por mão de obra ainda crescia, tendo a Europa como foco dos “agentes a serviço da imigração”, já que uma onda de crises tomava o Velho Mundo. (OLIVEIRA, 2001, p. 16)

Ao passo que a repressão praticamente expulsava os menos favorecidos principalmente da Europa, a América atraía-os, pois a construção do novo mundo, como era chamada, necessitava de novos habitantes com seu conhecimento prático e tecnológico. Assim as grandes campanhas e incentivos para receber estes povos foram intensificados, uma ideologia em favor da necessidade multilateral. (ANDREAZZA; NADALIN, 1994)

Com a abolição da escravidão no Brasil, um novo cenário de interesses surgiu no país. Muitos senhores de escravos não acreditavam na viabilidade de se estabelecer relações de trabalho livre com os libertos, então a demanda por outro tipo mão de obra tornava-se realidade, possibilitando a abertura e incentivo na chegada de imigrantes. O grande período da imigração brasileira ocorreu entre 1870 a 1930<sup>14</sup>, em que as estimativas apontam que cerca de 40 milhões de pessoas migraram para a América e em especial no Brasil. (PATARRA; FERNANDES, 2011)

O país passava por uma intensificação no âmbito de colonização, as atividades econômicas eram diversificadas, embora em determinados momentos uma sobrepusesse a outra, a criação de gado, o extrativismo, cultivo

---

<sup>14</sup> Com a grande crise mundial de 1929, o país passou a impor as primeiras restrições na entrada de estrangeiros. As restrições continuam crescendo até a instituição de quotas na Constituição de 1934 e mais tarde também na Constituição de 1937. Com a retomada das hostilidades na Europa e no Oriente que levaram à Segunda Guerra Mundial, os fluxos migratórios para Brasil foram praticamente interrompidos. Na segunda metade do século XX, a imigração para o país continuou de forma incipiente sem se notar nenhum fluxo de maior expressão. Tal fato, associado à praticamente inexistente emigração, indicava que, até meados dos anos 80 do século XX, o Brasil, em termos demográficos, poderia ser considerado um país fechado à migração. (PATARRA; FERNANDES, 2011, p. 69)

do café e demais culturas auxiliariam na expansão da economia e do próprio território nacional. Com isso, cada imigrante que chegasse poderia contribuir com seus conhecimentos e práticas, importantes principalmente tratando que estes que chegavam eram

colonos espontâneos, em busca de nova pátria, não como aventureiros, mas para refúgio e abrigo de seus penares, homens laboriosos e pacíficos com as distintas qualidades da raça a que pertencem, os colonos russos alemães não aportam em nossas praias guiados pela fantasia de colher riquezas imaginárias, mas apenas atraídos pela amenidade do nosso clima e pela fertilidade das nossas terras, trazendo consigo os instrumentos de trabalho e o frutos de suas economias, poderosos recursos com que dentro de pouco tempo poderão multiplicar os seus recursos, em proveito próprio e com grandes vantagens para o país. (RPPPR, 1878, p. 54)

Em resumo, Andreazza; Nadalin, (1994, p. 64) citam que “o período coberto pela segunda fase da imigração estrangeira no Brasil, na sua perspectiva regional, teve como tonalidade principal a continuidade da colonização, tanto por iniciativas oficiais como particulares”.

Referenciando mais especificamente algumas etnias que chegaram ao Brasil a partir do século XIX, a presença dos espanhóis<sup>15</sup>, por exemplo, é bastante importante, pois estiveram presentes na colonização brasileira desde o início e suas raízes já fixadas em território nacional tornam esta etnia imprescindível ao desenvolvimento do Brasil. (GUIMARÃES; VAINFAS, 2007)

Saindo do caráter colonizador e passando ao aspecto imigrante, algumas etnias merecem destaque, entre elas os espanhóis, que nos séculos XIX e XX chegavam ao país em grandes contingentes, formando a terceira maior colônia estrangeira no Brasil, atrás apenas de portugueses e italianos. A estimativa do Instituto Espanhol de Emigração é que cerca de 3,5 milhões de pessoas deixaram a Espanha rumo a terras brasileiras entre 1890 e 1940. Durante este período houve enfrentamentos econômicos e políticos que abriam

---

<sup>15</sup> “O balanço da presença espanhola no Brasil Colonial sugere, pois, importância bem maior do que o suposto. Foi histórica e demograficamente densa no extremo-sul do futuro Brasil. Foi estratégica e importante entre fins do Século XVI e meados do XVII. Foi permanente em todo o período Colonial através das influências recíprocas entre a cultura e as instituições lusitana e espanhola, intercâmbio herdado da própria Península. Mas tratou-se de uma presença sobretudo castelhana, quer cultural ou institucionalmente, quer do ponto de vista populacional, pois eram castelhanos os “espanhóis” que mais atuaram na América nesse período – e não catalães, bascos ou galegos. Assim ocorreria também na América Espanhola, antes de tudo castelhana, apesar de para ali terem se dirigido outros povos de Espanha, sobretudo no Século XVIII.” (GUIMARÃES; VAINFAS, 2007, p. 106)



portas ou fechavam barreiras, ocasionando inúmeras idas e vindas dos imigrantes. Mesmo com esta sazonalidade e com as implicações do governo brasileiro em 1921, restringindo a entrada de imigrantes no país, os espanhóis seguiam seu fluxo e as principais atividades econômicas que exerciam eram nas lavouras, cafeeiras e demais agrícolas, e mais tarde, na hotelaria. (GUIMARÃES; VAINFAS, 2007)

A imigração dos alemães teve seu marco em 1824, com a fundação da primeira<sup>16</sup> colônia na cidade de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, fato que acarretaria, por incentivo do Império brasileiro, novos estabelecimentos daí por diante. Mais concentrados no Sul do país, em suas primeiras instalações, os imigrantes oriundos da Alemanha passariam a se espalhar mais dentro do território nacional, criando novas colônias no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. (GREGORY, 2007)

Apesar da precariedade de números em relação à imigração alemã, como ocorre com outras etnias também, os dados revelam que a grande chegada destes no Brasil ocorreu a partir de 1850, “quando a colonização passou a ser responsabilidade dos governos provinciais, sendo que a vinda de alemães, quase exclusiva no início, mas embora crescente, passou a rivalizar, quantitativamente, com outras etnias” (GREGORY, 2007, p. 145)

A motivação da imigração alemã foi consequência da grande crise política e econômica em que toda a Europa enfrentava e o Brasil, mesmo não sendo o principal destino, era visto como esperança para o recomeço, a busca pelo crescimento econômico e principalmente social.

Segundo Gregory (2007) a maioria dos imigrantes alemães que vieram ao Brasil ocuparam atividades na indústria, no artesanato e no comércio, eram profissionais do meio urbano. Assim, por vezes, não se adaptavam a falta de estrutura das colônias e buscavam melhores condições nos centros urbanos. Considerando de uma maneira geral, Gregory (2007) afirma que os imigrantes alemães contribuíram significativamente na agricultura, urbanização e na industrialização brasileira, sem deixar de lado o legado cultural.

Entre os imigrantes com maior influência e contingentes no Brasil, os italianos representaram “42% daqueles que chegavam a terras brasileiras entre

---

<sup>16</sup> Segundo relatos já existiam outros grupos de alemães estabelecidos no Brasil, mas em São Leopoldo foi de fato fundada a primeira colônia. (GREGORY, 2007, p. 143)

1870 e 1920” em busca da prosperidade. A preocupação pelo preenchimento de terras vazias<sup>17</sup> por parte do Império brasileiro, em ocupar os interiores com uma população branca, também atraída para a política do branqueamento<sup>18</sup>, faziam com que os italianos fossem vistos como primordiais ao país, dessa forma eram bem vindos. (GOMES, 2007, p. 162)

As razões da imigração italiana eram as mesmas de alemães, portugueses e espanhóis, isto é, a crise que assolava a Europa, apesar de a industrialização italiana estar iniciando uma nova era. Os italianos que chegaram ao Brasil foram de suma importância nas lavouras cafeeiras, porém destacaram-se na indústria e em outras lavouras da mesma maneira. (GOMES, 2007)

De acordo com Kodama (2007) os japoneses tem seu princípio migratório registrado no Brasil em 1908, porém o que marcou o início da migração naquele país ocorreu décadas antes.

O Japão, então, passava pela Restauração Meiji, de 1868, que implicou as mudanças econômicas e políticas que inseriram o país no mundo moderno. Este período foi marcado pela queda do xogunato e pela volta do poder nas mãos do imperador, com a promulgação de uma nova constituição à luz das constituições modernas ocidentais. Como parte das modernizações que marcaram o período, estava o aprofundamento do processo de abertura do país para o estrangeiro, e o estabelecimento de tratados comerciais com outros países. (KODAMA, 2007, p. 199)

Os japoneses buscavam melhores condições de vida, assim como a maioria dos imigrantes de outras etnias; o Brasil era promissor e incentivava a entrada de estrangeiros, mesmo sendo até então controversas as intenções

---

<sup>17</sup> Essa expressão é utilizada com o significado de não haver pessoas brancas ocupando essas terras, porém, índios habitavam muitas destas terras.

<sup>18</sup> A miscigenação se transformou em assunto privilegiado no discurso nacionalista brasileiro após 1850, vista como mecanismo de formação da nação desde os tempos coloniais e base de uma futura raça histórica brasileira, de um tipo nacional, resultante de um processo seletivo direcionado para o branqueamento da população. (SEYFERTH, 1996, p.43)

A teoria brasileira do “branqueamento”(…) [é] aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil (…) baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e menos adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros que elas. (SKIDMORE, 1989, p.81)

acerca dos povos asiáticos, principalmente porque a necessidade nacional era de mão de obra para as lavouras cafeeiras e os asiáticos não apresentavam este perfil. (KODAMA, 2007)

Aqueles que chegaram se instalaram em lavouras, com a intenção de reunir condições para regressar futuramente a sua terra natal; porém, a maioria se viu frustrada com a situação que se estabeleceu no Brasil, suas ocupações e o grande embate cultural. “Mentiu quem disse que o Brasil era bom, mentiu a companhia de emigração; no lado oposto da Terra cheguei, fiado no Paraíso, para ver o Inferno”. (HANDA, *apud* SAKURAI, 1993, p. 46) Mais tarde, já ambientados, os imigrantes viriam a se destacar na produção de algodão, hortaliças e bichos da seda. (KODAMA, 2007)

Tabela 02: Entrada de Imigrantes no Brasil de 1884 à 1933.

<b>Nacionalidade</b>	<b>1884-1893</b>	<b>1894-1903</b>	<b>1904-1913</b>	<b>1914-1923</b>	<b>1924-1933</b>
<b>Alemães</b>	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
<b>Espanhóis</b>	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
<b>Italianos</b>	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
<b>Japoneses</b>	-	-	11.868	20.398	110.191
<b>Outros</b>	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
<b>Portugueses</b>	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
<b>Sírios e Turcos</b>	96	7.124	45.803	20.400	20.400
<b>Total</b>	<b>883.668</b>	<b>852.110</b>	<b>1.006.617</b>	<b>503.981</b>	<b>717.223</b>

Fonte: IBGE, 2000, p. 226.

A tabela mostra a imigração italiana foi a maior até 1933, enquanto sírios e turcos tiveram menor incidência. O período entre 1904 a 1913 foi aquele que registrou maior entrada de imigrantes no Brasil, com destaque para a chegada em grande número de portugueses.

Segundo dados do IBGE (2013) em 1890 chegaram ao Brasil os primeiros imigrantes poloneses e cinco anos mais tarde os ucranianos. Estes se fixaram principalmente na região sul do país, ainda mais especificamente no estado do Paraná. Sua principal ocupação e aptidão seria a lavoura e com o

seu conhecimento e pratica seriam de grande importância no desenvolvimento agrícola da região.

### **1.1 Imigração Árabe**

[Segundo Moot (2007) alguns estudiosos e historiadores definem os primeiros árabes no Brasil]. Para Safady (1972) o primeiro árabe a desembarcar no Brasil pode ter sido o libanês Antun Elias Lupos em 1808; [não existe unanimidade nas informações] Nunes (1996) acredita que Youssef Moussa foi o precursor em 1880; porém Knowlton (1960) explica que existe certo grau de dificuldade em definir o pioneirismo país por país, pois aqueles chegavam, turcos, libaneses, sírios, palestinos, iraquianos, egípcios, enfim, todos possuíam características similares entre si, língua e aspectos culturais. De qualquer forma

é importante lembrar que os colonos migrantes (alemães, italianos, poloneses, ucranianos, entre outros) adaptaram-se ao seu país de destino, sem abdicar de valores, de culturas e de estilos de vida, sendo construído, a partir deles, um novo espaço social onde se constituiu um modo de ser singular do colono migrante. (GREGORY, 2007, p. 147)

Apesar de alguns que desembarcavam serem oriundos de áreas rurais, poucos se aventuraram na atividade, pois as condições precárias que sofreram em seus países os deixaram aterrorizados. Então, em terras brasileiras, sua principal atividade seria o comércio, no intuito de adquirir riquezas e um dia poderem voltar para casa. (MOOT, 2007)

Espinola (2005, p.68) explica: “ainda que na terra de origem a dedicação ao comércio não tenha sido tão marcante, a maioria dos que chegaram era agricultores de pequenas propriedades ou artesões”. O sistema de lavoura que os imigrantes encontravam no Brasil era diferente daquele que conheciam. Como não possuíam recursos para adquirir suas propriedades, “teriam que se fixar como colonos assalariados e após pelo menos duas gerações conquistar o acesso à terra”.

Desse modo, Espinola (2005, p. 68) afirma que

por serem solteiros, a maioria havia emigrado com o desejo de retornar à terra de origem, o que os motivou a exercer uma atividade que os mantivesse na condição de trabalharem por si próprios. A vocação comercial foi a resposta encontrada, a mascateação o negócio que deu certo. Há fortes indícios de que o comércio prestamista de bens de consumo para indivíduos de baixa renda tenha sido introduzido no Brasil pelos mascates-imigrantes sírios, libaneses e judeus.

Os mascates árabes, principalmente sírio-libaneses, logo tornariam a atividade comercial uma marca registrada de sua etnia, os italianos e portugueses anteriormente já praticavam algum tipo de comércio, mas trabalhando com peças pequenas como joias e bijuterias eles conseguiam arrecadar mais divisas e assim expandir seus negócios. (KNOWLTON, 1960)

Mauad (2000) destaca que entre 1890 e 1929 cerca de 73 mil sírio-libaneses desembarcaram no Brasil, recriando suas histórias, em busca de prosperidade e correlacionando novas memórias. Junto com cada imigrante que chegava existia o desejo de refazer suas vidas, assim, as transformações sociais eram eminentes, porém já imaginadas neste processo. “É necessário então negociar que lugar se ocupa nesse novo espaço, qual a identidade que será construída nesse jogo que é a migração” (OSMAN, 2006, p. 297).

Sahr e Lowen Sahr (2000) destacam que, para vencer as restrições culturais por parte dos imigrantes, deve existir uma estrutura flexível entre os envolvidos, e a chamada transposição cultural deve fazer parte de um processo que por vezes é complexo e contraditório. Deve ser parte do processo de adaptação saber contornar eventuais problemas. Geralmente, utilizando mecanismos como possuir duas línguas, relações sociais e elementos culturais, a transposição cultural torna o processo mais fácil à adaptação social.

Sayad (1999) afirma que toda imigração tem intuito de trabalho, sendo que homens basicamente são os pontos de partida de tal processo. A missão é angariar fundos suficientes para repassar aos familiares que organizaram a imigração. Quando o objetivo de acumular dinheiro não é atingido, passa a ser a imigração de fato, assim os demais familiares seguem o mesmo curso, filhos, esposas, considerando a segunda forma de imigração.

Osman (1988) explica que o movimento migratório libanês segue a linha descrita por Sayad, sendo que é um processo de ordem masculina, existindo um determinado planejamento a ser seguido, envolvendo não só a família conjugal como a família de parentes. A busca pela melhoria da economia familiar e aporte social são os responsáveis pela tomada de atitude, articulando a imigração. Aqueles que rumam ao novo ambiente são responsáveis por repassar divisas àqueles que ficam, e isso de fato ocorre, demonstrando que passa a existir uma rede estruturada de aporte imigrante.

Os movimentos migratórios do Líbano são divididos em 6 períodos<sup>19</sup>, sendo que o segundo é aquele que caracteriza essencialmente a imigração para o Brasil, compreendido entre os anos de 1900 a 1914. Nessa fase, que coincide com a presença do Império Turco-Otomano no Líbano, a emigração foi constituída com a “presença de intelectuais e uma classe mais abastada (médicos, professores, poetas, escritores)” na busca, principalmente, de contrapor aos “otomanos e também para evitar o alistamento militar.” (OSMAN, 2006, p. 43)

Do ponto de vista da imigração para o Brasil,

segundo dados apresentados por Oswaldo Truzzi, o movimento iniciou-se pouco a pouco nos anos 1880, tomou fôlego em 1895, crescendo continuamente de 1903 a 1913. Neste ano, houve a entrada de 11.101 imigrantes sírio-libaneses pelo Porto de Santos. Nos anos 1920, a taxa manteve-se na média de 5.000 entradas por ano, diminuindo ao longo dos anos 30 com a implantação de medidas restritivas por parte do governo central. De 1908 a 1941, os sírio-libaneses representaram a sexta nacionalidade com o maior número de entradas em São Paulo. (GATTAZ, 2005, p. 25)

De acordo com Gattaz (2012, p. 25), em meados do século XIX, o Líbano apresentava “alta densidade populacional” e a produção na agricultura encontrava-se precária. Devido a esses fatores, as “necessidades econômicas e materiais” eram eminentes, “fator este que se encontra na origem da emigração libanesa, e que ao longo dos anos desempenhou importante papel.”

O Líbano, principalmente em sua área agrícola, era muito pobre e apresentava dificuldades em se desenvolver, por isso

---

<sup>19</sup> Vide tópico **O Líbano: suas vocações e provações**

a pobreza das áreas rurais continuou desempenhando papel importante ao longo das demais fases da imigração libanesa, em que grande parte do contingente imigratório foi composta por pessoas, especialmente muçulmanos, provenientes das pequenas aldeias do Vale do Bekaa e do sul do Líbano, regiões que foram excluídas do desenvolvimento que Beirute, o Monte Líbano e as cidades litorâneas conheceram ao longo das décadas 1950 e 1960 e que beneficiou principalmente as populações cristãs. (GATTAZ, 2012, p. 26)

A imigração libanesa, em sua primeira etapa, é de cristãos<sup>20</sup>. Estes não contavam com auxílio de um Estado que desse suporte a eles, na questão de orientar ou protegê-los de eventuais problemas. (HAJJAR, 1985)

Moot (2007), assim como Hajjar (1985), afirma que a maioria dos imigrantes árabes que desembarcaram no Brasil, na primeira etapa da imigração, era cristã. Destacando um maior contingente advindo da Síria e do Líbano, principalmente pelo sofrimento acarretado pelo Império Otomano, que passava a obrigar o alistamento no exército de todos os cristãos a partir de 1909, além das condições precárias que enfrentavam em seus países.

Conforme explica Hajjar (1985 *apud* ESPINOLA, 2005, p. 68), a segunda etapa migratória, compreendida pós 1945,

conta com cidadãos que se consideram em sua maioria árabes e a causa árabe como sua “causa nacional”, mesclando-a com a questão Palestina ou a questão libanesa. Receberam influências das lutas político-religiosas da região, e a presença de consulados e embaixadas os liga aos seus diferentes Estados.

Os principais pontos de partida rumo a América eram os portos de Beirute e Trípoli, sendo que as lideranças responsáveis pela viagem eram agências francesas, italianas ou gregas. Saindo do seu local de origem eram obrigados a esperar meses em portos de conexão e como se isto não bastasse, eram enganados diversas vezes, pois muitos dos imigrantes tinham o desejo de ingressar em terras nos Estados Unidos, entretanto as companhias

---

<sup>20</sup> O último recenseamento oficial foi realizado em 1932 e, por isso, não há estimativas oficiais precisas da demografia religiosa do país. De acordo com as estimativas, os não cristãos incluem mais de metade dos cidadãos do Líbano. Os maiores grupos são muçulmanos sunitas e xiitas. O Líbano tem a porcentagem mais elevada de cidadãos cristãos no mundo árabe. Calcula-se que os cristãos constituam cerca de 35% dos cidadãos. Há dezoito comunidades religiosas registradas oficialmente. O maior grupo cristão é a Igreja Maronita. Há também uma minoria drusa. Na cidade de Trípoli, especificamente, há uma minoria alauíta. Além disso, há um número muito reduzido de judeus. Novas estimativas apontam que atualmente 48% da população libanesa seja adepta ao cristianismo. (LÍBANO. **Liberdade Religiosa no Mundo**, Relatório 2016)

os desembarcavam no Brasil ou Argentina. Os desembarques em terras brasileiras ocorriam nos portos de Santos ou Rio de Janeiro. (MOOT, 2007)

## 1.2A Imigração no Paraná

Até 1853 a população do território paranaense era formada, em sua quase totalidade, por luso-brasileiros, etnias indígenas, escravos e libertos; tendo como atividade econômica a extração da erva mate e o tropeirismo.

A imigração<sup>21</sup> no estado do Paraná<sup>22</sup> tem seus primórdios a partir do ano de 1853. A antiga 5ª comarca, de São Paulo é emancipada tornando-se Província. A partir desse momento, foram realizadas campanhas imigratórias, inicialmente subvencionadas pelo Império brasileiro e mais tarde, procurando incentivar para que as etnias que já habitavam o Brasil trouxessem suas famílias ao Estado e constituíssem residência.

Para se ter uma ideia, somente a colônia do Assunguy recebeu 13 nacionalidades diferentes a partir de 1860, como destaca Gillies (2014, p. 02):

a partir de 1860, a colônia do Assunguy recebeu colonos de aproximadamente 13 nacionalidades diferentes: alemães, ingleses, franceses, suíços, austríacos, italianos, espanhóis, irlandeses, suecos, holandeses, canadenses, islandeses e brasileiros. A documentação do Arquivo Público do Paraná indica que imigrantes norte-americanos foram enviados para lá, mas recusaram-se a se estabelecerem no núcleo, “sob a alegação de que ali não encontravam mercado para seus produtos e nem os confortos da vida”.

De acordo com o Governo<sup>23</sup> do Estado do Paraná (2018), entre “1860 a 1880, foram estabelecidas 27 colônias, com imigrantes alemães, poloneses,

---

<sup>21</sup> Histórico fundamentado no site oficial do Governo do Estado do Paraná. Acesso em: 25 de Julho de 2017. Disponível em:

<<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=77>>

<sup>22</sup> É importante esclarecer que, embora este item esteja evidenciando os imigrantes, não se pretende, com isto, promover a ideia do Paraná como um “Brasil diferente”, muito difundida por intelectuais da década de 1950, envolvidos no chamado paranismo, que “inventou” o Paraná europeu e branco. De fato, entre os estudos de peso, baseado em evidências documentais, pode-se destacar a pesquisa realizada por Octávio Ianni (1961). Ele destacou também a presença de uma parcela considerável de negros no Estado, dado este corroborado por estudos recentes que apontam um contingente de aproximadamente 27% de negros no Paraná, porém, aumentando as autodefinições de mais habitantes como afro-descendentes.

<sup>23</sup> PARANÁ. História do Paraná. Disponível em: < <http://www.cultura.pr.gov.br/pagina-1.html>> Acesso em: 06 de abril de 2018.



italianos nos arredores de Curitiba, Paranaguá, São José dos Pinhais, Antonina, Lapa, Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa e Araucária”.

A colonização em massa partiria depois do decreto do fim da escravidão no país, e a mão de obra passava a ser assalariada. Neste momento a busca por emprego tornava-se realidade e as fazendas de café do norte do Paraná foram o principal destino.

Não somente houve um desenvolvimento na cultura do café, mas a pecuária que já era uma das principais produções do Estado, também passaria a receber pessoas dispostas a contribuir no desenvolvimento, a alternativa de mão de obra assalariada tornaria essa cultura ainda mais forte.

O Paraná foi colonizado por mais de 28 etnias<sup>24</sup> e cada uma delas com costumes e tradições que ainda hoje podem ser sentidas e vivenciadas, por meio da gastronomia, festas típicas, idiomas e crenças.

Entre 1853 e 1886 a Província do Paraná recebeu cerca de 20 mil imigrantes, que se estabeleceram em diversas regiões, constituíram colônias e firmaram raízes, contribuindo para o desenvolvimento local e regional.

Os primeiros a chegarem ao Paraná foram os alemães, quando ainda era comarca de São Paulo, em 1829. Entretanto a grande chegada deste grupo ocorreu entre as guerras mundiais, na busca pela paz e desenvolvimento socioeconômico. Estes imigrantes foram responsáveis pela implantação e ampliação de atividades como: olaria, agricultura, marcenaria e carpintaria. As principais colônias alemãs no Estado foram constituídas em Rio Negro, Cambé e Rolândia.

A produção cafeeira do Paraná atraiu muitos imigrantes, e o chamado Norte Novo, situado entre Londrina e Maringá recebeu os portugueses em meados do século XIX. Ali também se estabeleceram os japoneses, porém com outras especialidades, a dedicação desta etnia estava voltada ao cultivo da lavoura, implementando técnicas agrícolas, piscicultura, horticultura e fruticultura. O caqui e o bicho da seda foram introduzidos pelos japoneses.

A lavoura de café foi o local escolhido também pelos imigrantes italianos, os quais também contribuíram significativamente na indústria paranaense e na

---

<sup>24</sup> Índios, portugueses, negros africanos, alemães, luxemburgueses, holandeses, franceses, ingleses, espanhóis, ucranianos, poloneses, japoneses, italianos, chineses, coreanos, sírios, libaneses, armênios, austríacos, suíços, canadenses, suecos, lituanos, letões, belgas, russos, turcos, irlandeses entre outros.

formação de associações trabalhistas<sup>25</sup>. As maiores colônias de imigrantes e descendentes atualmente no Estado estão em Curitiba, Morretes, Palmeira e Lapa.

Os poloneses chegaram ao Paraná de maneira significativa em meados de 1871, constituindo diversas colônias na Província, entre as quais, a região de Irati foi a mais habitada. A agricultura foi a principal ocupação desta etnia, contribuindo para o aumento produtivo da atividade, além de grande colaboração com tecnologias nesta cultura.

Outra etnia que se fixou nas proximidades de Irati foram os holandeses. Em sua chegada no ano de 1909, constituíram colônia em Gonçalves Junior, e trouxeram contribuições. Dedicaram-se à pecuária, sobretudo na produção de laticínios. Nos Campos Gerais em 1925 fundaram uma Cooperativa Holandesa, tornado sólida a colônia de Carambeí.

Em 1895 os ucranianos chegavam ao Paraná e mais de 20 mil imigrantes constituíram suas colônias principalmente em Prudentópolis e Mallet. O Estado possui atualmente o maior contingente de imigrantes e descendentes ucranianos do Brasil, cerca de 350 mil de um total de 400 mil.

Os municípios de Jacarezinho, Santo Antonio da Platina e Wenceslau Brás foram as primeiras colônias constituídas por espanhóis no Estado. Durante a segunda Guerra Mundial e logo ao seu fim, ocorreu o auge de imigrações desta etnia, sendo que o Norte foi mais uma vez o local escolhido. Suas ocupações estão principalmente relacionadas às atividades de comércio e indústria de móveis.

Por fim, mas não menos importante, os árabes. Estes tiveram e ainda tem uma grande ligação com o Estado do Paraná, sendo que Curitiba recebeu um grande contingente de pessoas desta etnia no pós-guerra, em que chegaram a representar 10% da população da capital. Atualmente Foz do Iguaçu possui a maior colônia árabe do Paraná. Suas contribuições podem ser sentidas principalmente na gastronomia e suas principais atividades econômicas, além da mascatearia, foram na literatura, na arquitetura e no comércio de vestuário.

---

<sup>25</sup> Por outro lado, este tipo de contribuição levou a criação de leis que permitiam expulsá-los do Brasil como agitadores.

Tabela 03: Constituição das Colônias/ Imigração no Paraná

Início - Colônia	Local	Imigrantes	Atualmente
1829 - Rio Negro	Rio Negro -PR	Alemães, Luxemburgueses (248)	Rio Negro - PR
1829 - Núcleo Colonial Miguel Calmon	próxima ao Rio Ivaí	Poloneses, Ucrânicos, Alemães e Negros (519)	Bom Jardim do Sul -PR
1847 - Colônia Thereza	próxima ao Rio Ivaí	Franceses (87 imigrantes)- fundador: Dr. João Maurício Faivre	Ivaí - PR
1852 - Colonia Superagüi	Paraná	Alemães, Suíços, Franceses e outros (85 imigrantes)	Guaraqueçaba-PR
1856 - Colônia Teófilo Otoni	Paraná	Alemães	Teófilo Otoni
1860 - Colônia do Assungui	Na Ribeira - Estrada do Assungui	Ingleses, Franceses, Italianos e Alemães (949 imigrantes)	Cerro Azul - PR
1869 - Colônia Angelina	Curitiba - PR	Alemães, Suíços,Franceses e Argelinos	Curitiba
1870 - Colônia Pilarzinho	Curitiba	Alemães, Poloneses e Italianos (242 imigrantes)	Curitiba - PR
1871 - Col. São Venâncio	Curitiba	Alemães, Poloneses e Suecos (160)	Curitiba - PR
1871 - Colônia Tomás Coelho	Araucária	Poloneses	Curitiba - Paraná
1873 - Colônia Abranches	Curitiba	Alemães e Poloneses (323)	Curitiba
1875 - Colônias: Colônia Santa Cândida	Curitiba	Poloneses, Suíços e Franceses (340)	Curitiba - PR
1875 - Colônia Orleães	Curitiba	Poloneses, Italianos, Suíços, Franceses e outros (290)	Curitiba _ PR
1875 - Colônia Alexandra	Paranaguá	Italianos (320)	Paranaguá - PR
1875 - Colônia Pereira	Paranaguá	Italianos e Espanhóis (115)	Paranaguá - PR
1876 - Colônia Tomaz Coelho	Araucária	Poloneses, Galicianos e Silesianos (1.295)	Araucária - PR
1876 - Colônia Santo Inácio	Curitiba	Poloneses, Silesianos e Galícios	Curitiba- PR
1876 - Colônia Lamenha	Curitiba	Alemães e Poloneses (746)	Curitiba- PR

1877 - Colônia Rivière	Curitiba	Alemães, Franceses e Poloneses (406)	Curitiba - PR
1877 - Linha Entre Rios	Morretes	Italianos (50)	Morretes - PR
1877 - Colônia Nova Itália	linha América	Italianos (150 imigrantes)	Morretes - PR
1877 - Linha Sesmaria	Morretes	Italianos (620)	Morretes - PR
1877 - Colônias: Cari, Marques, Rio Sagrado	Morretes	Italianos	Morretes - PR
1877 - Colônias: Ipiranga, Zulmira e Turvo	Antonina	Italianos	Antonina - PR
1878 - Colônia Santa Felicidade	Curitiba	Italianos (580)	Curitiba - PR
09/1878 - Colônia S. Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra	S. J. Pinhais - PR	Trentinos, Tirolêses (Italianos do Valle di Primiero)	Piraquara - PR
1878 - Colônia Muricy	São José dos Pinhais	Poloneses e Italianos (397)	São José dos Pinhais-PR
1878 - Colônia Antonio Rebouças	Campo Largo	Italianos e Poloneses (244)	Campo Largo - PR
1878 - Colônia Octávio (linha Taquary)	Ponta Grossa	Alemães do Volga (214)	Ponta Grossa - PR
1878 - Colônia Octávio	núcleos: Tibagy, Guaraúna, Uvaranas, Floresta, Eurídice	Alemães do Volga	Ponta Grossa - PR
1878 - Colônia Virmond	Lapa	Alemães do Volga (44 imigrantes)	Lapa - PR
1878 - Linha Santa Quitéria	Palmeira - PR	Alemães do Volga (175 imigrantes)	Palmeira-PR
1878 - Colônia Sinimbú	Linha Marcondes ( Pugas )	Alemães do Volga (50 imigrantes)	Palmeira-PR
1878 - Núcleo Hartmann	Palmeira - PR	Alemães do Volga (149 imigrantes)	Palmeira - PR
1886 - Colônia Santa Christina depois, Colônia Cristina	Campo Largo	294 imigrantes Poloneses	Araucária-PR
1890 - Colônia Contenda	Contenda	Poloneses	Contenda-PR
04/1890 - Colônia Cecília	Palmeira	Anarquistas Italianos (150)	Palmeira-PR

1891 - Colônia Sta. Bárbara	Palmeira	Alemães, Poloneses, Ucrânianos e Italianos	Palmeira-PR
1891 - Colônias: Augusta Victoria e Lucena	Rio Negro	Alemães e Poloneses (250)	Rio Negro-PR
1892 - Colônia Apucarana	Guarapuava	Poloneses e Ucrânianos (1342 imigrantes)	Guarapuava-PR
1895 - Campo da Galícia	ao longo da atual Av. Cândido Hartmann - Curitiba	Ucrânianos	bairro do Bigorriho, Curitiba-PR
1896 - Colônia Prudentópolis	Prudentópolis (com 30 núcleos)	Poloneses, Alemães, Ucrânianos e outros (16.637)	Prudentópolis-PR
1907 - Colônia Senador Correia	Guarapuava	Ucrânianos (3.132 imigrantes)	Prudentópolis-PR
1907 - Colônia Ivay	Ipiranga - linhas Calmon e São Roque	Ucrânianos, Alemães, Poloneses, Holandeses (4.840 imigrantes)	Ipiranga-PR
1908 - Colônia Irati	Irati	Alemães, Poloneses, Holandeses e Ucrânianos (1.379)	Irati-PR
1910 - Colônia Cruz Machado	Guarapuava	Poloneses, Alemães e Ucrânianos (4.474)	Guarapuava-PR
1911 - Colônia Carambeí	Castro	Holandeses (450)	Castro-PR
1924 - Colônia São Miguel	Joaquim Távora	Lituânicos, Letões, Poloneses, Ucrânianos e Alemães	Joaquim Távora-PR
1924	redondezas do bairro Uberaba, Campo Comprido, Araucária	Japoneses	referidos bairros de Curitiba-PR
1927 - <u>Colônia Dantzig</u>	depois "Vila de Nova Dantzig"	Poloneses e Alemães	Cambé-PR
1927/1932 - Gleba Três Barras	Assahi	Japoneses	Assaí-PR
1933 - <u>Gleba Roland</u>	Rolândia	Alemães	Rolândia-PR
1937 - <u>Colônia Esperança</u>	Arapongas	Eslavos e Japoneses	Arapongas-PR
1940 - Colônia Cafezal	Rolândia	Japoneses	Rolândia-PR
1940/1950 – Paranaguá	Paranaguá	Árabes	Curitiba/ Foz do Iguaçu

Fonte: RUIZ, Glacy Weber. Editado e adaptado por GODOI, 2017.

### 1.3A Imigração em Irati

O Estado do Paraná<sup>26</sup> tem seu início no ano de 1557, com os espanhóis em seu domínio, antes de se tornar Província de Vera ou do Guayrá. Eram terras habitadas pelos índios Tupis, Carijós e os Caiuás. Junior; Ordoñez; Sales (1996, p.22), explicam que:

Os índios viviam da caça, da pesca e da coleta de alimentos. Algumas tribos praticavam uma agricultura simples, plantando principalmente milho, mandioca, abóbora e batata - doce. O trabalho agrícola era normalmente feito pelas mulheres. Algumas tribos desenvolviam um bonito trabalho de cerâmica e cestaria.

Tratando especificamente das raízes do Estado<sup>27</sup> e dos ciclos da economia paranaense, o primeiro foi o ciclo do Ouro. Em 1648 foi fundada a cidade de Paranaguá às margens do Rio Taquaré, hoje Itiberê, na mesma época surgia também Curitiba. Wachowicz (1995) explica que os mineradores tiveram uma vida bastante difícil em relação principalmente à alimentação, entendendo que tudo que chegava até eles era de um custo alto, pois o caminho percorrido era longo e poucos eram aqueles que se dedicavam à agricultura e pecuária na região. Schmidt e Filizola (1988, p. 25) relatam que:

As casas eram cabanas de pau - a- pique, prendido com barro. O telhado era coberto por capim ou folhas de butiá, uma espécie de palmeira. O chão era de barro batido. A mobília, muito simples: mesa com bancos, cama e arcas que serviam para sentar e guardar cereais ou roupas.

Minas Gerais passaria a tomar conta da lavra do ouro logo após, e com o comércio de carne bovina vindas do Rio Grande do Sul, abastecendo São

---

<sup>26</sup> A Secretaria de Cultura do Paraná (2017), diz que o início do processo de ocupação de toda a região que hoje se localiza o Estado do Paraná representa 9000 anos de história. Acerca desse aspecto é explicado: [...] “as provas materiais dessa história são encontradas em todo o território paranaense nos vários sítios arqueológicos já pesquisados como: os sambaquis no litoral e as pinturas rupestres, nos Campos Gerais. Nesses locais encontramos vestígios materiais importantes que revelam como viviam os habitantes desta terra antes da vinda dos primeiros europeus para a América”. (PARANÁ, 2017).

<sup>27</sup> Histórico fundamentado com base nas informações da Secretaria de Turismo do Paraná. Disponível em: < <http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=87>> Acesso em: 12 de maio de 2017.

Paulo e com passagens pelo Paraná, o segundo ciclo surgia, o tropeirismo<sup>28</sup>. Rollemberg (2010), explica que os tropeiros transportavam o ouro e as mercadorias em animais de carga, além do gado vindo do Sul. Wachowicz (1988) destaca que o tropeiro teve um papel ilustre no cenário paranaense, sendo o que veio a fazer a função de correio pela própria vontade, um prestação de serviços ausente na época, entregando cartas e recados por onde passava.

Mais tarde as ferrovias começavam a se desenvolver, fazendo com que o tropeirismo perdesse forças. Junto a este desenvolvimento, uma descoberta indígena surgia como o novo Ouro no século XIX, a erva-mate<sup>29</sup>. Iniciava-se o terceiro ciclo da economia paranaense. A erva-mate foi primordial para a economia e desenvolvimento do Paraná, bem como das classes sociais.

Em 1853, possuía o Paraná 90 engenhos de beneficiamento do mate, tendo o produto paranaense alcançado grande consumo nos mercados de Buenos Aires, Montevideú, Valparaíso no Chile e Rio de Janeiro. Sua importância econômica, na condição de principal produto paranaense, ultrapassou o período provincial e, até a década de 1920, foi o esteio da economia do Paraná, apesar da forte concorrência oferecida pelo Paraguai. A exploração do mate fez surgir no Paraná um certo bem-estar e confiança no futuro, chegando a formar no interior uma classe média, composta de produtores, os quais, devido à posição conquistada na sociedade, vão exercer forte influência na política local. (WACHOWICZ, 1995, p. 128)

Depois os ciclos que sucederam foram o da madeira, também muito importante para o contínuo desenvolvimento do Estado, seguido do café, igualmente de importância na construção de cidades e regiões produtoras.

Parte das correntes migratórias que se dirigem para as cidades, são observadas quando há desigualdade nas taxas de crescimento da economia e as ofertas de emprego ficam escassas. Quando existem empregos, os salários não são satisfatórios, pensando em termos de se ter uma boa qualidade de vida. Em contrapartida novos lugares passam a se tornar atrativos sob esta perspectiva, com dinâmicas públicas e sociais que chamam a atenção de

---

<sup>28</sup> O tropeirismo no Paraná fundou cidades como Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Tibagi, Piraí do Sul, Jaguariaíva e Sengés incorporando ainda ao linguajar paranaense inúmeros termos, em uso até hoje.

<sup>29</sup> Boguszewski (2007, p.22), "Apesar de algumas tentativas de introduzir no mercado diferentes produtos derivados da erva - mate, foi como chimarrão que o consumo da erva se popularizou, e só mais tarde é que o chá - mate assumiu importância comercial [...]"

pessoas que buscam melhorar de vida, passam a ser observadas dentro da corrente migratória. (BAENINGER, 1999).

Irati surgiu no cenário paranaense no período do terceiro ciclo da economia. Assim os desbravadores que buscavam regiões para fixar moradia constituir e estabelecer seu legado, chegaram na região do município em meados do século XIX.

Os primeiros moradores de Irati- velho teriam chegado entre 1860 e 1870, procedentes de região de Curitiba. Além de algumas referências vagas e inconsequentes sobre a primeira ocupação do território de Irati, exceto a notícia de que a área teria sido povoada inicialmente pelos índios iraitins ou iratins, ramos dos Tupis que habitavam o Paraná, Torna-se difícil a distinção entre a lenda e a realidade [...]. (ORREDA, 1974, p. 7)

Conforme afirma Nadalin (2001, p.83), “a região tradicional progredia com a fundação de Irati, São João do Triunfo e São Mateus do Sul, no período de 1860 a 1880”. A política migratória do Presidente Lamenha instalou 27 colônias de imigrantes no Paraná, alemães, italianos e poloneses faziam parte.

Mais tarde, depois da construção da Estação Ferroviária e do início de um povoado promissor, conforme explica Orreda (1974), é fato que despertaria o interesse de pessoas em buscar um espaço dentro do município que surgia. Aos arredores do Covalzinho começava a se moldar uma comunidade, e o desenvolvimento do local ocorreu a partir desses precursores, seus primeiros imigrantes, se dispuseram a desbravar a “selva” que ali se encontrava.

Os homens são movidos pelo desejo de prosperar e encontrar a felicidade. E vão assim desbravando o sertão, semeando vilas e cidades com entusiasmo e perseverança, motivados pela riqueza do solo e recursos naturais do meio em que florescem. Irati, centro geográfico de ervais e pinheiros, caminho natural do oeste, encontrou no vigor humano dos pioneiros a determinação para nascer e crescer (ORREDA, 1974, p. 01)

Com a intenção do Governo Federal em constituir colônias, Irati recebeu duas, pois havia grande área de mata virgem, e o objetivo era ocupar esses espaços, bem como atrair mais pessoas para essas localidades. Martins (1995, p. 373) afirma:

Foi a colônia fundada três léguas distantes da vila do mesmo nome, com 286 lotes rurais, 119 urbanos, com uma população de 1449



peessoas, em sua maioria alemães, holandeses, russos, polacos, galicianos e nacionais. Em seguimento à colônia existe o núcleo Potinga. Na estrada para Prudentópolis fica a Colônia Serra dos Nogueiras, a dois quilômetros da Sede do Município. Itaparã com 1343 ucranianos, polacos, galicianos e poloneses do antigo domínio Russo.

Segundo Orreda (1974, p. 8), “os primeiros imigrantes a chegar foram os holandeses, em 1908, fixando-se na Colônia Irati / hoje Gonçalves Júnior. Em 1909 começaram a chegar os alemães”. Um ano mais tarde, os poloneses e ucranianos chegaram ao município, “além de alguns austríacos que entrando pelo município de Prudentópolis”.

Entre 1915 e 1917 chegavam a Irati os primeiros imigrantes italianos, procedentes da região de Campo Largo. Eles se instalaram na localidade do Rio do Couro, na Colônia Gonçalves Junior e mais tarde em outras áreas do município. Os italianos não receberam ajuda do Governo na aquisição das terras, diferente dos poloneses, alemães e holandeses, os quais receberam tal auxílio. (ORREDA, 1974)

Segundo (FILLOS, 2008, p. 23), “dentre os grupos minoritários, o município recebeu também moradores de outras nacionalidades como de sírio-libaneses, popularmente conhecidos como turcos. Estes se dedicavam na vila ao comércio, principalmente ao comércio móvel”. Uma das primeiras famílias de origem libanesa que Irati recebeu, foi do senhor Assef Garzuze em 1913.

As primeiras famílias de imigrantes chegavam, cada qual com situações que inferem além daquilo que se pode nortear, pois apenas os envolvidos sentiram suas implicações ou problemas decorrentes de guerras, crises e fatores que determinam condições humanas. Estes fatores geram no mínimo desconforto e praticamente obrigam a busca por novos horizontes e/ou novas saídas para suas vidas. Razões que cada família imigrante vivenciou e apenas estes podem descrever seus sentimentos, mesmo assim podem ser transcritas em palavras suas narrativas.

## 1.4A Origem de Irati

De acordo com o site oficial do município, pode-se dizer que Irati<sup>30</sup> é uma cidade com raízes nas culturas polonesas e ucranianas, bem presentes no cotidiano. Presente em sua religião, seu folclore<sup>31</sup>, gastronomia e economia local, basicamente da agricultura<sup>32</sup>, não que este seja algo intrínseco apenas aos supracitados, mesmo atualmente não sendo a principal fonte econômica do município, são como se estabeleceram principalmente no vilarejo que se formava. De acordo com dados do IBGE (2010 *apud* MOREIRA, 2015, p. 76)

o município de Irati possui um número representativo de famílias que vivem no campo. Segundo o Censo agropecuário de 2006, existem 2992 estabelecimentos rurais, dos quais 2588 têm caráter de agricultura familiar. A população residente no meio rural tem se reduzido significativamente ao longo dos últimos 60 anos. Segundo os dados do IBGE, em 1950 o município possuía 25.491 habitantes, sendo 31% urbano e 69% rural. Dados do Censo de 1980, divulgados pelo IPARDES (1984), mostram que a população de Irati era de 42.234 habitantes, sendo 22.234 (53,9%) população urbana e 19.469 (46,1%) rural. Em 2010, a população era de 56.207 habitantes, sendo 44.932 (79,9%) urbano e 11.275 (20,1%) rural.

De acordo com Horbatiuk (1983, p. 44; 45) “os poloneses chegaram na região sul e sudoeste paranaense a partir de 1871, e os descendentes de ucranianos a partir de 1891.”

Kiewiet (2011) destaca que na região chamada de “O Sertão” na Serra da Esperança, colonos poloneses e ucranianos chegavam para cultivar o local inóspito e de acesso dificultoso a partir do final do século XIX.

Em Irati os poloneses e ucranianos chegaram na mesma época, no final do século XIX e início do século XX, também na busca pelo cultivo da terra e mantendo suas raízes culturais e étnicas. (SÁ; MASSOQUIM, 2014)

Segundo a fonte de dados da história do município pela prefeitura municipal, Irati é um município do interior do Paraná, estando localizada no

---

<sup>30</sup> Histórico fundamentado com dados do site oficial da Prefeitura Municipal. Disponível em: <[http://irati.pr.gov.br/pagina/78\\_Historico.html](http://irati.pr.gov.br/pagina/78_Historico.html)> Acesso em: 17 de abril de 2017.

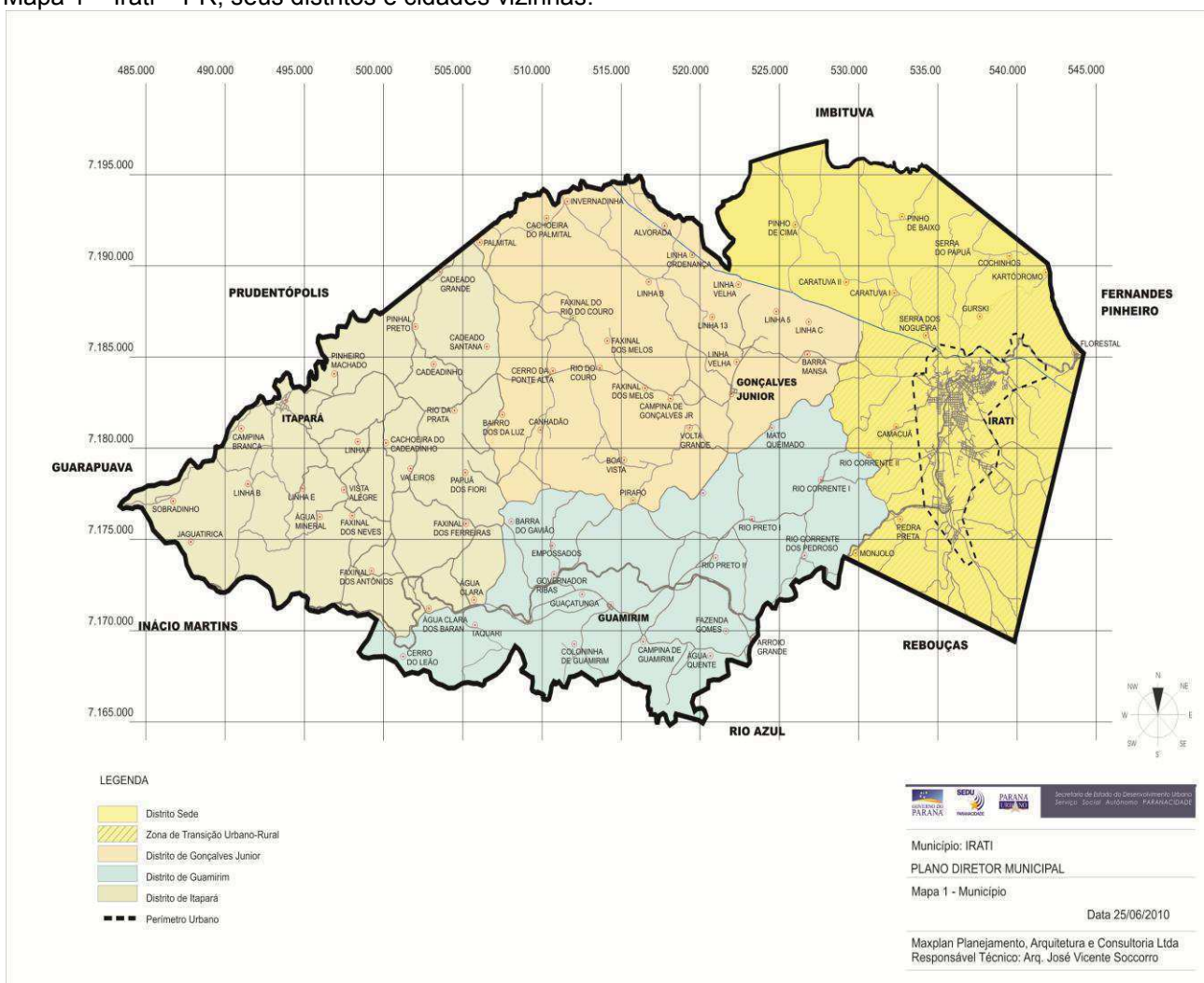
<sup>31</sup> “O Grupo Folclórico Ucraniano Ivan Kupalo surgiu em fevereiro de 1976. O nome do grupo foi inspirado em um personagem mitológico dos eslavos, um deus a quem os jovens faziam seus pedidos amorosos na época pagã”. (GRECHINSKI, 2007, p. 29)

<sup>32</sup> Rudek (2002) destaca que os eslavos que chegaram ao Brasil se organizavam em colônias e sua principal fonte de subsistência era a agricultura e criação de animais. Em Irati eles trouxeram muita experiência no cultivo da terra, com técnicas apuradas foram os precursores da moageira existente no município.

Centro-Sul do Estado, a 150 km da capital Curitiba, “embora esteja na região Sudeste do Estado de acordo com as mesorregiões estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE”, na sub-região dos Pinhais do Segundo Planalto Paranaense. Na Serra da Esperança está localizado seu pico mais alto, o Cerro da Nhá-Cota, com 1.024 metros de altura.

A economia<sup>33</sup> atual do município está baseada, pela ordem, Comércio e Serviços com 57,89%, na Indústria com 30,18% e Agropecuária com 11,93%.

Mapa 1 – Irati – PR, seus distritos e cidades vizinhas.



Fonte: Prefeitura Municipal de Irati – PR.

<sup>33</sup> IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Caderno Estatístico do Município de Irati, 2016.

Mapa 2 – Paraná e estados vizinhos.



Fonte: Secretaria da Educação do Paraná.

O município possui como principal atrativo turístico e representação de fé católica, uma imagem de Nossa Senhora das Graças, com 22 metros de altura. Esta imagem é intitulada pelos iratienses como a maior<sup>34</sup> estátua desta Santa do mundo. A população de 60.425 habitantes de acordo com o IBGE de 2017 tem sua descendência predominantemente polonesa e ucraniana, com tradições e costumes ascendentes e de regra seguidos e praticados, mas a

<sup>34</sup> Recentemente esta qualificação, intitulada pelos iratienses, de maior imagem de Nossa Senhora das Graças do mundo foi quebrada. A cidade de Laurentino – SC inaugurou uma imagem de 25 metros de altura, 3 metros a mais que a imagem Iratiense. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/laurentino-inaugura-estatu-gigante-de-nossa-senhora-das-gracas.ghtml>> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2018.

mescla de outras etnias como os libaneses, pode ser sentida a partir do conhecimento mais profundo no município.

Antes da minha, da minha, do meu nascimento, eu tenho documentos e relatos sobre alguns libaneses que ao se instalarem aqui em Irati, eles procuraram pela, pela essência da sua atividade comercial, que normalmente é..., eles procuraram os arredores da cidade, entradas da, era vila, um povoado, entrada do povoado pra se estabelecer, porque eles queriam pegar tanto o comércio da cidade como de quem saía do interior, e isso causou na época uma... até uma revolta dos comerciantes da cidade, porque os colonos que eram uma grande maioria das colônias de Gonçalves Júnior, Itapará, mesmo de outras regiões do município, ao virem pra cidade fazer compras, que aqui... já chegavam na venda deles e compravam lá e não, deixavam muita pouca coisa pra comprar aqui. Então até houve numa ocasião que tem um relato de uma reunião da câmara que os habitantes de Irati fizeram um protesto grande na reunião da câmara pra que houvesse alguma coisa que impedisse essa sistemática. Então a câmara taxou as vendas, o mercado fora do quadro urbano com imposto maior do que no quadro urbano. (risos) Então aí os libaneses começaram a reavaliar toda essa situação e começaram então a vir pra cidade alguns deles e vir morar aqui. (Professor Araújo<sup>35</sup>, iratiense e memorialista do município).

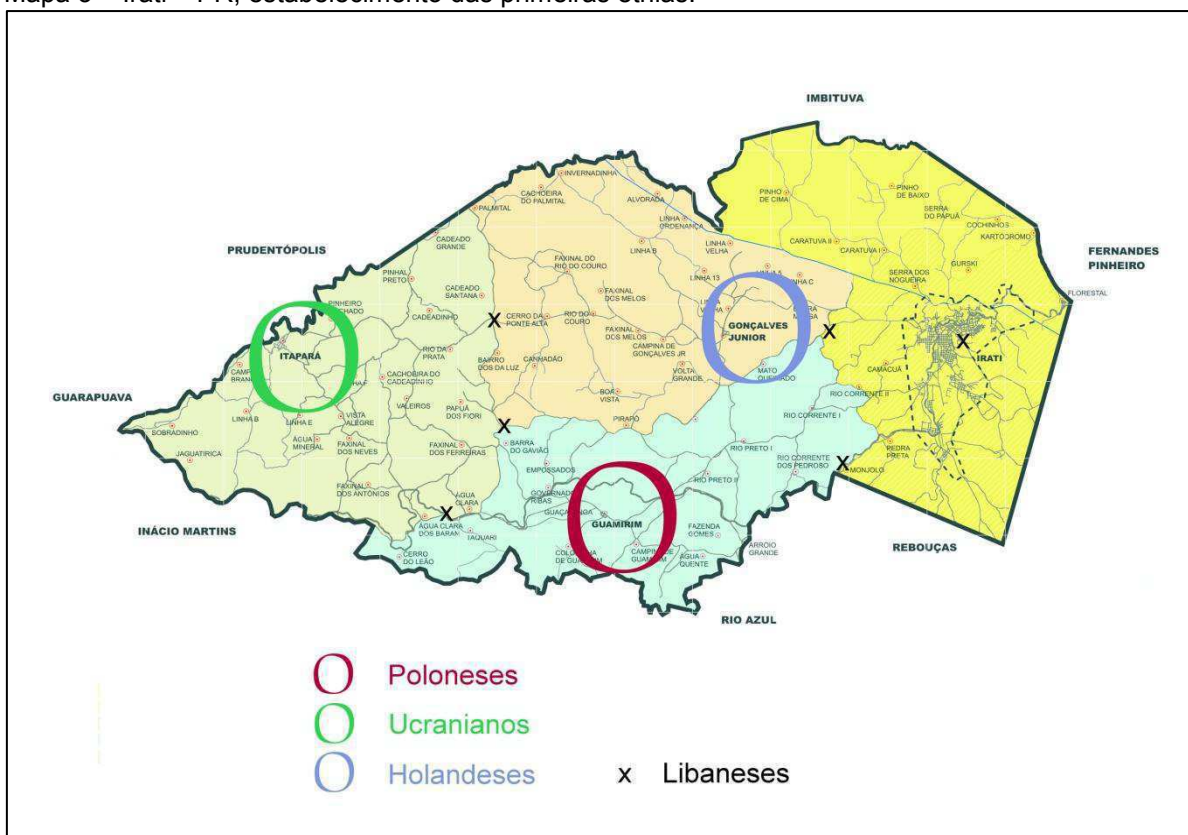
Podem ser sentidas nas palavras do Professor Araújo, que em primeira impressão, a presença dos libaneses no exercício de suas atividades, causou no mínimo um desconforto. A função de mascatear era intrínseca aos imigrantes do Líbano que chegavam ao Brasil, independente da região. “[...] mascatear, esta atividade foi apontada como alternativa lógica, natural, inevitável a todo recém-chegado, como todo mundo, como todos os libaneses, logo nos primeiros dias e sempre, para começar a construir a vida.” (OSMAN, 2006, p. 111)

---

<sup>35</sup> José Maria da Grácia Araújo. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 25/04/2017.



Mapa 3 – Irati – PR, estabelecimento das primeiras etnias.



Fonte: Prefeitura Municipal de Irati – PR adaptado por GODOI, 2017.

A origem do município foi em 1890<sup>36</sup> na vila Covalzinho, em que os trilhos da estrada de ferro de São Paulo/ Rio Grande do Sul que cruzariam o território, trariam trabalhadores e facilitariam o acesso ao futuro município. Naquela época

o Covalzinho não era, então, nem mesmo quarteirão policial, estando sujeito às ordens do Irati Velho, hoje Vila São João, distante três quilômetros ao sul, e mais desenvolvido em população, por situar-se em terras planas e secas; permanecia, assim, como um retalho verde do município de Santo Antonio do Imbituva, estendido entre o arroio dos Cochinchos e os contrafortes da Serra da Esperança. (ORREDA, 2017. Disponível em: <<http://radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/irati-109-anos-de-historia/34793/>>)

<sup>36</sup> Disponível em: <[http://irati.pr.gov.br/pagina/78\\_Historico.html](http://irati.pr.gov.br/pagina/78_Historico.html)>

Em suas imediações foi instalada a estação ferroviária denominada Iraty<sup>37</sup> em 1899. A partir deste fato o crescimento da vila estava firmado, assim como sua importância. Covalzinho começava a ser esquecido e o nome da estação ferroviária era adotado como legítimo, a vila passava a se chamar Irati. Em 15 de julho de 1907, Coronel Emilio Baptista Gomes liderou o movimento para desmembrar-se do município de Imbituva – PR, posteriormente tornando-se o primeiro prefeito da cidade.

Figura 01: Estação Iraty 1899



Fonte: ARAÚJO, 2010.

Orreda (2007) relatou que Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz, na época habitantes da região em que hoje se situa o município de Teixeira Soares, em um determinado dia resolveram embrenhar-se em meio ao sertão, como eles denominaram, descendo rios da região em

---

<sup>37</sup> Em 1899, ano em que foram fixados, em Covalzinho, os trilhos da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e inaugurada a estação, em dezembro daquele mesmo ano, além do arranchamento dos construtores da ferrovia, existiam apenas algumas rústicas moradias. Covalzinho não era sequer quartelão policial, estando subordinado a Iratym, hoje Vila São João, distante 3 km ao sul, mais desenvolvido em população. Toda a região pertencia ao município de Imbituva. A estação recebeu, então, o nome IRATY, escolhido pelo engenheiro João Visinoni, responsável técnico pelas obras de ferrovia. A denominação Covalzinho começou, então, a desaparecer e a ferrovia facilitando o transporte, o comércio, as comunicações atraiu novos habitantes. (ORREDA, 2017. Disponível em: <http://radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/irati-109-anos-de-historia/34793/> Acesso em: 22 de fevereiro de 2017)

uma canoa e logo mais adentrando ao mato localizaram um abelheiro de abelhas Iratim<sup>38</sup>, partindo dessa associação o nome do lugar. Mais tarde eles batizariam o nome da Estação Ferroviária de Iraty

Figura 02: Vila ilustrada por primo Basílio – Covalzinho em 1907



Fonte: ARAÚJO, 2010.

### 1.50 Líbano e suas provações

A apresentação deste tópico é pertinente para entender um pouco da região do país de origem dos imigrantes pesquisados na presente dissertação, características geográficas e históricas do Líbano, seus conflitos e guerras, implicações que conduzem de forma direta em processos migratórios. Segundo Hourani; Shehadi (1992) e Abdulkarin (1996) o processo de emigração libanesa está ligado mais diretamente aos fatores e acontecimentos históricos do que ao próprio fenômeno conjuntural, ou seja, as ocorrências de conflitos são a principal motivação da imigração. Estes acontecimentos que os autores citam

---

<sup>38</sup> Há quase duzentos anos, Pacifico e Cipriano avistavam as serras aqui desta região onde hoje é Irati. Subiam em árvores para ver se viam alguma coisa. Um dia resolveram embrenhar-se no sertão, seguindo de canoa pelo leito do rio Imbituva Grande, depois através do Imbituva Pequeno, na direção desejada, alcançaram o rio Assunguizinho. Abandonaram o rio, entrando pelo mato, foram sair num lugar onde acharam uma abelheira com três bocas, uma no troco e duas no chão. Batizaram o lugar com o nome das abelhas: IRATIM. Encontravam-se no local hoje chamado Vila São João. (ARAÚJO, M., 2017, disponível em: <<http://radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/irati-110-anos-de-emancipacao-118-de-historia/36618/>> Acesso em: 16 de maio de 2017)



estão divididos em seis períodos. O período inicial data de 1860 a 1900 dados pelos conflitos entre drusos<sup>39</sup> e maronitas<sup>40</sup> pela escassez de terras e seguiu rumo ao Oriente Médio e África principalmente, mas também atingindo movimentos até Austrália e Américas.

Os mesmos autores citam que o segundo período compreendeu entre 1900 a 1914 aí atingindo em maior contingente Estados Unidos e Brasil. Neste período a ocorrência se deu pelos percalços enfrentados junto ao Império Otomano, com é citado e explicado em alguns pontos da dissertação. A América do Sul ainda recebeu grande contingente de pessoas no terceiro período, compreendido entre 1920 a 1943 e quarto 1943 a 1975.

Abdulkarin (1996) explica que o quinto período 1975 a 1990, um dos mais sangrentos, compreende a fase da Guerra Civil libanesa, levando a intensas batalhas e é explicado mais adiante neste tópico.

Para reforçar a manutenção do fluxo migratório, o sexto período é compreendido a partir de 1990, e demonstra que os libaneses continuam sua busca por espaços que proporcionem melhoria econômica e condições de vida adequadas, devido ao déficit monetário da Nação.

A República do Líbano<sup>41</sup> está localizada na Ásia ao extremo leste do Mar Mediterrâneo, com sua capital instituída em Beirute<sup>42</sup> e suas fronteiras com a Síria Israel e o Chipre. O Líbano parece estar suspenso no ar por estar em meio a duas cordilheiras, e o mar abaixo.

---

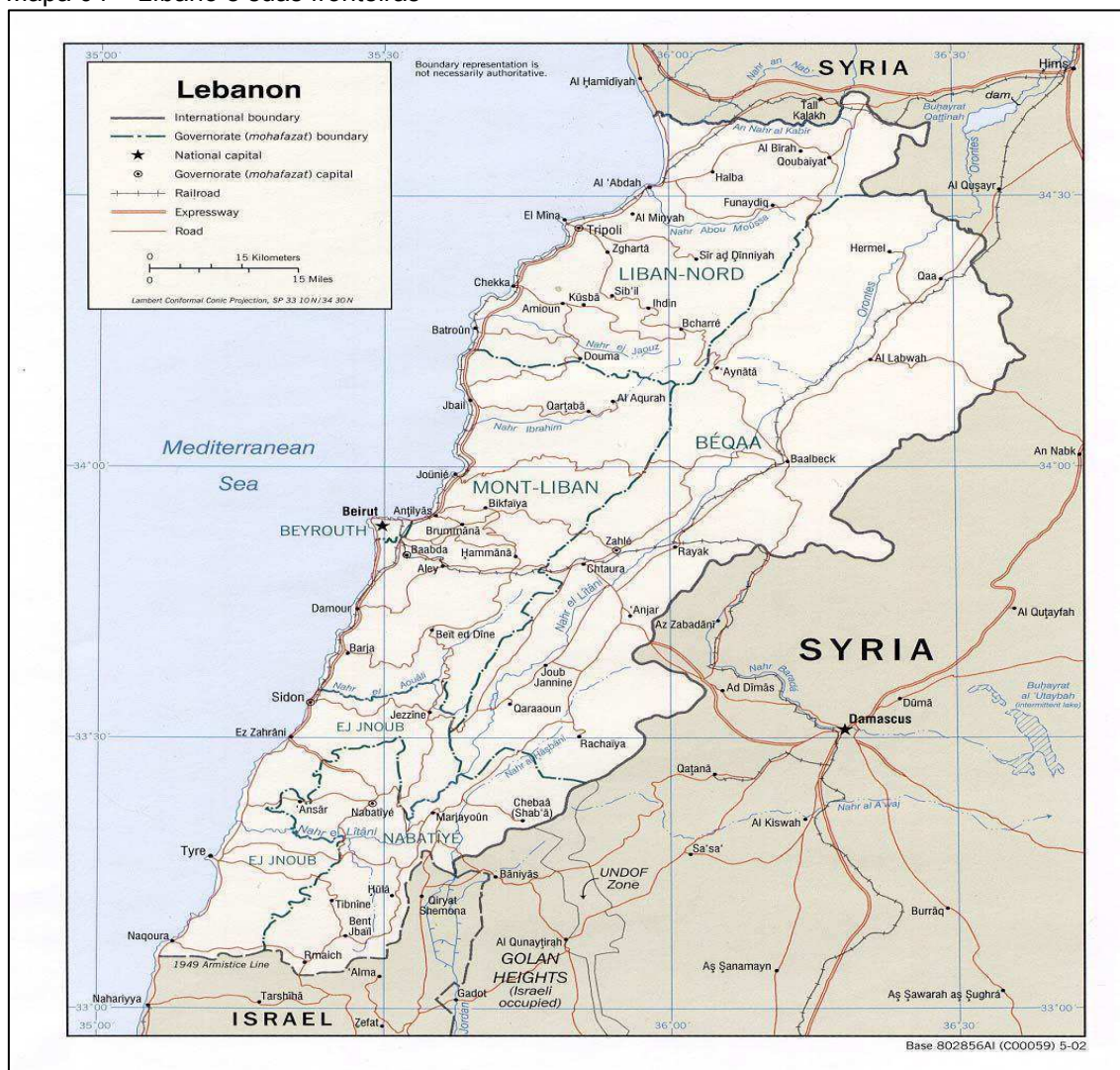
<sup>39</sup> Segundo Makarem (1976) os drusos são religiosos de uma ordem secreta de cunho exotérico, que é originária do Egito no século XI d.C. tendo fontes derivadas do Islamismo, com elementos cristãos e judaicos. Para Assrauy (1967) trata – se de uma seita xiita islâmica.

<sup>40</sup> Os Maronitas são os Cristãos Católicos Orientais que devem seu nome a São Maron. Em documentos siríacos muito antigos, podemos ler esses vocábulos: *Os fieis de Beth (casa) Maron, Calcedônios de Beth Maron, aqueles de Mar Maron...*Esses vocábulos significam uma única palavra que os substituirá, a palavra *Maronita*que será dada a um povo que no Patriarcado de Antioquia seguiu a orientação religiosa de São Maron e seus discípulos. Os maronitas em nenhum momento foram soberanos na sociedade libanesa, pois desprezavam praticamente todos os setores econômicos da nação. (CORM, 1992, 295; 301)

<sup>41</sup> Histórico fundamentado com informações do site oficial da Embaixada Libanesa no Brasil. Disponível em: <[http://www.libano.org.br/novo/?page\\_id=16](http://www.libano.org.br/novo/?page_id=16)> Acesso em 04 de abril de 2017.

<sup>42</sup> **Beirute** (em árabe بيروت *Bayrūt*; em francês: *Beyrouth*) é a capital e maior cidade do Líbano. Localiza-se na costa do Mediterrâneo. Tem cerca de 1.940.000 habitantes. Na antiguidade era uma cidade fenícia com a designação de **Berytus**. No passado recebeu a alcunha de *a Paris do Oriente* por sua atmosfera cosmopolita, anterior à Guerra Civil do Líbano. Disponível em: <[http://libano1.hospedagemdesites.ws/novo/?page\\_id=138](http://libano1.hospedagemdesites.ws/novo/?page_id=138)> Acesso em: 04 de abril de 2017.

Mapa 04 – Líbano e suas fronteiras



Fonte: Mideastweb.org 2017

Possui um território de aproximadamente 10.452 Km e, mesmo com um tamanho considerado pequeno, possui uma vasta diversidade natural, histórica e cultural, possuindo uma população de cerca de 4 milhões de habitantes.

Do mar azul, aos cedros nevados, de paisagens as vezes árida, as vezes verdejantes oferecem ao seu visitante um surpreendente contraste, onde se sucedem montanhas rochosas e vales luxuosamente irrigados de rios e cachatas, se passa bruscamente das florestas de pinhos, nas costas das colinas, ao largo deserto que prolonga as planícies férteis. (EMBAIXADA DO LÍBANO)

A língua oficial do Líbano é o árabe, com ramificações ao árabe libanês e mesmo o francês, que em determinados casos, é permitida e utilizada. De acordo com Osman (2006) 60% da população vive no quadro urbano e ainda estima-se que mais de 14 milhões de libaneses e descendentes vivem pelo mundo, sendo que metade deste montante reside no Brasil, tornando-a nação com maior o contingente de libaneses fora do Líbano, sendo que é praticamente o dobro da própria população do país.

A economia libanesa possui como seus principais movimentos a atividade turística, seguida pelas operações bancárias que representam juntos 60% da receita do país. Depois aparecem a agricultura e a indústria com 20% cada. (OSMAN, 2006, p. 32)

Trazendo uma parte histórica do Líbano, com o fim da Primeira Guerra Mundial e a decadência dos Otomanos em meados de 1922, as províncias árabes se uniram aos ingleses e franceses, com a esperança de independência dos povos árabes. Entretanto, as potências europeias passaram a dominar o território. Em 1920 foram criados 5 grandes Estados: “Estado Independente de Damasco, o Governo de Aleppo, o Território Autônomo dos alawitas e dos drusos, e o Grande Líbano”. (OSMAN, 2006, p. 38)

Até o ano de 1943 o Líbano ficou sob ordens francesas; quando neste ano, a oposição à França durante a Segunda Guerra Mundial, foi promulgada sua independência e declarado como um país árabe, e mais tarde em 1948 tornava-se reconhecido como tal pela população mundial. (MAALOUF, 2011)

Conforme Maalouf (2011) os anos 60 foram de grande calma no Líbano, em que Beirute despontava como um refinado destino turístico.

Figura 03: Beirute – capital do Líbano



Fonte: Odiaspora.org (Acesso em abril de 2017)

Na década de 1970 os conflitos políticos se tornam rotina libanesa. Em 1975 a Guerra Civil pela libertação da Palestina teve início e perdurou até os anos de 1990. A região foi tomada por uma grande crise quando o rei da Jordânia, Hussein, exterminou cerca de 4 mil guerrilheiros palestinos em 1970, fato que passou a ser conhecido como Setembro Negro, “expulsando milhares de sobreviventes para a Síria e o Líbano. (MASSOULIÉ, 1996, p. 96) Uma parcela do Líbano veio a se opor à chegada de mais refugiados da Palestina, os maronitas, “pois o território pequeno significava dividir ainda mais os poderes.” (MASSOULIÉ, 1996, p. 138)

Maalouf (2011) explica que a Guerra Civil no Líbano é bastante deturpada por veículos de mídia e mesmo estudantes, que se utilizam de informações alheias ou controversas, em que a base dos conflitos foram causados por movimentos religiosos entre muçulmanos contra cristãos, ou liberais contra libertários, entretanto o que ocorre é algo bem mais complexo.

Para Gattaz (2005, p. 49) “o que de fato ocorreu foram conflitos extremamente políticos que em nada eram a respeito de Religião ou algo comunal.” De um lado encontrava-se um partido político de base liberal e conservadora, na busca pela preservação do Pacto<sup>43</sup> de 1943; do outro lado,

---

<sup>43</sup> “O Pacto de 1943 exigia o compromisso das comunidades cristãs e muçulmanas a renunciarem respectivamente seus projetos de integração com o Ocidente e de Unificação com o mundo árabe. (Síria) O que foi negado por ambas as partes”. (MAALOUF, 2011, p. 223)

um partido com vertentes socialistas que reivindicavam a revisão do mesmo pacto supracitado. Junto a tudo isso, ainda existia grandes divergências dentro de cada lado, impossibilitando falar-se de lado muçulmano ou lado cristão. (GATTAZ, 2005)

O que pode explicar a confusão criada quanto às causas da Guerra Civil Libanesa são as ocorrências vividas e sentidas durante uma primeira parte dos conflitos; havia muitos sequestros, roubos, estupros, torturas, “com caráter sectário, tornando-se uma rotina, dando a falsa impressão de uma guerra religiosa entre cristãos e muçulmanos.” Um fato que pode explicar isso é que no Líbano a carteira de identidade possui demarcação de qual religião a pessoa faz parte. (MAALOUF, 2011, p. 239)

Para Karam (2010, p. 50)

À medida que a guerra recrudescia em diversas frentes, a segurança individual era buscada dentro da família e da comunidade, ou seja, os enfrentamentos em curso facilmente abriam caminho para uma retração às fidelidades e solidariedades tradicionais e sectárias que condicionavam, nesse momento de crise, a sobrevivência pessoal do grupo, clã ou confissão de origem.

Os movimentos de vingança e retaliação começaram a ser cada vez mais violentos e perduraram por muito tempo com vários assassinatos, entre muçulmanos e cristãos, mas sempre com propósitos políticos por trás dos acontecimentos. A busca pelo controle de território levava ao extremo cada ação opositora e em 06 de dezembro de 1975 o fato que marcou foi o assassinato de 200 pessoas, o conhecido Massacre do Sábado Negro. (CEDARLAND, 2006 *apud* MAALOUF, 2011) De acordo com o mesmo autor durante muito tempo perduraram tentativas de intervenções de outras nações como os Estados Unidos e Israel, por exemplo. Os israelitas, com anseios de dominação, aproveitando-se da situação buscavam a formação de um Estado Cristão, mas percebiam que a guerra só crescia e cada vez tornava-se mais brutal com mais e mais massacres, atentados terroristas e tentativas de intervenções frustradas.

Até o último dia da Guerra Civil libanesa, o mar de sangue esteve presente; Beirute, que era cortada por uma divisão cristã/ muçulmana, ficou



taxada como terra de ninguém ou zona de morte, lugar do medo e de terror.  
(MAALOUF, 2011, p. 248)

MAPA 05: Divisão das milícias no Líbano em 1976



Fonte: WELTALMANACH<sup>44</sup> 1977, p.762, editado por HAUKE (2006); GODOI (2017).

De acordo com Maalouf (2011), os Palestinos venceram a primeira batalha em 1976; entretanto, os temores nas redondezas somente afloravam,

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://wars.meskawi.nl/maps.html>> Acesso em: 07 de abril de 2017.

Israel passava a temer de certa forma respingos da guerra e os muçulmanos eram cada vez mais temidos pelas fronteiras. O receio das tropas sírias por parte de Israel fazia sentido, se pensar que acabavam de sair de uma batalha e os armamentos pesados eram devastadores, “podendo destruir centros urbanos por completo”. Porém, o exército de Israel se voltou contra o Líbano também e seu estrago viria a ser maior ainda que o da ditadura Síria. Ainda “existem relatos que aqueles que se recusassem a lutar contra os patrícios eram presos ou executados.” (MAALOUF, 2011, p. 253)

Alianças foram estabelecidas, a principal foi entre Israel e Síria, e ainda como uma parte do próprio Líbano, mais ao sul onde a presença palestina era extrema e de grande poderio. Mesmo sem aliança o caos parecia benéfico, assim, não havia nem mesmo a necessidade de Israel utilizar suas tropas naquela região pela maneira opressora que as milícias possuíam. (SHLAIM, 2004)

Conforme explica Del Pino (1989, p. 113)

Com a entrada dos sírios no Líbano, com mais de 30 mil soldados, com a enorme superioridade militar [...] os palestinos e os progressistas libaneses seriam derrotados pelas milícias cristãs em agosto de 1976, com mais de 3 mil refugiados palestinos e libaneses xiitas<sup>45</sup> exterminados.

Diante dos fatos apresentados, a perspectiva de civilidade diminuía drasticamente entre os civis, levando a medidas de se salvarem; neste caso, a emigração era mais uma vez a saída mais clara e objetiva. Com isso “cerca de 1,5 milhão de libaneses” deixava sua pátria para trás em busca de paz e vida nova. (DEL PINO, 1989)

Durante os próximos anos muitas batalhas, tentativas de pacificação, bloqueios militares e milicianos foram realizados, além, é claro, de muito sangue derramado; as disputas pelo domínio e poder se intensificavam cada vez mais, conforme discutem (MAALOUF; DEL PINO; SHLAIM; CORM) e em 13 de outubro de 1990 se encerrava a Guerra Civil do Líbano, com intermediação do governo americano às tropas da Síria, terminaria com mais um dos maiores banhos de sangue da história, e este ciclo se findava.

---

<sup>45</sup> Os muçulmanos xiitas eram a população mais pobre do mundo árabe, viviam marginalizados nos campos, trabalhando como lavradores, habitando em sua maioria o sul do Líbano e o Vale do Bekaa.

## 1.6 Cultura, Patrimônio e Identidade

Existem similaridades e distinções em cada definição de cultura, patrimônio e identidade, mas cada uma delas está diretamente ligada no que tange a imigração; seus preceitos e conceitos justificam ações e confirmam os fatos. Assim, cada elemento abordado neste tópico tem relação direta com os resultados propostos e/ou obtidos.

Irati é um município multi étnico, tem pelo menos de 8 a 10 etnias que formaram a nossa cultura, as nossas raízes aqui desde o início é... surgimento como uma vila, como um povoado como uma vila e depois como cidade, mas tem duas ou três que se sobressaíram porque nos procuraram ou vieram até nós em maior quantidade, os poloneses, ucranianos, os holandeses primeiro e depois foram pra região de Carambeí, mas os Sírios (libaneses) mesmo tendo poucos é... representantes vindos no início da nossa população *disseminou* assim uma cultura bastante grande e pessoas assim que deixaram o nome gravado na nossa, na nossa cultura, na nossa sociedade. (Professor Araújo)

Cruz (1993) afirma que a identidade é base de sentido a um grupo com identificações históricas apropriadas, ou seja, o sentimento de pertencer ao conjunto que se insere etnicamente, religiosamente ou culturalmente passa pela percepção e semelhança que se sente.

Para Santos (1993) existem diferenciações nas identidades, e Maalouf (1998) destaca que cada diferenciação surge no cotidiano que os grupos vivem e dividem, a interação real gera trocas de experiências. A identificação pode estar sujeita a ser modificada e/ou reinventada de acordo com os anseios individuais, o que pesa é o seu grau de envolvimento com o grupo.

É preciso saber diferenciar identidade cultural e cultura, neste sentido Cardozo (2012, p 35) destaca que

As diferenças entre cultura e identidade cultural, então, se justificam no fato de que a identidade se mostra em contextos de diferença, ou seja: se dá conta da identidade, conscientiza sobre a marca cultural da diferença, em contato com outro por meio de imagens vinculadas sobre o eu e o outro. Ao passo que a cultura independe desse contexto de diferença e consciência, esta faz parte das ações no cotidiano de um grupo.



O apego ao passado e aquilo que se constrói por meio da história, mitologia e religiosidade é capaz de reproduzir a identidade. As sociedades advêm de processos mitológicos e históricos e (re)contextualizar as identidades culturais são fatos inerentes. (SANTOS, 1994)

Algo que deve se destacar como fator identitário é a religião. De acordo com Jenkins (1994) e Fenton (2004), a importância que ela tem na construção da identidade é inegável, trata desde a sua funcionalidade como fator de solidariedade até sua representatividade identitária.

A religião e seus símbolos são capazes de mobilizar a memória coletiva e é transmitida socialmente. A construção social passa pela religião e seus fundamentos, para os adeptos e também àqueles que indiretamente, espontâneos ou não, são afetados, social, cultural ou identitariamente. (RODRIGUES, 2007)

Dentro deste contexto, o patrimônio tem suas relações com a identidade, ele é fundamental em um processo construtivo de identidade social/cultural, materializa a identidade coletiva. (CHOAY, 1992; SCHIELE, 2002; PERALTA; ANICO, 2006). O patrimônio traz à memória fatos e acontecimentos importantes, assim relacionando a memória social, por sua vez esta torna legítima a identidade. (MARTINS, 2011)

O patrimônio que tange cada um pode estar explícito, mas se não entendido ou classificado como tal pode, com o passar do tempo, ser esquecido ou deixado de lado; o entendimento e o questionamento, de que, para que e como ele existe deve ser aplicado aos seus envolvidos; entender é preciso, mas explicar se faz necessário, cultivar o patrimônio e transparecer este aos outros é fato a ser concebido e consumado.

O patrimônio deve ser visto como fator de identidade cultural dos membros envolvidos, não deve ser ferido nem pelos próprios; sua salvaguarda deve ser estabelecida para que nada possa ferir sua proteção, deve ser resguardada para o bem da sociedade.

Assim, Demczuk (2011, p. 49) explica que

[...] o patrimônio cultural está inserido no contexto de identidade de um local, sendo um conjunto de valores, costumes e comportamentos que fazem parte da sociedade. Partindo desses pressupostos, percebe-se que a identidade de determinado grupo ou localidade,

está diretamente relacionada com a necessidade e interesse pela conservação de seu patrimônio, seja ele caracterizado por manifestações culturais, artísticas ou bens históricos.

Por meio do patrimônio de um povo/grupo, a identidade histórica pode ser expressada, a contribuição na preservação desta é inegável. (CHOAY, 1992) É uma herança que passa a ser transmitida por várias gerações, seus símbolos e ideologias elevam o grau de sua importância. Mesmo a relação entre identidade e patrimônio sendo um processo seletivo e fragmentado de acordo com Peralta (2000), a construção social passa por ele.

Cardozo (2012, p. 41) destaca que “a identidade, assim sendo, é percebida no contexto de diferença entre grupos sociais distintos entre si.”. A autora, ainda em sua mesma obra, afirma que ocorre em todo momento a nova construção e reconstrução de uma identidade, por isso da importância de se descobrir grupo a grupo aquilo que é relevante a cada um, não podendo se basear em uma experiência para definir outra.

Na busca pelo histórico da identidade local, deve-se ter o cuidado de não definir as similaridades como fator base para outras; deve-se saber reconhecer as propriedades particulares de cada local. Mesmo sendo uma sociedade de mesma aparência que outra, existe diferenças.

Pode-se trazer a discussão do indivíduo em si, a natureza de sua cultura e a formação de sua identidade étnica. Oliveira (2006, p. 89) explica que dentro de conceitos literários das ciências sociais modernas a conceitualização de etnicidade trata do envolvimento relativo

entre coletividades no interior de sociedades envolventes, dominantes, culturalmente hegemônicas e onde tais coletividades vivem a situação de minorias étnicas ou, ainda, de nacionalidades inseridas no espaço de um Estado-Nação, ou menos complexo, como uma mera “forma de interação entre grupos culturais atuando em contextos sociais comuns.”.

Esta identidade estará ligada às origens históricas e culturais de cada indivíduo envolvido. Zogueib (2005 *apud* CARDOZO, 2012, p. 35) explica que a identidade cultural oferta ao indivíduo significados sociais e históricos moldando “a produção de sentidos, comportamentos e das representações na sua etnicidade”, ainda, na obtenção destes significados alcançará a “lógica de

seu funcionamento mental, harmonizando seu laço inter psíquico na sociedade da qual ele faz parte”. O conceito de identidade, para Barretto (2007, p. 96), “implica sentimento de pertencimento a uma comunidade imaginada, cujos membros inclusive não se conhecem, mas compartilham referenciais importantes: uma mesma história, uma mesma tradição.”.

Para Bhabha (1998, p. 66) “a identificação não é a afirmação de uma identidade, mas a produção de uma imagem de identidade, o que implica a transformação do sujeito em função dos outros.”. A identidade de uma comunidade local pode representar muito ou pouco, depende daquele indivíduo inserido dentro do contexto. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”. (HALL, 2006, p. 13)

Os cidadãos descendentes de um povo com uma cultura distinta tem algo que é marcante a eles, representa sua marca cultural e/ou seus traços étnicos. Ao mesmo passo, existem pessoas de outras etnias, que não compartilham daqueles costumes e sentimentos, podendo apenas estar adaptadas ao meio, compartilhando devido a imposição que aquela cultura lhes implicou. É neste momento que

[...] um grupo só se dá conta de sua cultura quando ele entra em contato com o outro, quando há confronto ou comparação entre dois, ou mais modos de vida ou de ver a vida. Aí pode ocorrer a construção da identidade cultural, que existe para dizer ao outro de onde um grupo vem, quem é. (CARDOZO, 2012, p. 35)

Neste sentido pode-se dizer que a cultura é mais complexa que a identidade cultural, “ela é flexível no tempo e espaço”, faz parte do modo de vida de uma sociedade e está em uso, ao passo que a identidade cultural está reunida ao redor de símbolos como marcas de roupas, ideais ou elementos étnicos. (BARRETTO, 2007, p. 96)

Para Hall (2006, p. 11; 12)

A identidade preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"—entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica,

"sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Cada sociedade, comunidade, família, enfim, todos eles vivem de acordo aos seus costumes e crenças, por vezes impostos por seus próprios membros, de certa forma pela história de seu povo ou a própria evolução social. Torna-se válido destacar também que os grupos de imigrantes tem uma parcela de regionalização, sua região de origem ou a que agora é habitada por eles. A identidade pode estar pressuposta nestes fatores. Para Bourdieu (1989, p. 113)

as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer a respeito de propriedades, estigmas ou emblemas, ligadas a origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e fazer reconhecer, de impor definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos.

Levando o tema adiante, classificar como e o que significam estas regiões, o seu entendimento esclarece possíveis problemáticas a respeito. Para Roncayolo (1986) o conceito de região está longe de basear-se no estabelecimento do espaço mercantil generalizado, o estudo dela irá resultar naquilo que realmente a determina, não se deve fazer uma análise sem antes conhecer o real espaço que ela representa ou é. O autor ainda cita que a região é baseada em uma noção histórica, fornecida pelas suas situações e embates que se desenvolveram em determinado período. Para Bourdieu (1986) a região pode ser definida resultante do espaço simbólico, na definição dos limites e seus sentidos, além das áreas do saber, intrínsecas na própria região.

Saber reconhecer esta regionalização dos membros da sociedade envolvida faz-se de relevância para apropriar a eles os elementos de identidade étnica, de acordo com seus costumes, tradições e símbolos étnicos regionais.

Isso pode ser justificado por aspectos religiosos, crenças e costumes que variam de uma região para outra, ou mesmo eventos históricos ocorridos, tais como guerras e mesmo ações naturais do tempo.

## 1.7 Conceitos (I)migratórios

Para se entender a migração e os motivos de as pessoas migrarem, é importante saber que em si só a fenomenologia é distinta. Existem divergências entre estudiosos da área e suas contribuições são significativas, mesmo assim, por vezes contraditórias pela complexidade da temática. As ideias partem de princípios como expulsão x atração, subsistência ou mesmo melhoria de vida. (NODARI, 2002). A autora cita como exemplo as migrações do Sul do Brasil, em que as motivações foram socioeconômicas, existe a avaliação prévia do local de destino e suas possíveis benéficas. Neste sentido, a conservação do padrão de vida ou mesmo a melhoria dela são as principais razões para migrar.

Nodari (2002, p. 30) afirma que os principais autores classificam as migrações como: “ideológicas e/ou religiosas, pessoais e/ou econômicas, socioeconômicas e políticas”.

Para Kollmann e Marschalck (1973) o conhecimento do local de destino age como mola propulsora na migração, as pessoas possuem suas razões e avaliam a localidade de destino com base em suas expectativas. Deste modo a busca pela proximidade cultural, social e econômica move as pessoas rumo ao desenvolvimento, pessoal ou coletivo.

Pooley e Whyte (1991 *apud* NODARI, 2002) consideram válidas as explicações dos autores Kollmann e Marschalck, mas as motivações da migração devem estar atreladas as suas consequências, tanto no destino quanto na origem, levando em conta possíveis enfrentamentos na busca por empregos ou convívio social.

Para Schorner (2006, p. 55) “a migração é um processo social”. Neste sentido deve haver uma preocupação no manutenção daquilo que envolve a sociedade, sua cultura, etnicidade, religião, economia em um contexto geral e as práticas sociais. As subjeções podem e devem existir, as motivações e razões são distintas e

É óbvio que os motivos, embora subjetivos em parte, correspondem a características dos indivíduos: jovens podem ser mais propensos a migrar que velhos, alfabetizados mais que analfabetos, solteiros mais do que casados e assim por diante. Além disso, se a unidade migratória deixa de ser o indivíduo para ser o grupo, também deixa de ter sentido investigar a migração como um movimento de indivíduos

num dado período entre dois pontos, convencionalmente considerados como de “origem” e de “destino”. (SCHORNER, 2006, p. 55)

A ideia de Schorner vai ao encontro daquilo que defende Singer (1998), e no processo social que se faz a imigração. A relação de expulsão e atração é defendida pelo autor, ligadas diretamente à expansão industrial, sendo que algumas regiões tornam-se mais atrativas aos imigrantes enquanto outras repelem, de acordo com aquilo que o capitalismo proporciona. Singer (1998) ainda cita que existe uma divisão nos fatores de expulsão, sendo fatores de mudança e fatores de estagnação. Os fatores de mudança são acarretados proporcionalmente ao capitalismo, relações de emprego e produtividade, neste sentido a mecanização, principalmente na agricultura acarreta na mudança. O crescimento populacional é a principal causa dos fatores de estagnação, acarretando na falta de emprego e dificuldades econômicas, expulsando as pessoas do local.

Sayad (1998) defende a tese de que o sentimento de ausência envolve o migrante. Existem muitos que desejam voltar a morar em seu local de origem, sentem saudades e por vezes raízes permanecem por lá, família principalmente, mas é fato que raramente ocorre esta volta. Contudo, em sua nova terra, novos vínculos e sentimentos são estabelecidos; neste caso, o autor cita que é criado um paradoxo de ausência, sentindo-se ausente onde vive e presente na terra natal.

Singer (1998) ainda destaca que quando um primeiro migrante chega ao destino, pode incentivar outros a seguirem seu caminho, desta forma os próximos já chegam com benefícios, tais como: o aspecto social, tendo em vista que alguém conhecido já vive ali, por isso a busca por emprego pode ser facilitada, gerando um suporte emocional àqueles que chegam. O autor destaca que o imigrante não consegue viver sozinho, a adaptação está totalmente atrelada na relação, a solidariedade que existe entre imigrantes eleva o grau de sociabilidade, torna mais fácil a rotina e cria novos laços, sejam de família ou mesmo de amizades.

Os dados qualitativos referentes às migrações são de suma importância para o entendimento do fenômeno, e devem ser considerados sempre, pois o fator numérico, neste caso, não é suficiente para suprir as necessidades

daquilo que se busca ou seu pleno entendimento. Cada estudo acerca da migração trata um pouco aos próprios olhos, existem temporalidades envolvidas e abordagens distintas, as perspectivas são geradas em cada evento, as observações são pertinentes e devem ser levadas em conta, mas entendendo aquilo que cada caso envolve. (NOGUEIRA, 1991)

Santos (1997) afirma que a migração é um fenômeno histórico e social que ocorre dentro de determinados períodos de tempo e espaço, sendo que a relação econômica é primordial para a mudança de local entre as pessoas. As perspectivas de mudarem de lugar são apresentadas pela autora como o deslocamento dentro de um espaço, um movimento populacional.

No Brasil, pode-se tratar a imigração com o propósito da exploração, dito por colonização com a chegada dos portugueses, juntamente com a imigração forçada de seus africanos escravizados, e o primeiro processo de aculturação sofrido pelos indígenas que habitavam as regiões exploradas. (De BIAGGI, 2004, p. 15). Para Seyferth (2011, p. 02)

As teorias da migração nem sempre contemplam a cultura, assunto tão relevante quanto as representações da identidade construídas por indivíduos e grupos a partir dela, formando enunciados simbólicos que apontam a ideologia como sistema cultural, uma proposição teórica de Geertz (1964) apropriada por Aronson (1976) para refletir sobre a etnicidade como um tipo particular de ideologia.

Deve-se pensar nos movimentos migratórios levando em consideração a adaptação cultural e/ou a sobreposição da cultura dos grupos e indivíduos.

Para White (1978, p. 18 *apud* NODARI, 2002) “a cultura é um processo social, um processo interativo, composto de traços culturais que interagem uns com os outros, formando novas permutações, combinações e sínteses.” Em relação aos fatores sociais e culturais, existe uma aproximação e afastamento, união e divisão ao passo que também se multiplicam.

De acordo com Nodari (2002), o fenômeno que remete à migração em si já pode ser considerado interessante, constituído em meio às classes sociais diagnosticadas em suas estruturas econômicas de suas origens e de recepção. O processo deve ser simplificado em sua explicação, dentro de tal fato há relevância em analisar as formas de vida de acordo com sua melhoria econômica e inerência em sua subsistência. Para Fontes (2002, p. 65) várias

pesquisas dizem que a força de trabalho e o valor monetário são as implicações intrínsecas aos migrantes, que a facilidade da mudança entre regiões é fator ligado diretamente a esses fatores.

Considerando a migração este movimento com suas facetas e motivações individuais ou coletivas, inerentes a cada grupo, sua importância é relevante e relativa também, a busca pelo melhor passa a fazer parte lógica do processo, as consequências são medidas de antemão, mas de qualquer forma não podem ser relatadas como conclusivas até que se habite o novo lar. De acordo com Espinola (2005) são contemplados os movimentos de migração por dimensões distintas: espacial, temporal e social. As complexidades do processo são diversas e variadas, ao longo dos anos os processos históricos revelam suas facetas e as experiências particulares de cada grupo ou indivíduo determinam suas motivações.

Para Castle e Kosack (1973) as etapas migratórias são divididas em pré-modernas, modernas e contemporâneas, sendo que as pré-modernas são consideradas a partir de 1850, as modernas no pós-segunda guerra, entre 1945 e 1973 e daí por diante as contemporâneas. As variáveis de cada tempo passam por enfrentamentos ocorridos na sua temporalidade, fome e miséria em decorrência de crises econômicas, confrontos religiosos, dominação de territórios, guerras, tráfico de escravos. Em casos da imigração contemporânea, não necessariamente elencados em fatores históricos, mesmo com uma alta e nova taxa de restrições para imigrantes, seguem um fluxo reduzido, porém existente, na busca de novos espaços, melhoria de vida e complementando as informações dos autores fatores de atentados terroristas e fenômenos naturais como o caso dos terremotos e destruição de zonas urbanas em diversos países, ou mesmo à estudos ou à trabalho. (CASTLE e KOSACK, 1973)

Em outro viés, Castle e Kosack (1973) apontam uma crítica sob o ponto de vista do Marxismo<sup>46</sup> relacionado aos movimentos migratórios, apoiados da ideia de Hopkins e Wallerstein (1994) e da teoria de mercado dual<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> As críticas ao modelo *push-pull* reúnem uma grande diversidade de teorias. Dentre as mais funcionalistas, que considera as migrações com o mecanismo de equilíbrio dos desajustes produzidos no mercado de trabalho mundial; as que priorizam o nível microeconômico e apontam ser a família, e não o indivíduo, que toma a decisão de emigrar, até posturas de orientação marxista. (ESPINOLA, 2005)



Nesta visão, afirma-se que os movimentos migratórios aumentam as desigualdades e deixam o terceiro mundo sem condições de realizar seu próprio desenvolvimento. Esta teoria se preocupa mais com as consequências das migrações do que com as causas. (ESPINOLA, 2005, ps. 37, 38)

Os problemas que fazem parte do cotidiano dos chamados países de terceiro mundo ou países em desenvolvimento, de acordo com os autores supracitados, são generalizados com a inserção de novos atores, ou seja, os imigrantes. Ao entendimento, estes trazem uma bagagem cultural própria e distinta, além de seus sonhos de melhoria, adentram em um novo ambiente, no mercado de trabalho e demais possibilidades e necessidades para suprir aquilo que lhes é de importância.

Espinola (2005, p. 40) destaca que, no estudo da contemporaneidade migratória, é de se refletir em um cenário em que: “movimento, fronteiras, viagem, nomadismo, margem” são categoricamente transformadas em “metáforas consistentes não só na área da arte e literatura, mas também nas ciências sociais”.

Com base nesses fatores, assim como a maioria dos imigrantes, os libaneses viviam problemas financeiros em sua terra, desse modo, a busca por novos horizontes era eminente. O que se pode afirmar acerca dos patrícios<sup>48</sup> que imigraram, é que o fator das constantes batalhas lideradas pelo Império Otomano acendia o desejo de se desvencilhar dos percalços enfrentados. O clima na região era sempre tenso, Safady, (1966, p. 161; 162) menciona que:

[...] o fator primordial dessa imigração era a pressão e o despotismo dos dominantes turcos. As divergências entre muçulmanos e cristãos, definidas desde os tempos dos cruzados, produziram convulsões internas no Líbano, que culminaram com os massacres de 1860. O libanês naquela época para descer a Beirute ou a Trípoli era sempre molestado pelos muçulmanos dessas duas cidades. O Líbano, depois daquelas convulsões internas, ficou menor em área, conforme a Constituição de 1861 e continuou assim, até depois da Primeira Guerra Mundial, desligado de Beirute, Trípoli, Saida e Sur, as quatro cidades-estados do Líbano antigo. A região do Bika'a, tendo Zahle como capital, era dominada pelos muçulmanos xiitas, um lugar de

---

<sup>47</sup> Os fatores que determinam os movimentos migratórios estão dentro de estruturas econômicas do povo que recebe, estes movimentos de migração acarretam na perpetuação dos desequilíbrios das economias. (PIORE, 1979)

<sup>48</sup> A denominação patrícios remete ao aspecto de ser conterrâneo. Assim como portugueses chamam os brasileiros e vice versa, os sírios e libaneses também o fazem. Disponível também em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/patr%C3%ADcio>> Acesso em: 06 de abril de 2017.

continua tensão e lutas fratricidas entre estes e os cristãos. Na Síria as lutas entre muçulmanos e cristãos não eram menores. Na cidade de Homs as lutas eram em maior escala. Os cristãos não tinham nem o direito de andar nas calçadas.

O verdadeiro caos que era vivido pelos sírios e libaneses despertava a ideia de seguir e buscar novos horizontes. Não existem dados concretos acerca da religiosidade dos imigrantes que chegavam ao Brasil, o que se sabe é que a maioria daqueles que saíam do Líbano eram cristãos, e de acordo com Hitti (1924) assim ocorreu pela mentalidade de maior desapego aos interesses em cultivo de terras e uma mentalidade mais progressista que os muçulmanos. “os dados existentes sobre filiação religiosa [...] são limitados demais para ter grande valor de análise de um grupo tão diverso do ponto de vista religioso como os sírios e libaneses” (KNOWLTON, 1961, p. 57)

Cada processo migratório possui suas distinções; as razões e motivações podem ser específicas para cada pessoa ou grupo, as características de cada evento são apresentadas de maneira diferente, existem inerências que fazem o processo ser particular a cada indivíduo. (NADALIN, 2007)

As motivações são diferentes, inerentes, intrínsecas e com bases fundamentais em cada situação; porém, cada caso merece o devido entendimento e aprofundamento. A complexidade que envolve o fenômeno deve ser considerada pelo pesquisador, mas a resposta em cada caso é possível e pode ser considerada única, mesmo quando existem semelhanças nos resultados.

## CAPÍTULO II

### 2 “*Nós não gostamos quando falam que somos turcos*”. O Líbano Otomano.

Um estereótipo que não agrada aos libaneses é a confusão que se faz quando lhes chamam de turcos. Algo que tem uma explicação histórica e que acaba de certa forma sendo plausível, apesar de não aceitável pelos libaneses. Hajjar (1985) destaca que a expressão mais preconceituosa para os árabes era “turco de prestação”.

De acordo com Meaker (2016), o Império Otomano viria a se envolver na Primeira Guerra Mundial, mas a troco do que? Pois bem, no centro de uma disputa de séculos estava o Império Otomano, cristãos ao norte e oeste, muçulmanos ao leste e sul, seu valor econômico era inestimável, pois a rota comercial entre leste e oeste era controlada pelo Império. Foi o “ponto de encontro entre os interesses conflitantes durante os 400 anos antes da Grande Guerra”. (MEAKER, 2016) O autor acrescenta que em meados de 1650 suas fronteiras se estendiam da Argélia à Pérsia (atualmente Irã), além da Transilvânia, Hungria e países da Península Balcânica, Albânia, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Grécia, Macedônia, Montenegro, Romênia, Sérvia, Eslovênia e Turquia.

Meaker (2016) explica que ao mesmo tempo em que o Império avançava ao norte e oeste a reação era imediata, os austríacos dominaram Hungria e Transilvânia em 1683 no cerco de Viena. Gradativa e sucessivamente outras nações foram derrubando o Império, tomando territórios antes pertencentes a este, como Rússia e França. No século XX só restava ao Império a Turquia e os territórios árabes ao norte da península árabe, entre eles o Líbano. Antes deste fato, a primeira derrota dos otomanos ocorreu em 1571,

na batalha de Lepanto, ao largo da costa leste da Grécia. A frota da chamada Santa Liga, formada por Veneza, Espanha, Estados Papais e Gênova, entre outros, infligiu fragorosa derrota a esquadra otomana destruindo ou capturando cerca de 200 navios turcos. Embora as forças cristãs acreditassem ter imposto um golpe decisivo, a derrota surtiu efeito pouco duradouro, pois os otomanos reconstruíram sua frota e continuaram a dominar o leste do Mediterrâneo por mais um século. (MARRIOTT, 2015, p. 82)

Depois da descoberta do petróleo na Pérsia em 1901, os interesses dos britânicos voltaram-se em buscar apoio aos Otomanos frente a Rússia, “este era o estado do relacionamento entre os Aliados e o Império Otomano quando a Grande Guerra começou”. (MEAKER, 2016). Assim a chance e a tentativa de recuperar território colocaram os otomanos na Primeira Guerra Mundial.

O desfecho da Guerra e o enfraquecimento do Império com a derrota deixaram seus filhos sem perspectivas, e a busca por novos ares proporcionou uma debandada de pessoas a outros países, entre eles o pacífico e promissor Brasil. (MEAKER, 2016) Mais especificamente tratar-se-á dos sírio-libaneses e libaneses, suas chegadas e distribuição pelo país.

Os libaneses se caracterizaram por uma grande evasão, explicada por sucessivos conflitos religiosos entre cristãos maronitas e muçulmanos e pelas parcas condições produtivas do país, com somente 26% do seu solo cultivado. Desde fins do século XIX até a sua independência em 1941, cerca de 500.000 pessoas emigraram para os EUA, 250.000 para o Brasil e 150.000 para a Argentina. (GOMES, 2000, p. 106)

Segundo Al-Khazraji (2014, p. 25)

Além dos que fugiram do regime Otomano, muitos sírios e libaneses emigraram no fim do século XIX e início do século XX por causa da pobreza e da falta de oportunidades de trabalho em sua terra natal. Não eram majoritariamente muçulmanos, mas cristãos.

No Brasil eles desembarcaram primeiro no porto de Santos em meados do século XIX e mais tarde um pouco nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Amazonas, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, dedicando-se principalmente ao comércio e serviços de mascate. (HAJJAR, 1985).

Em sua chegada, a apresentação do passaporte era obrigatória, como o Líbano (que não existia na época) pertencia ao Império Otomano logicamente sua origem estava alienada à Turquia. Tal fato determinava que os imigrantes fossem erroneamente chamados de turcos, o que implicou no apelido que recebem até os dias atuais em todo território nacional. (ZIRALDO, 2005). “Serem chamados de turcos, para eles, consistia grande ofensa; ainda assim o rótulo permaneceu e foi assimilado.” (AL-KHAZRAJI, 2014).

Óia, se for pensa os antigo, que passaram na época pela mão de Turquia que era país dominado por eles, era um povo muito carrasco o turco. Então o povo libaneis não gosta do turco. E po cê saí do país você tinha que passa pela visa, carimbo da Turquia. E assim foi e continua sendo turco, turco, entende, por causa disso eles chamam você de turco. Mas cada país que ocê for, cê tem que aprender que cada nacionalidade um país; como o libaneis é Líbano, como a Síria é sírio, como a Turquia é turco, como Egito é egípcio. Mas os novo não ligam por ser chamado de turco, os antigo já ligam, entende. Então não, você num pode fica brabo. É uma coisa que já vem de tempo, já acostumado com isso e continua. (Jaafar Youssef Reda)

Jaafar demonstra em suas palavras que existiu e existe ainda esta denominação, é algo que os libaneses carregam consigo, reflexo de um povo que sofreu em mãos inimigas, foi assolado por uma Guerra que deixou cicatrizes e marcas; entretanto, aos poucos vão sendo superadas pelas novas gerações.

Devido à condição do Líbano subjugada pelo Império Otomano, os sírio-libaneses recebiam a denominação de turcos quando desembarcavam no Brasil; o que sempre causou profundo desconforto pelos imigrantes. A “população no Brasil ignorava a história e as intrincadas diferenças de costumes, religião e hábitos existentes no mundo árabe.” (GOMES, 2000)

Uma das implicações pressupostas na chegada destes imigrantes seria o fato de uma parte deles, não menos importante, serem da religião muçulmana, adentrando em um país de maioria católica<sup>49</sup>. Para Hajjar (1985, p. 46) a religião é “mais importante que a identidade nacional”, pois a influência religiosa dentro de uma comunidade é tratada como algo bastante significativo, nos casamentos, divórcios e mesmo na doutrina pregada por cada religião. Para Al-Khazraji (1989), os muçulmanos pregam a origem da divindade das maiores religiões monoteístas, o Cristianismo, o Judaísmo e mesmo o Islamismo. O autor ainda cita que os conhecedores do Alcorão sabem que Deus enviará para todas as nações profetas, e os muçulmanos respeitam e acreditam em todos os fundadores de cada religião.

---

<sup>49</sup> A religião católica no Brasil representa 65% da população de acordo com dados do último censo do IBGE em 2010, em segundo lugar a religião evangélica figura com 22,2%. O Islamismo não figura entre as 10 primeiras citadas pelos brasileiros. Porém os números divergem da estimativa da Federação Islâmica Brasileira. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm)> Acesso em: 06 de abril de 2017.

Os números de adeptos<sup>50</sup> divergem significativamente entre dados de censos, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2000 estimou que cerca de 27.000 pessoas fizessem parte do Islã no Brasil e este número teria crescido até 2011 cerca de 25%. Um número que parece estar bastante fora da realidade, pois a estimativa da Federação Islâmica Brasileira é que cerca de 1 milhão<sup>51</sup> de pessoas são fiéis aos costumes e práticas muçulmanas.

Independente da qual estatística está correta, a comunidade muçulmana, e mais especificamente a libanesa, cresce gradativamente dentro do território brasileiro. As pesquisas a respeito destas comunidades devem crescer na mesma medida.

## 2.1 Conceitos de Comunidade

O termo “comunitário” é contemporâneo, entretanto, por vezes é utilizado de maneira errônea, atribuindo este a toda e qualquer forma de grupos e pessoas, deixando seu sentido real um tanto quanto inapropriado.

O termo “comunitário” vem sendo utilizado, nos últimos tempos, de forma desordenada, o que contribui para uma confusão conceitual que esvazia seu significado. Qualquer agrupamento tem sido chamado de comunidade, sejam bairros, vilas, cidades, segmentos religiosos, segmentos sociais, redes de relacionamentos na internet etc. (PERUZZO e VOLPATO, 2009, p.140)

É preciso discernir e entender o conceito, não atribuir aleatoriamente sua fundamentação, percebendo e descobrindo se realmente um determinado grupo pode e é considerado como tal. Palácios (2001, p. 1) explica que o “conceito de Comunidade, centralizado na Sociologia Clássica, trata de uma invenção da Modernidade”, teorizando para possíveis enfrentamentos de ideias.

---

<sup>50</sup> Disponível no site <[http://www.mesquitabrasil.com.br/isla\\_brasil.php](http://www.mesquitabrasil.com.br/isla_brasil.php)> Acesso em: 01 de março de 2017.

<sup>51</sup> Atualmente no Brasil, segundo instituições Islâmicas, o Islã conta com cerca de 1 milhão de fiéis, 50 mesquitas, e mais de 80 centros islâmicos espalhados pelo país. (AL-KHAZRAJI, 2014, p. 25)

Mas, antes de tudo, é importante salientar que todo tipo de grupo, comunidade, sociedade é fruto de uma árdua e constante *negociação* entre preferências individuais. Exatamente por essa razão, o fato de estarmos cada vez mais interconectados uns aos outros implica que tenhamos de nos confrontar, de algum modo, com nossas próprias preferências e sua relação com aquelas de outras pessoas. E não podemos esquecer que tal negociação não é nem evidente nem tampouco fácil. Além disso, o que chamamos de preferências “individuais” são na verdade fruto de uma autêntica construção coletiva, num jogo constante de sugestões e induções que constitui a própria dinâmica da sociedade. (COSTA, 2005, p. 236)

A integralidade que há dentro de uma sociedade é o que a torna autêntica, a simpatia e a parcialidade devem ser naturais, dentro delas deve haver a confiança, empatia, estima e respeito. Entender esses fatores é parte inerente do processo, para a formação de grupos maiores e com afinidade recíproca, algo que vá além do clã constituído pelo homem e pela família, ou seja, “trata-se de estender as simpatias para além daquilo que se configura ainda como uma parcialidade: as comunidades em seu sentido mais tradicional”. (COSTA, 2005, p. 242)

Deleuze (1953, p.26), destaca aquilo que Hume<sup>52</sup> reprova em relação às teorias da sociedade. Para o autor o problema maior é

nos apresentar uma imagem abstrata e falsa da sociedade, de definir a sociedade de modo apenas negativo, de ver nela um conjunto de limitações dos egoísmos e dos interesses, ao invés de compreendê-la como um sistema positivo de empreendimentos inventados.

O grau dos sentimentos que envolvem o convívio, a estima, respeito e confiança, por exemplo, indicam a integralidade que envolve as bases da comunidade. Quando se busca conquistar um estranho, alguém fora do círculo de convívio, pode significar algo além daquilo que se busca, aponta que a construção da afetividade vai além das parcialidades conjuntivas do processo. Assim trabalham as instituições, “não exatamente o papel de governar ou regular as relações entre os homens”, porém na mobilização da integralidade como fator primordial, normatizando e apontando os caminhos a serem seguidos para a conquista da totalidade (COSTA, 2005, p. 242).

O autor ainda afirma que

---

<sup>52</sup> HUME, D. **Traité de la nature humaine**. Paris: Aubier, 1983.

um dos aspectos essenciais para a consolidação de comunidades pessoais ou redes sociais é, sem dúvida, o sentimento de confiança mútua que precisa existir em maior ou menor escala entre as pessoas. A construção dessa confiança está diretamente relacionada com a capacidade que cada um teria de entrar em relação com os outros, de perceber o outro e incluí-lo em seu universo de referência. Esse tipo de inclusão ou integração diz respeito à atitude tão simples e por vezes tão esquecida que é justamente a de *reconhecer*, no outro, suas habilidades, competências, conhecimentos, hábitos... Quanto mais um indivíduo interage com outros, mais ele está apto a reconhecer comportamentos, intenções e valores que compõem seu meio. Inversamente, quanto menos alguém interage (ou interage apenas num meio restrito), menos tenderá a desenvolver plenamente esta habilidade fundamental que é a percepção do outro. (COSTA, 2005, p. 242, 243)

Esta dinâmica pede a percepção do indivíduo em relação ao outro, buscar e identificar certas características ou ações não percebidas anteriormente; reconhecendo isso, a aceitação está clara e inerente àquilo que se trata, é a integração como parte do grupo, o convívio e as atitudes sendo aceitas e valorizadas. A partir deste momento, a confiança passa além do individual, o coletivo predomina e a mutualidade passa a ser plena. (COSTA, 2005)

Das perspectivas do conceito comunidade, imagina-se que o próprio conceito define suas justificativas, trata da composição de um grupo, mas não somente, também o seu envolvimento com aquilo que é praticado em seu âmbito comunitário, seus sentimentos e práticas.

A comunidade é caracterizada por Palácios (2001, p. 04) da seguinte forma:

Alguns elementos fundamentais caracterizam uma comunidade na atualidade: a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência (em contraposição à efemeridade); d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos.

A comunidade representa o local “onde os indivíduos atuam como um todo; estabelecem relações face a face e laços de afinidades”. A legitimação dos laços implica diretamente nas relações cotidianas da comunidade, como a Igreja, cooperativas, o Estado e as associações naturais de cada grupo. (GOHN, 2005, p. 18).

Para Peruzzo e Volpato (2009, p. 142)



a própria palavra comunidade transmite e relembra sensações de solidariedade, uma vida em comum, sem qualquer dependência de época ou de região. Atualmente remete ao lugar ideal onde se deseja viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna.

A comunidade transmite segurança aos seus participantes, é o apoio aos anseios e união em torno de objetivos comuns, a conquista do espaço, aquilo que se procura e encontra.

Baumann (2003, p. 07) apresenta o conceito comunidade com a sensação de prazer que o próprio significado da palavra transmite, em que se vive seguro em meio ao que é ou está hostil. Os fundamentos de afetividade, emoções e tradição, mesmo em uma heterogeneidade, abrangem uma “relação social em uma atitude de ação social, na constituição do todo que é a comunidade, inspirando o sentimento subjetivo de afetividade e/ou tradicional.” (WEBER, 1973, p. 140)

Toda comunidade deve estar em constante relação, tendo suas vontades e anseios compartilhados, sendo usual o convívio pleno em ações e aspirações.

Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento [da situação comum], a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo (WEBER, 1973, p. 142).

Os sentimentos envolvidos nas ações devem ser recíprocos a cada membro, e cada passo dado deve ser condizentes aos anseios de cada indivíduo envolvido na comunidade. Tonnies (1995, p. 239) destaca que a “unidade de existência” ou comunidade de sangue, deve desenvolver-se como comunidade de lugar em que a habitação é o termo relevante e comum, chegando a comunidade de espírito com as atividades em comum. A vida mental é constituinte da comunidade de pensamento, que é destacada pelo autor como a forma mais importante de comunidade, na qual as relações ideológicas devem ser sentidas e compartilhadas pelos membros envolvidos.

Baumann (2003, p. 10) cita que não é gratuito o convívio em comunidade, a liberdade ou autonomia são o preço, bem como o “direito à autoafirmação e à identidade”; independente da escolha existe ganhos e perdas. A comunidade representa a proteção desejada e a perda da liberdade.

As escolhas no convívio e aceitação da comunidade são, em longo prazo, seus compromissos e éticas comprometidos com as próprias obrigações e direitos que cercam a proposta; o “compartilhamento fraterno” é inerente e reserva o direito de segurança, mas os erros são riscos que não podem ser separados de cada indivíduo. (BAUMANN, 2003, p. 57)

Deve-se levar em consideração fatores como as identidades intrínsecas no processo também, a comunidade se faz e é definida por eles. Weber (1994) afirma que as Identidades étnicas são caracterizadas a partir da afinidade, o sentimento de pertencimento comum é evocado e não há necessidade de se constatar que a própria origem é comum; Assim também Cohen (1979) discorre sobre o assunto, classificando os membros como grupos de interesse, na busca por serem valorizados alcançando visibilidade social, desde que não estejam presentes fatores externos, como por exemplo, interesses estatais.

A organização social que a comunidade constitui e ao mesmo passo é constituída, transmite fontes de relevâncias à sociedade, produz um espaço que intensifica a vida em comum de membros que se relacionam por um propósito intrínseco do cotidiano comunitário, irrelevante para muitos, porém imprescindível para os envolvidos. Tonnies (1995, p. 239) trata da tendência de se pautar a comunidade em cima de grupos com “coesão e de sentimentos” participativos de interesse comum, na busca pelo melhor ambiente de vizinhança. Para Buber (1987, p. 34).

A comunidade que imaginamos é somente uma expressão de transbordante anseio pela Vida em sua totalidade. Toda Vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. A comunidade é fim e fonte de Vida. Nossos sentimentos de vida, os que nos mostram o parentesco e a comunidade de toda a vida do mundo, não podem ser exercitados totalmente a não ser em comunidade. E, em uma comunidade pura nada podemos criar que não intensifique o poder, o sentido e o valor da Vida. Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser. E temos o privilégio de tomar e oferecer a ambos de modo claro: vida por anseio à vida, comunidade por anseio à comunidade.

O autor ainda destaca que a vida é o combustível da comunidade, a vida é o relato, a relação, a existência da própria comunidade, destacada pelas suas significâncias e inter-relações, aquilo que liberta os limites, traduzidos em uma união, uma só existência, vida e comunidade. (BUBER, 1987)

Gohn (2005) conta que a ressignificação do termo comunidade na filosofia remete ao símbolo que o plano representa, uma busca por novas utopias e críticas às sociedades consumistas.

Paradoxalmente, o termo comunidade tem retornado várias vezes ao sentido dado originalmente pelos socialistas utópicos: como ideal ou modelo civilizatório, como um grupo permanente de pessoas que ocupam um espaço comum, interagem dentro e fora de seus papéis institucionais, e criam laços de identidade a partir dessa interação (GOHN, 2005, p. 24).

A afirmativa acerca de comunidade para Palácios (2001, p. 07) é a relação de pertencimento, na constituição e definição da Comunidade em si, não remete a localização geográfica ou distância como Park e Burgess (1973, p.148) defendem. Palácios (2001) afirma que em nada isso influencia na relação ou substituição dela, ela torna possível a existência do sentimento de pertencer ao grupo em qualquer instância ou implicação, seja face a face ou à quilômetros de distância.

O território tem relação com a comunidade, mas não é determinante à sua existência ou relevante para o sentimento de pertencer ou não. A territorialidade deve ser entendida como um fator simbólico e restrito ao âmbito de relações entre os membros, mas não excluindo seus propósitos, tampouco sua existência como comunidade.

Os sentimentos estão envolvidos diretamente dentro da comunidade e esta pode ter diversos e distintos significados aos seus membros. Desse modo, pode ser refletido dentro de um território; na formação e ocupação de outro território, ou mesmo no sentimento de pertença a ele. A comunidade passa a ser um termo e não um conceito, determinada pela noção do senso comum, ela está atrelada as lembranças boas e sensações cercadas e compartilhadas com os demais, seus saberes, trabalho e conflitos. (GOHN, 2005)

Por esses motivos, é importante refletir acerca de território, pois existem grupos que estabelecem relações a partir deste conceito, fatores étnicos, religiosos ou costumes e tradições que condizem a uma determinada região ou território.

Tratando acerca de território, Bourdin (2001, p. 13) explica que a localidade possui “delimitações múltiplas e contingentes, seus pontos de referência são os bairros, região, vizinhança e/ou região urbana. Dentro destes

limites podem ocorrer diversas coisas e ao mesmo passo, por vezes, quase nada.”. Os territórios não são imutáveis, os contornos territoriais estão dispostos às mudanças, e por vezes são vagos, existindo as fronteiras relativas como rios, montanhas, etc. Neste contexto as relações interpessoais e suas próprias inter-relações entram no âmbito de saber distribuir corretamente os fatores e interpretar os campos de estrutura social, segmentos político, jurídico, econômico e poderes de aglomeração para uma definição mais coesa e coerente da classificação territorial. (BOURDIN, 2001; PERUZZO, 2006).

O local e a comunidade fazem parte de um fluxo constante de relações; suas inter-relações constituem um determinado contexto e suas existências caracterizam as sinergias que movem seus cotidianos. Ortiz (1999, p. 60) e Santos (2006, p. 218) destacam as “globalidades” envolvidas no espaço local; sua existência não passa despercebida e relaciona os atos diretamente. Por outro lado, a dimensão espacial é transformada por outras e a formação dos “lugares” é proporcionalmente intrínseca no processo.

Estes espaços, com suas peculiaridades, também possuem seus anseios e sentimentos, característicos das comunidades, trazem e conservam identidades e história, remetem aos hábitos e costumes, apesar de restritos em seus atos. “Existe esta baliza territorial, porém o local se confunde, conforta e reprime, familiariza as situações e provêm os hábitos cotidianos, por isso a associação da ideia de autêntico parece tão natural.” (ORTIZ, 1999)

Bourdin (2001, p. 25) destaca que

A localidade às vezes não passa de uma circunscrição projetada por uma autoridade, em razão de princípios que vão desde a história a critérios puramente técnicos. Em outros casos, ela exprime a proximidade, o encontro diário, em outro ainda, a existência de um conjunto de especificidades sociais, culturais bem partilhadas.

A localidade não é determinante, mas aponta que os casos são diferentes, existe a tomada de decisão levando em consideração; porém, suas delimitações existenciais, políticas ou históricas não interferem em outras, neste caso a comunidade. O espaço é determinado, específico de uma região, existe a partilha e a inserção, o espaço é familiar, mas não é determinante às suas ações e sentimentos. (PERUZZO, 2006, p. 144)

A forma social que é vista e constitui o local, determina o nível de integração e relação social, intensamente ou de relevância menos determinada, as trocas e importância são relativas, variando de suas riquezas existenciais às relações obtidas nesta constituição. (BOURDIN, 2001, p. 56).

Outro fator a ser levado em conta é a troca cultural, os atributos que levam os envolvidos a doar e receber seus conhecimentos e práticas, isto é, hábitos de alimentação, linguagem, vestimentas e demais partes que envolvem tal processo, algo que Hall (2006, p. 89) chama de homogeneização cultural. O autor destaca que existe a “produção de identidades híbridas, originadas do processo de tradução cultural”, determinando mais de uma língua falada e linguagens culturais mistas.

As relações entre sociedade local e comunidade devem ser consideradas e devidamente constituídas em seus lugares e relações; as identidades devem estar preservadas e sua salvaguarda garantida no processo; seus membros são a maior relevância no contexto. Com isso suas parcialidades devem ser consideradas para o bem de suas relações.

### **2.1.1 O desenvolvimento como comunidade**

Este tópico aponta algumas definições referentes às formas de como o desenvolvimento ou não de uma comunidade pode afetar seus indivíduos, bem como as etapas e possíveis consequências.

O entendimento dos fatores que evidenciam as práticas da comunidade e suas implicações deve ser levado em consideração ao tratarmos do desenvolvimento da própria comunidade. Entender aquilo que é creditado como desenvolvimento e o que realmente o representa. Pode-se tratar o conceito de desenvolvimento, de acordo com Seidenberg (2004), como algo que sofre mutação desde o princípio da história da humanidade, sua ideia está conceitualizada em algo de revelação gradual, desenrolando de algo que está circundado, como suas direções e mudanças intrínsecas no contexto.

Seidenberg (2004) ainda destaca que as concepções a respeito do desenvolvimento são otimistas desde os tempos antigos, suas possíveis

mudanças e modificações são inerentes ao termo, implica em um processo de mudar e libertar, o progresso e a modernização passam pelo desenvolvimento.

O desenvolvimento ou falta dele implica em situações que influem em tomadas de decisões por parte das pessoas, sendo assim

um desnivelamento muito acentuado de condições de vida provoca inevitavelmente migrações maciças dos centros menos desenvolvidos para os mais evoluídos. O êxodo rural que assim se acelera só excepcionalmente poderá vir a ser absorvido pelo ritmo da expansão dos centros urbanos; mais provavelmente se constituirá um volume de desemprego que, por seu turno, fará pressão no sentido do baixo nível geral de salários além de que, por si só, constitui fator de instabilidade social e descontentamento. (SILVA b, 1963, p. 540; 541)

A questão que incorre aos princípios do desenvolvimento é que o estabelecimento deste é um processo percebido e sentido pelos envolvidos. Da mesma forma o é quando este não ocorre, o seu não acontecimento leva a medidas necessárias, por vezes a falta do desenvolvimento força as pessoas à migrarem.

Esta é uma situação que afetou os imigrantes libaneses, os quais, ao sentirem que não havia mais perspectivas em sua terra natal, partiram em busca deste desenvolvimento que a eles era negado. “Estima-se que 1/4 de toda a população libanesa tenha deixado o país entre os anos de 1900 e 1914.” (GATTAZ, 2012, p. 25). Em diversos países chegaram e prosperaram, a prova é que a atual população do Líbano<sup>53</sup> é menor que a de descendentes espalhados pelo mundo.

As transformações sociais, culturais, políticas e econômicas são parte do processo que o desenvolvimento traz consigo. Este leva a consequências principalmente estruturais e pode afetar outros indivíduos envolvidos, direta e indiretamente. Esses resultados<sup>54</sup> são transformações no cenário urbano com povoação e ao contrário também, as migrações e o êxodo são as principais, mas os níveis de vida e de qualidade dela podem se alterar com as taxas de

---

<sup>53</sup> A República Libanesa, segundo a Embaixada do Líbano no Brasil (s/d) tem uma área geográfica de 10.452 km<sup>2</sup>, da qual se estima que de área verde sejam 1.360 km<sup>2</sup>. Ainda de acordo com a mesma fonte, a população foi estimada em 2005 em 3,6 milhões de habitantes, dos quais 60% vivem no meio urbano. O país conta com 14 milhões de emigrantes (dentre os quais cerca de 7 milhões estão no Brasil) (EMBAIXADA DO LÍBANO NO BRASIL, *s/d apud CARDOZO*, 2012, p. 48)

<sup>54</sup> Os resultados apontados são por vezes ao inverso, povoação e despovoação, crescimento e decréscimo e assim por diante, principalmente focado em questões econômicas.

natalidade, impactos econômicos, desestruturação de hábitos e costumes, assim o desenvolvimento deve estar focado na melhoria da vida comunitária para evitar as implicações negativas que podem ser sentidas pelo desenvolvimento. (BAPTISTA, 1978)

Em termos mais diretos a relação do desenvolvimento socioeconômico quantitativo está diretamente ligada aos recursos existentes no Planeta. Com isso, a possível escassez destes eleva o nível de fracasso, assim a abordagem qualitativa destes recursos deve ser aplicada. (SEINDENBERG, 2004)

O desenvolvimento não é um fenômeno meramente quantitativo, uma questão de — «mais ter»; é, igualmente, um fenômeno qualitativo — deve traduzir-se, portanto, por «mais ser» ou «melhor ser» (expressões do P. Lebreton e do Círculo de Economie et Humanisme). Só um processo que mergulhe as suas raízes na mentalidade da população e seja capaz de operar nela uma transformação suficientemente profunda terá garantia de ser eficaz e de ter continuidade. (SILVA b, 1963, p. 542)

Com esta base descrita pelo autor pode-se pensar e que se aplica a lei do mais forte, quem possui mais recursos sobrevive e o restante faz a própria sorte. A comunidade que se forma deve agir de acordo com seus princípios e fazer aquilo que é possível e necessário para seu pleno desenvolvimento.

O que não pode ocorrer, é a isenção do Estado no papel de fomentar o desenvolvimento, prestando apoio e cumprindo com os deveres e obrigações que assegurem o bem estar de qualquer comunidade envolvida, seja desenvolvimento econômico ou social.

O desenvolvimento possui um conceito complexo, já foi visto há muito e por muito tempo, como ação meramente econômica; porém sua proposta deve passar por motivações que estimulem as comunidades a trabalharem em coletividade, com este intuito, os benefícios passam do individual ao coletivo e os laços ficam fortalecidos. (CONSORCIO PARA EL DESAROLLO COMUNITARIO, 2009).

Os benefícios devem estar em equilíbrio, pensando no desenvolvimento econômico e social como uma união necessária para o bem estar da comunidade.

Gutiérrez (2013) explica que quando há ação coletiva todos os envolvidos são beneficiados, e as metas alcançadas remetem as melhorias

sociais, econômicas e culturais. O desenvolvimento comunitário tem por meta a evolução social, cultural e econômica mútua e participativa, almejando a produção e distribuição de maneira que todos recebam exatamente a mesma coisa, pois a ideia é o indivíduo contribuir na evolução do grupo como um todo e não ao contrário. (SINGER, 2004).

Pensando no conceito de desenvolvimento comunitário, Silva (1963, p. 544) destaca que em favor deste, diz-se ainda que; “se o desenvolvimento opera sempre uma transformação profunda dos indivíduos e dos grupos humanos, devem ser estes os autores desta transformação”. A mudança deve ser tomada em consciência dela própria, deve ser escolhida pelos membros envolvidos e a participação da comunidade é de suma importância para os beneficiários, com responsabilidades e iniciativa, assim como é da “índole do desenvolvimento comunitário”.

O desenvolvimento comunitário deve ter como base um plano de ação a “partir das necessidades sentidas pela população e sobre elas,” havendo desde o princípio “iniciativa, responsabilidade e liberdade de escolha por parte dos interessados”. (SILVA, 1963, p. 544)

Deve-se deixar claro neste momento que o âmbito econômico por vezes é o mais focado, entretanto a significância das outras relações é tão importante quanto. Cultura e demais fatores sociais são inerentes ao processo e devem estar em voga. Milani (2003, p. 1) destaca

Ora, sabe-se desde há muito que o desenvolvimento local envolve fatores sociais, culturais e políticos que não se regulam exclusivamente pelo sistema de mercado. O crescimento econômico é uma variável essencial, porém não suficiente para ensejar o desenvolvimento local.

As variáveis são importantes para entender o grau de desenvolvimento e se realmente ele existe.



## CAPITULO III

### 3 A Comunidade e sua História: Os Libaneses em Irati

Irati tem sua história ligada diretamente com a Estação Ferroviária no final século XIX e início do século XX, a ferrovia é responsável direta pela chegada dos primeiros libaneses no município.

Como o início das imigrações libanesas foram advindas principalmente por navios, os imigrantes que no Brasil chegavam, desembarcavam em cidades portuárias e logo buscavam onde se estabelecer. Tendo em vista Irati não é uma cidade banhada pelo mar, conseqüentemente não possui portos, por esse motivo não recebia pessoas diretamente vindas do Líbano, eram grupos ou indivíduos que estavam estabelecidos em outras cidades do Estado do Paraná como Ponta Grossa, Curitiba ou em outras regiões do Brasil.

O senhor Jaafar veio morar em Irati em meados dos anos 50 e explica como chegou:

Eu nasci no Líbano, eu vim pequeno vim conhece meu pai aqui no Brasil, eu e o meu irmão mais velho. Nós viemos cada um com cinco ano, e o mais velho seis ano, entende, tão viemos conhecer o pai aqui no Brasil. Nós viemos de navio, levemos quase trinta dia pra chega aqui no Brasil (risos). Pra Santos, e de Santos pra Ponta Grossa de maria-fumaça, trem, maria-fumaça, que era antigamente à base de lenha ainda [...] daí ficemos um bom tempo em Ponta Grossa, né, daí um dos meus tio foi embora pra Guarapuava, saiu de Ponta Grossa, certo, e nós saímos de Ponta Grossa porque o cara queria o prédio, e eu já conhecia aqui Irati antes, porque eu viajei, comecei viajar a muito tempo de viajante aqui. E deu certo de vim pa Irati e to aqui em Irati até hoje. (Jaafar Youssef Reda<sup>55</sup>)

Como será visto e explanado de maneira mais explicativa no próximo tópico, a primeira família de origem libanesa que se instalou em Irati e que se tem conhecimento foi a família Maluf em 1909, atuando no ramo madeireiro. Mais tarde viriam outras, como é explicado no decorrer do capítulo.

As entrevistas aqui utilizadas foram feitas pessoalmente com auxílio de gravador, e transcritas posteriormente, seguindo a metodologia da história oral, como já elucidado anteriormente.

---

<sup>55</sup> Jaafar Youssef Reda. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 02/05/2017.

Os resultados obtidos com as entrevistas apontam uma série de libaneses influentes que atuaram constantemente na sociedade iratiense, deixaram fatos e feitos marcantes que são considerados pelo autor pequenos legados para a comunidade libanesa e iratiense. São fragmentos históricos que fazem parte de Irati, de maneira material e imaterial, uma parte importante da história do município.

Indo ao encontro do que se refere ao pequeno legado citado, Heymann (2005, p. 02) explica que nesse sentido

configura-se um tipo de legado, de natureza memorial, materializado em arquivos, peças e toda sorte de registros que remetam à figura e atuação do personagem, que passa a ser objeto de ações de preservação e divulgação, por meio das quais, por sua vez, o legado substantivo atribuído ao personagem é constantemente atualizado e resignificado.

Existem também muitos sentimentos envolvidos na vida de cada entrevistado, principalmente em se tratando de imigração, são histórias de percalços e sofrimentos enfrentados por cada libanês que se aventurou em busca de melhores condições de vida e por que não, prosperar. Sayad (1998) destaca que o imigrante sofre com os sentimentos de perda, abandono, culpa e solidão. Esses sentimentos são definidos pelo autor como o pecado natural.

Os dados coletados nas entrevistas também apontam algumas condições e barreiras encontradas para a manutenção religiosa, longe do Líbano e em uma cidade de porte pequeno, que não lhes oferece uma estrutura desejada, como exemplo, a não existência de uma Mesquita.

A distância de sua terra natal não os impede de ter uma vida em comunidade e relações harmoniosas. O desejo de uma vida próspera, passa pela realização de cada objetivo, em conjunto ou individual. E voltar ao Líbano? Cada entrevistado explicita sua opinião e revela esta questão.

As histórias contadas alicerçam os objetivos traçados, são reveladas com conquistas individuais e coletivas, sofrimentos e alegrias, perseverança e dedicação, cada fragmento ou fato formam um conjunto histórico.

É importante tratar com respeito os libaneses, a memória de cada entrevistado, suas lembranças, remetem a etnicidade, identidade, cultura e elementos que formam a comunidade referida. “As lembranças que guardamos de cada época de nossa vida, se reproduzem sem cessar e permitem que se

perpetue, como pelo efeito de uma filiação contínua, o sentimento de nossa identidade”. (HALBWACHS, 1990, p. 189)

Expor os sentimentos que os envolvem, tornam clara e objetiva àquilo que foi proposto, o legado deixado por estes no município demonstram a importância que devem receber, sua visibilidade começa a ser descrita.

A partir deste ponto, passamos a analisar alguns pontos propostos como objetivos, exemplificando e expondo os resultados alcançados com a pesquisa, tendo como base os dados coletados a partir das entrevistas. Como foram usadas as entrevistas em praticamente sua totalidade e cada tópico aborda um determinado assunto, são utilizadas de maneira esporádicas, em nota de rodapé, as citações de data das entrevistas.

O próximo tópico tem como base a entrevista concedida ao autor pelo senhor José Maria da Grácia Araújo, professor e estudioso da história de Irati.

### **3.1 Atividades: Economia e Negócios**

A história por vezes deixa algumas lacunas a serem preenchidas. São pequenos espaços que os pesquisadores vão ao longo dos tempos complementando e completando. O desenvolvimento de Irati, como já descrito anteriormente, passa muito por costumes e tradições de diversas etnias que se estabeleceram no município, desde o início quando ainda era apenas a vila de Covalzinho<sup>56</sup>. O que foi proposto é preencher um espaço, ou melhor, contar a história de uma comunidade importante para o crescimento da cidade.

Nesse tópico são utilizadas várias memórias e narrativas de José Maria Grácia Araújo, relatando fatos e histórias que suas lembranças lhe permitem contar. Tendo isso em vista, alguns conceitos a respeito da memória devem ser relembrados.

Le Goff (2003, p. 423), trata a memória como uma “propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

---

<sup>56</sup> Covalzinho foi o nome anterior da vila que viria a formar o município de Irati.

Vale a pena ressaltar que a memória pode ser seletiva, ou seja, o entrevistado por vezes relata aquilo que lhe convém, não reproduz inverdades, porém, algumas lembranças podem sofrer certas mutações, conforme explica Alberti (2005 *apud* STADLER, 2015, p. 37)

Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. [...] O fato de ser uma narrativa oral, que resulta de uma interação entre entrevistado e entrevistador – uma conversa, podemos dizer –, torna essa fonte específica em relação a outros documentos pessoais. O que o entrevistado fala também depende da circunstância da entrevista e do modo pelo qual ele percebe seu interlocutor.

Com essa ressalva, todas as lembranças são aceitas como verdades.

Uma das primeiras famílias que se tem registro a montarem negócio em Irati é de origem libanesa, de linhagem política e conhecida no cenário nacional, a família Maluf<sup>57</sup>. Já em 1909 a madeireira Maluf começava a exportar madeiras, por alguns anos “auxiliaram” na derrubada de milhares de árvores de onde hoje se encontra o quadro urbano de Irati. Compravam por intermédio de terceiros ou direto com os donos das terras.

Durante os anos de 1909 á 1912, apenas nestes três anos, foram derrubados e vendidos a Empresa Fayad Maluf (Avô de Paulo Maluf), estabelecida aqui em Irati, cerca de 40.000 (quarenta mil árvores, na sua maioria pinheiros e imbuías) todas retiradas, bem daqui, próximas, do espaço onde hoje é delimitado pelo nosso quadro urbano<sup>58</sup>. (ARAÚJO, 2010)

---

<sup>57</sup> São os primeiros Maluf a fazerem parte da história de Irati, como veremos dentro do capítulo III, mais tarde outra família Maluf entraria no histórico da cidade.

<sup>58</sup> Disponível em: < <http://radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/dia-da-rvore/5172/>>

Figura 04: Extração de Pinheiro e Imbuia



Fonte: ARAÚJO, 2010.

No extinto cartório Lisboa de Irati existiu o registro da primeira compra efetuada pela madeireira de Maluf.

Escritura publica de compra e venda de madeira...no anno de 1909...nesta Villa do Iraty, Districto e Município do mesmo nome, termo de Santo Antonio do Imbituva, comarca de Ponta Grossa estado do Paraná...comprador o senhor Fayad Maluf, comerciante residente na cidade de São Paulo... o presente contrato constante das cláusulas e condições seguintes: Primeira – A parte contratante senhor Thomaz Malanski vende a segunda Sr. Fayad Maluf, dez mil pinheiros de dois palmos e meio para cima de diâmetro, exceto a casca, ao preço de dois mil réis cada pinheiro. Segunda – os pinheiros... são os que existe dentro do terreno situado no Riozinho. Terceira – a parte contratante obriga-se a comprar o excedente dos pinheiros estipulado na cláusula anterior pelo mesmo preço e condições e acaso não tenha a quantidade de pinheiro estipulada na cláusula anterior o contratante vendedor não é obrigado a completar, isto é o que existe dentro do terreno referido... Quarta – os pagamentos serem effectuados depois que forem derrubados cem pinheiros e assim por diante. Quinta – o valor do presente contrato é de vinte contos de réis, importância total dos pinheiros vendidos, sendo a multa de quatro contos de réis, além de custas e honorários de advogados pela parte que houver arrependimento ou deixar de cumprir as clausulas estipuladas. Sexta – o comprador fará os pagamentos de pinheiros a medida que sejam derrubados, de cada cem pinheiros. Sétima – a parte contratante comprador, depois que tirar as toras de pinheiros para serrar, tira ainda dos pinheiros, madeiras para lenha para a machina e as pontas dos pinheiros e nós fica ao contratante vendedor<sup>59</sup>. (JORGE e MARTINS, 2010)

<sup>59</sup> Escritura Pública registrada em cartório: Cartório Lisboa, Irati – Contratos de compra e venda de madeira. Livro de Notas nº 7.

É importante expor este fato para mostrar que os libaneses estão presentes desde o início da história iratiense.

O segundo fato que é exposto aqui, não pela ordem cronológica, mas encabeçando alguns dos legados deixados pelos libaneses em Irati, remete a meados dos anos 50, quando a cidade já se encontrava com uma economia estável e a sociedade construía seu espaço, os setores de atividades e centros eram direcionados de acordo com sua vocação<sup>60</sup>.

Explicando melhor como funcionavam os setores/centros, o professor Araújo diz:

Que tinha o centro nervoso é... de é... como ali a Estação foi o centro nervoso comercial, que os trens passavam, carregavam produtos pra levar pra fora, traziam outros produtos, sempre tinha os carroceiros que ficavam ali esperando as cargas que chegar pra entregar e não existiam ainda caminhões na época, caminhões pra carga, então nós tivemos o centro nervoso comercial, era ali, tinha o centro nervoso de cada tipo de atividade, mas o social era ali nessa quadra da Rua XV de Novembro entre a Munhoz da Rocha e a Coronel Emílio Gomes. (José Maria Grácia Araújo)

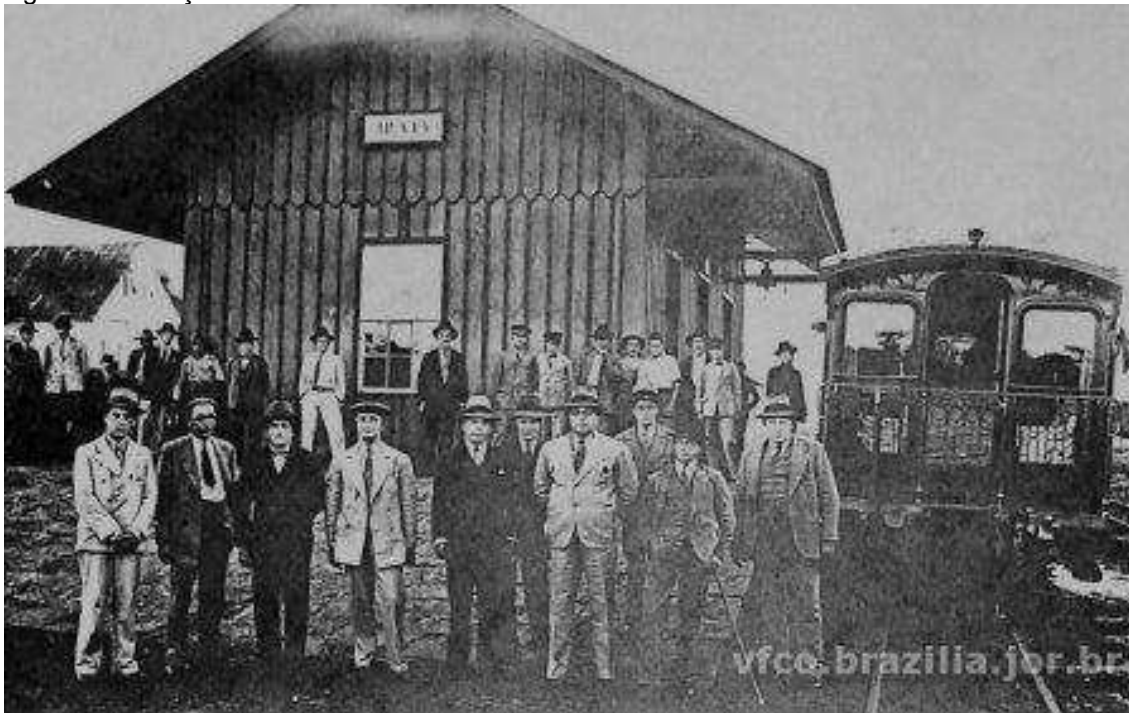
Conforme explicado anteriormente, a cidade foi fundada a partir da Estação Ferroviária<sup>61</sup>, no ciclo paranaense da erva-mate, por anos, ali esteve constituído o centro comercial.

---

<sup>60</sup> O sentido da palavra vocação aqui remete às divisões que a cidade possuía, locais de comércio, de entretenimento, etc. Neste caso, as imediações da Estação Ferroviária era o centro comercial da cidade, pois era por ali que chegavam as mercadorias e por isso os hotéis e demais comércios se instalavam por ali, suprimindo a necessidade dos viajantes e mesmo da população iratiense.

<sup>61</sup> A linha Itararé-Uruguai, a linha-tronco da RVPSC, teve a sua construção iniciada em 1896 e o seu primeiro trecho aberto em 1900, entre Piraí do Sul e Rebouças, entroncando-se em Ponta Grossa com a E. F. Paraná. Em 1909 já se entroncava em Itararé, seu quilômetro zero, em São Paulo, com o ramal de Itararé, da Sorocabana. Ao sul, atingiu União da Vitória em 1905 e Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul, divisa com Santa Catarina, em 1910. Trens de passageiros, inclusive o famoso Trem Internacional São Paulo-Montevidéu, este entre 1943 e 1954, passaram anos por sua linha. Os últimos trens de passageiros, já trens mistos, passaram na região de Ponta Grossa em 1983. Em 1994, o trecho Itararé-Jaguariaíva foi erradicado. Em 1995, o trecho Engenheiro Gutierrez-Porto União também o foi. O trecho Porto União-Marcelino Ramos somente é utilizado hoje eventualmente por trens turísticos de periodicidade irregular e trens de capina da ALL. O trecho Jaguariaíva-Eng. Gutierrez ainda tem movimento de cargueiros da ALL. Disponível em: < [http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/irati\\_pr.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/irati_pr.htm) > Acesso em: 15 de maio de 2017.

Figura 05: Estação Ferroviária de Irati em meados de 1920



Fonte: Flávio Cavalcanti (Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/irati\\_pr.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/irati_pr.htm)> Acesso em: 15 de maio de 2017)

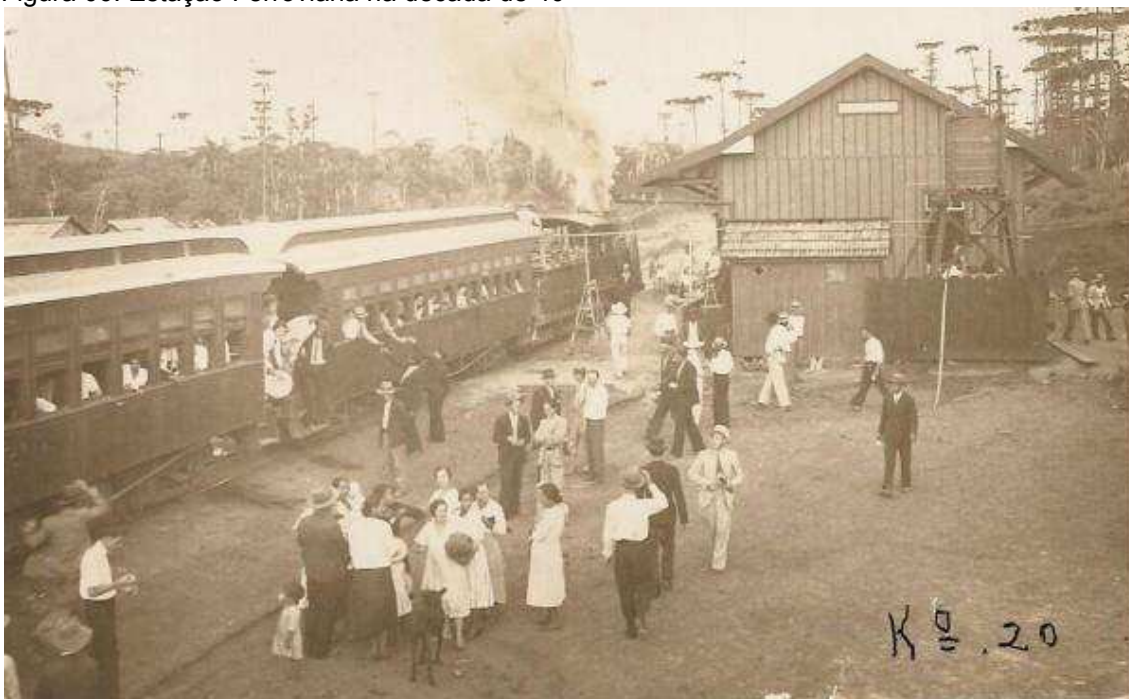
Os funcionários do alto escalão da São Paulo/Rio Grande posam para a foto na imagem acima, naquela que se tornava uma das principais ferrovias do Sul do Brasil.

Irati entrava na rota dos trens de carga e também de passageiros, sendo que na época era um dos principais modais para viagens a passeio e a negócios. Confirmando as palavras do professor Araújo, um dos primeiros setores a se utilizar das instalações da Estação como centro comercial foi o hoteleiro, a concentração dos primeiros hotéis da cidade deu-se nas imediações da ferrovia, em que personalidades famosas passavam por ela e utilizavam os serviços semanalmente.

Ilustres passageiros, durante a parada da composição, desfilavam seus belos trajes, sob as vistas e longos suspiros de toda a população da vila. Getúlio Vargas, Percival Farquhar, o Presidente Afonso Pena e Evita Perón, foram quatro das muitas personalidades que transitaram por nossa estação ferroviária. A boa convivência entre carroças e carroceiros e cavalo de ferro, por fim, veio a se harmonizar a ponto de, em todos os horários de passagem das composições, formarem-se, no largo da estação, filas intermináveis de carroças a espera dos produtos, mercadorias e, até, passageiros a serem transportadas para os diversos recantos da vila ou do interior do município. Já, os colonos do Núcleo Iraty, hoje Gonçalves Júnior, tiveram o privilégio de poder contar com uma genuína diligência que

os transportava, em viagens de ida e volta de Colônia a Vila do Iraty<sup>62</sup>. (ARAÚJO, 2010)

Figura 06: Estação Ferroviária na década de 40



Fonte: ARAÚJO, 2010.

A imagem acima revela um dos principais momentos da história da Estação Ferroviária de Irati, com o embarque e desembarque de famílias e comerciantes, demonstrando a importância histórica para o desenvolvimento do município.

Trata-se um pouco desta história, pois por ela é que as outras vão se criando, foi o local precursor de Irati, a chegada de quase tudo e todos se deram pelos trilhos, até de quem nem tinha o propósito de ficar.

Como já explicado anteriormente, de acordo com o professor Araújo, o centro comercial era situado em torno da Estação Ferroviária, já o centro social, por assim dizer, ficava a cerca de umas 8 quadras de lá, mais precisamente na parte baixa<sup>63</sup> da rua XV de Novembro.

a Rua XV de Novembro, entre a Rua Munhoz da Rocha e a Rua Coronel Emílio Gomes [...] era uma quadra, mas por incrível que pareça, isso já nas décadas de 50, antes talvez 40, nessa quadra nós tivemos 3 bares, um cinema, uma casa de jogos e um circo, nessa quadra, era a concentração de toda essa, essa, esses atrativos

<sup>62</sup> ARAÚJO, J. M. G. **Das carroças e carroções**. 2010.

<sup>63</sup> Utilizando uma referência atual, é onde se encontram a Panificadora Irati, Banco HSBC, Caixa Econômica Federal...



sociais, era o centro nervoso de Irati, centro nervoso social né. (José Maria Grácia Araújo<sup>64</sup>)

Nesse chamado centro nervoso social de Irati, é que se estabelece o primeiro fato comentado anteriormente, trata de uma história que envolve duas famílias de origem libanesa, os Abdala e os Maluf.

Professor Araújo conta que conheceu a família Abdala, e em suas palavras a

[...] família Abdala Pedro, eles moraram em Irati, ainda tem descendentes deles aqui, Nêne Abdala, o Pantera que é dono dessa desse espaço na esquina da Rua Munhoz com a Rua XV, é... que tiveram assim uma casa de comércio com vendas de armarinhos e por muitos e muitos anos eles viveram nesse espaço ali, ainda quando Irati não era calçada, era todo chão de terra [...] e eles viviam conosco aqui e os filhos com amizades com as gerações que estavam mais ou menos na faixa etária deles e eu tive mais amizade com o próprio Nêne Abdala que era mais ou menos da minha faixa etária, o Pantera que era filho dele, era uma pouco mais novo então teve uma outra, um outro grupinho de..., tinha a irmã também do Nêne Abdala. (José Maria Grácia Araújo)

Professor Araújo diz que Irati vivia uma época de muita hospitalidade, diversas famílias, ilustres ou humildes eram recepcionadas na Estação Ferroviária e convidadas a passar a noite na casa de famílias, por vezes sem contato nenhum anteriormente.

Afirmando este fato, Professor Araújo afirma que a família Abdala Pedro soube

[...] que vinha pra região de, do Paraná aqui pro interior do Paraná uma família Maluf, família Maluf e como eles já tinham tido conhecimento com eles talvez lá no Líbano ou na, no local da sua procedência eles foram fazer uma congratulação, fazer uma recepção na Estação, porque eles iram, o destino mesmo era Foz do Iguaçu eles queriam ir pra Foz do Iguaçu essa família Maluf, mas a família Abdala foi recepcioná-los na Estação e aí é... vendo que o trem não seria, não sairia naquele horário, teria, sairia só no dia seguinte convidaram pra permanecer, pra pernoitar. (José Maria Grácia Araújo)

Bastos (2003) destaca que no XIX e início do século XX a hospitalidade era algo corriqueiro, as famílias não permitiam que seus visitantes se

---

<sup>64</sup> José Maria da Grácia Araújo. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 25/04/2017.

hospedassem em hotéis ou similares, era pratica constante de generosidade pelo anfitrião, demonstrando relações de acolhimento e reciprocidade.

Abdala Pedro levou Maluf para conhecer o pequeno vilarejo que começava despontar

e passeando pela cidade, andando pela cidade, souberam que eles eram mestres sorveteiros, trabalhavam com sorvete e aquela coisa assim do momento né, o Abdala disse, olha seu João, era João Bader Maluf e o outro era Abdala Pedro, é... aqui em Irati não tem nenhuma sorveteria ainda, porque que cê não pensa em se estabelecer aqui, e eles tavam tudo pronto pra ir pra Foz, até passagem já comprada de trem, e a conversa foi tão produtiva que eles acabaram ficando, e ficaram pra vida toda aqui! Montaram uma sorveteria na Rua XV de Novembro que era o Bar do Maluf, era um bar e sorveteria. Esse bar, essa sorveteria foi o centro assim da Sociedade Iratiense, que nós tínhamos aqui a Rua XV de Novembro, entre a Rua Munhoz da Rocha e a Rua Coronel Emílio Gomes [...] (José Maria Grácia Araújo)

Essa primeira sorveteria/bar<sup>65</sup> da cidade foi por muitos anos o ponto de encontro de uma boa parcela da sociedade, era algo novo na cidade, e foi um importante pedaço da história dos libaneses em Irati. Grandes músicos regionais e personalidades importantes se reuniam para jogos de sinuca e contar histórias, quem relembra do local sempre é bastante saudosista, ainda o espaço era utilizado pela sociedade para eventuais namoros. Segundo professor Araújo, *“o bar do Maluf é que tinha os rapazes que eram mais procurados pelas moças, que tinham mais aceitação por elas”*.

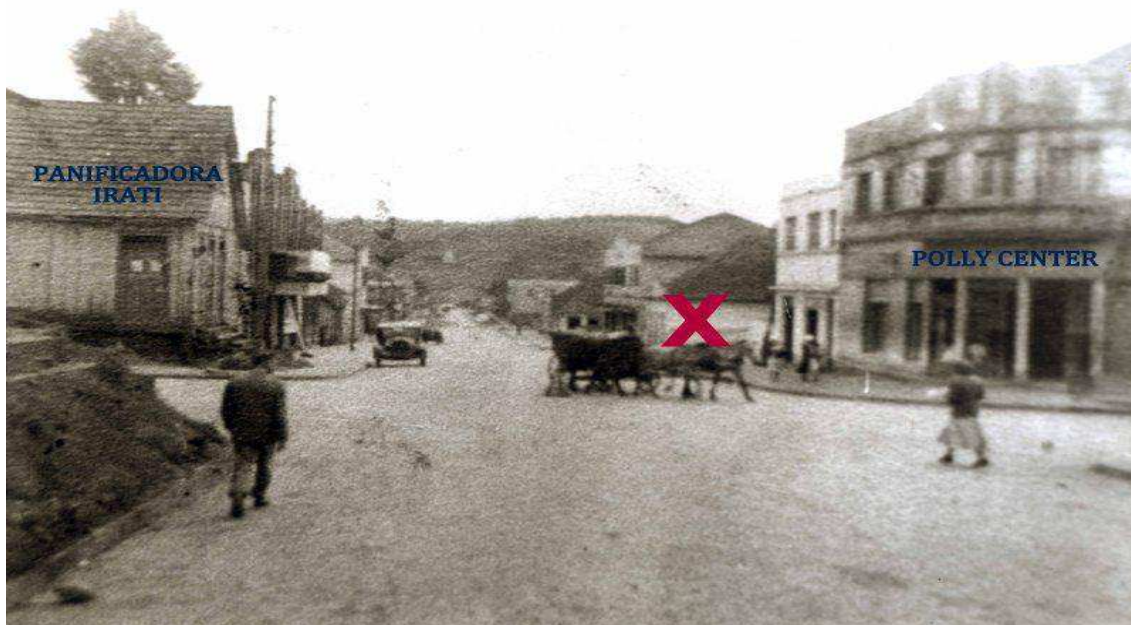
Ao lado do bar, havia o cinema, local em que funcionava uma estação de rádio, muito utilizada pelos frequentadores do bar para flertes, recados eram entregues aos locutores e reproduzidos em tempo real, com recados como: *“Escuta, dedica uma música pra moça de vestido branco e diga que é o rapaz de camisa azul marinha que tá na porta do Maluf”*. (José Maria da Grácia Araújo)

---

<sup>65</sup> No ensolarado dia 05 de agosto de 1934, João e Helena Bader Maluf, mestres sorveteiros, acompanhados de seus oito filhos, desembarcaram em Irati para um breve descanso. Dona Helena bem merecia esta providencial interrupção na cansativa viagem que teria como destino final à cidade de Foz do Iguaçu, Grávida de seis meses era prudente que aqui pernoitasse e somente seguisse viagem no dia seguinte. Grandes famílias unidas na luta por ideais coletivos eram muito comuns no passado, e seu Maluf sabia muito bem disso. Um a um, e muito assustados, todos, muito assustados, foram “apeando” do trem: Lorice, Zoraide, Chafiah (a nossa querida Sofia), Chafi, Maria de Lourdes, Nacim, Nagib (o inesquecível turrão Batata) e, ainda no ventre de dona Helena Nain. (ARAÚJO, J. M. G. **Os bares de Irati**, 2011)

O bar do Maluf ficava estabelecido onde hoje se encontra o prédio da Caixa Econômica Federal.

Figura 07: Vista parcial da Rua XV de Novembro, perspectiva do Bar do Maluf<sup>66</sup> na década de 40/50.



Fonte: ARAÚJO, 2010.

O famoso Bar do Maluf, esse sim, esse era um Bar tradicional, onde se reunia as meninas, os rapazes, pra tomar sorvete, pra tomar uma cuba libre, que na época era coqueluche né, a coca cola com a, o Rumerindo Cartadoro (Rum Carta Oro) que era o mais famoso na época e era servido sorvetes né, sorvete pra você nos copinhos de, aqueles copinhos é... comíveis também, mas também em taças né, e quando você pedia uma taça de sorvete, eram umas taças de metal, era o, você ficava todo mundo olhando pra você com admiração. (José Maria Grácia Araújo)

Era um local, aparentemente frequentado pela alta classe, regado a diversão, descontração, um local romântico e despojado, algo que cada pessoa hoje pode tentar imaginar com o que e qual outro local se parece, buscar alguma referência atual, mas nada e ninguém apaga as lembranças de quem viveu a época do bar do Maluf.

Mostrando a importância que a linha ferroviária teve na construção e mesmo na economia de Irati, um fato nesta história que chama atenção, é que na época não havia geladeiras disponíveis, então como produzir sorvetes sem

---

<sup>66</sup> O Bar do Maluf na imagem é apontado pela letra X. Polly Center e Panificadora Irati situam a perspectiva atual.

gelo é o que se faz questionar, neste caso o professor Araújo explica que o sorvete era mesmo produzido aqui:

Era produzido aqui, era o sorvete que nunca mais ninguém tomou um sorvete, eles faziam sorvetes muito gostoso de frutas, sorvete de banana, de abacaxi, de morango, de... limão, tanto o em massa quanto o picolé. Mas a grande dificuldade [...] é que não existia geladeira! (risos) Não existia geladeira, e sabe como é que funcionava? Vinha pelo trem barras de gelo de Ponta Grossa da cervejaria Adriática, era Adriática na época. Vinham as barras de gelo em toneis com serragem e o Maluf tinha uma câmara, um negócio assim cheio de serragem onde guardava as barras pela semana inteira, porque só vinha uma vez por semana (risos) e com aquele gelo ele quebrava dentro lá da máquina e ali ele produzia o sorvete, isso durou muitos anos dessa forma. Até que apareceu as primeiras é... balcões refrigerados em sorveterias, as primeiras geladeira, mas era tinha que esperar o trem chegar com as barras de gelo e fazer daí aquele todo o processo de conservação e fazer com que o gelo durasse a semana inteira [...] e ali então era o... tinha gente que comprava o sorvete pra levar pra casa, outros tomavam ali mesmo e era o centro nervoso da cidade ali. (José Maria Grácia Araújo)

De fato foi algo notável e marcante, inesquecível para quem viveu e vivenciou aquela época. Mais que apenas pensar nessas memórias é perceber que famílias libanesas contribuíram para que isso fosse possível, a construção de lembranças proporcionadas por elas.

Como tudo tem um ciclo, mais tarde o bar viria a mudar de endereço e isso ocorreu quando

[...] o Maluf o pai, o velho e a mãe faleceram, o bar do Maluf mudou aqui da Rua XV pra esquina da Rua Coronel Grácia, um pouco acima do Líris, do outro lado do Foto Líris, uma casa, hoje é uma casa parece comércio de roupas, de alguma coisa, ali foi o bar do Batata, que era o Nassim? Naim? Tassim! E ali era um... era servido quibe cru, era servido esfirra, tinha uma caipirinha que eles faziam de limão galego, era um centro assim da... como o Tadeu<sup>67</sup> foi centro da intelectualidade ali foi o centro da juventude que tava começando a tomar seus aperitivosinhos [...] ali foi um lugar bem, bastante frequentado nessa engrenagem dos sírio-libaneses no comércio na sociedade de Irati. (José Maria Grácia Araújo)

As memórias que são produzidas pelos fatos que nos marcam, disseminam mais que elas próprias, remetem a sentimentos e relações quando são explanadas, apuram os sentidos e devolvem vida ao passado. “Quando pertencemos a um grupo, nossa memória individual também se relaciona ao

---

<sup>67</sup> Bar do Tadeu, outro famoso bar da cidade na mesma época do bar do Maluf, dividia as atenções e seus frequentadores.

passado deste grupo,” assim tudo que se sente individualmente e é valorizado, repassa-se ao coletivo, e o pertencimento das memórias não é de apenas um, mas do todo envolvido. (STADLER, 2015, p. 121-122)

De fato as lembranças relatadas vão formando e libertando, elas guiam parte do percurso da história, vão construindo o presente com fatos passados. Neste caso, o passado em questão são as famílias libanesas que formaram parte da construção da comunidade iratiense, com pequenos legados e dignos de grandes lembranças, como relatados neste tópico.

O Professor Araújo conta de mais alguns libaneses que deixaram seu nome escrito na história de Irati, os próximos a receberem sua atenção foram a família Abdala, comerciantes do município de longa data. Segundo ele, o Abdala Pedro, libanês, servia uma leva de 7 ou 8 Alfaiates que habitavam em Irati na época<sup>68</sup>, vendendo as agulhas, linhas, casimiras e demais tecidos. Como praticamente não existiam roupas de fábrica, eram eles que confeccionavam as vestimentas da grande maioria da população iratiense.

As memórias que vão formando o contexto traduzem em palavras as ocorrências da história, fatos e feitos que pareciam irrelevantes fazem os encaixes de engrenagens que movem o percurso do conhecimento. É preciso valorizar cada fragmento histórico, tangível ou não, torná-lo relevante, pois a visibilidade destes passa pela sensibilidade de compreender e externar.

Outras duas famílias que se destacaram no crescimento do município de Irati, pessoas importantes e figuras históricas do município, Nejm e Harmuch. Estas famílias de origem libanesa também se destacaram em suas atividades, a família Nejm

(...) foi também muito influente, muito importante em Irati. Eles tinham uma casa de comércio aqui na (Rua) Munhoz, era uma casa de, assim de... alimentos e tinha também doces, então a gente sempre ia fazer compras ali, a criançada comprar bala e depois o Seme Nejm teve uma casa de produtos elétrico domésticos...

Elias Harmuch era vizinho do meu avô, o vô Miquelino, aqui na rua XV, ele também foi uma figura exponencial aqui, ele era pai do Sonera, que a gente chamava, o Sonera era o filho dele, eu não me lembro o primeiro nome, o casarão de madeira ainda está ali, o único da Rua XV que está em pé ali [...] ta meio caindo, pena que eles não, a prefeitura não tentou salvar aquele imóvel mesmo que pra reconstruir em algum outro lugar. Ele tinha uma peculiaridade o seu Harmuch, ele era benzedor, eu muitas vezes dor de dente, negócio

---

<sup>68</sup> Mais ou menos entre 1940 e 1950.

de distensão de músculo, ele tinha lá a salinha dele, ele fazia uma benzedura, uma imposição de mão, uma massagem e a pessoa saía inteira de lá. Era comerciante também, o filho, tem o filho dele que tinha um dos bares, o bar que tinha ali que eu falei, tinha o bar Central, ali no lado do cinema [...] teve uma fase que foi do filho dele, Eliseu Harmuch, que alguns conheciam como Sonera [...] E o Harmuch, esse aqui, me parece que estava no grupo dos sírios (libaneses) que começaram o comércio na parte da periferia da cidade, eu acho que ele estava nesse grupo que teve essa distensão ali com os comerciantes aqui da cidade. (José Maria Grácia Araújo)

Como visto anteriormente, os libaneses que tinham seus comércios estrategicamente instalados nas periferias<sup>69</sup> da cidade foram alvos de certa perseguição por parte dos demais comerciantes (não libaneses), que julgavam desleal a “astúcia” dos libaneses em estabelecer suas atividades na rota até o centro urbano de Irati, uma vez que as pessoas compravam seus itens por lá e não precisavam vir até a cidade.

Outro fato que chama a atenção neste relato é a peculiaridade do senhor Harmuch citada pelo entrevistado, benzedor. O benzimento é algo que existe há tempos na sociedade brasileira, sendo praticado em maioria das vezes por mulheres, entretanto não exclusivamente por elas. Está atrelada principalmente ao catolicismo<sup>70</sup>, sendo repassada adiante por gerações, utilizando-se da premissa de ser um dom divino. O benzimento possui caráter sagrado, sendo evidenciado em gestos e orações praticados por aqueles que possuem este dom, visando curar doenças ou outros males do corpo e da alma. (SANTOS, 2007; SILVA, 2009).

Deste fato supracitado e relacionado a ele, o próximo tópico apresenta uma construção histórica da cidade de Irati, ponto turístico, de observação, mas acima disto o maior símbolo religioso da população, como já dito, de

---

<sup>69</sup> Os libaneses tinham uma vocação especial para o comércio, com isso, adentrar à zona rural em busca de clientela era algo que normal a eles, espalhavam-se pelo interior e dedicavam-se em exclusividade a mascateação, não exerciam nenhuma outra atividade considerada típica dos centros urbanos. (TRUZZI, 1999)

<sup>70</sup> Como será visto nos próximos tópicos, a imigração libanesa para Irati tem sua história escrita com pilares religiosos, mas é claro e fato que os libaneses não podem ser determinados etnicamente por sua religião. Os libaneses são, por vezes, ligados diretamente ao Islamismo, porém um grande contingente de imigrantes que desembarcaram no Brasil era cristão e não muçulmano.

maioria católica no município, intitulada pelos iratienses como a maior<sup>71</sup> Imagem de Nossa Senhora das Graças do mundo.

### 3.2 Religião

Nesse tópico a abordagem quanto ao aspecto religioso dos entrevistados, aponta alguns obstáculos existentes na manutenção de suas crenças. Eid (2007) destaca que os povos árabes estão atrelados a um rótulo religioso muito forte, especialmente o muçulmano.

Para Espinola (2005, p. 81) “é lugar comum nas discussões sobre a religião dos imigrantes referirem-se ao fato de que a religião ajuda no seu ajustamento a uma nova cultura”. A religião costuma ser fundamental na vida do imigrante, “para muitos grupos migrantes a religião é uma estratégia para a manutenção identitária, tomando-a até como uma forma de politização, mas é uma das várias possibilidades”.

Vale a pena ressaltar que quando se fala em religiões e símbolos religiosos, existem barreiras, enfrentamentos e mesmo um fundamentalismo intrínseco. Este fundamentalismo é descrito por Caplan (1987, p. 22) como algo potencial em cada causa religiosa, “pode ser considerado uma tendência não excludente e que não é excluída por tendências não modernistas ou outras tendências religiosas contrárias.” Assim, o autor define que “todos nós somos, até certo ponto fundamentalistas.”

“Os fundamentalistas estão sempre a postos para condenar as pessoas que eles consideram inimigos de Deus.” (ARMSTRONG, 2010, p. 294)

As palavras de Armstrong são intensas e podem ser consideradas legítimas, pois, o domínio desse discurso leva as ações violentas que se precisam todos os dias, principalmente em países extremistas religiosos. A religião está presente nos mais variados aspectos sociais, políticos ou

---

<sup>71</sup> Mais uma vez, seja reforçada a ideia que, recentemente esta qualificação de maior imagem de Nossa Senhora das Graças do mundo foi quebrada. A cidade de Laurentino – SC inaugurou uma imagem de 25 metros de altura, 3 metros a mais que a imagem Iratiense. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/laurentino-inaugura-estatua-gigante-de-nossa-senhora-das-gracas.ghtml>> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2018.

individuais, ultrapassando sua natureza espiritual. (AMORIM e JUNQUEIRA, 2010)

Quando se trata de religiões de libaneses, destacam-se o cristianismo e o islamismo<sup>72</sup>, com suas distinções e políticas a parte, o respeito existe. Jaafar Youssef Reda<sup>73</sup>, muçulmano, diz que o islamismo prega muito respeito a todas as religiões, nenhuma é melhor que a outra, o muçulmano segue suas doutrinas e uma delas é respeitar<sup>74</sup> a religião do próximo.

É fato que existem conflitos envolvendo religiões, já ocorreram massacres. Neves; Lima e Ferreira (2010) destacam que durante o Império Otomano o governo turco foi o responsável por adotar estratégias políticas que incitariam as religiões a se voltarem umas contra as outras. Estas medidas ocasionaram em 1861 um massacre de cristãos, que ficou marcado pelo fato de eles acabarem restritos às suas casas com o medo de serem mortos. Esta perseguição religiosa foi uma das válvulas propulsoras que levaram muitas famílias cristãs libanesas a deixar o Oriente para trás em seus primeiros anos de emigração do Líbano.

Segundo Gattaz (2012, p. 31)

A constituição pelos franceses da República do Líbano em 1920, ao passo que deu forma às aspirações nacionais árabe-cristãs,

---

<sup>72</sup> “Islã vem do árabe islam e significa submissão absoluta do ser diante de Deus. O fiel islâmico, ou muçulmano (aquele que se entrega a Deus), é todo aquele, portanto que proclama sua devoção total a Deus. A religião é também denominada muçulmana, por congregar todos os muçulmanos. São deveres básicos do fiel muçulmano: fazer orações cinco vezes ao dia voltado para Meca, praticar jejum e abstinência sexual, especialmente no mês sagrado, o Ramadã, dar esmolas que sejam proporcionais à sua renda, ir à Meca pelo menos uma vez na vida, em peregrinação religiosa. O Islã é um fenômeno histórico, cultural e social muito complexo e tem início com Maomé na península arábica entre 570 e 632 d.C. Aos quarenta anos Maomé recebe mensagens nas quais lhe foram feitas revelações que deram origem ao Alcorão. Maomé começou sua pregação na cidade de Meca, foi perseguido e fugiu para Medina. Este fato ocorrido em 622 d.C. ficou conhecido como Hégira e marca o início da religião islâmica. Para aprofundar a história do Islã, sua gênese, desenvolvimento e expansão”. (BRENER,1993; ARBEX, 1996; OLIC, 1991 *apud* ESPINOLA, 2005, p. 08).

Um aspecto importante é ter em conta que o Islã, em seus primórdios, iniciou uma nova forma de organização política e social baseada na religião. A comunidade muçumana, a Umma, prevê a relação de seus membros regulada pela mensagem divina em interação com a convivência social. (ESPINOLA, 2005)

<sup>73</sup> Jaafar Youssef Reda. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 02/05/2017.

<sup>74</sup> Mesmo com as palavras de Jaafar, não se pode deixar de mencionar a questão histórica dos infiéis. “Muitos libaneses fugiram para o Egito, a fim de não lutar na guerra contra os Otomanos. No entanto, em 1915, Cemal tentou uma aproximação com a população síria, com o escopo de engajá-los na guerra contra os britânicos e franceses. Essa situação o governo de Istambul declarou ser uma *Jihad*, ou seja, uma guerra santa contra os infiéis que atacavam o califado otomano para atrair as massas muçulmanas do Império, o que acabou não dando certo.”. (DUTRA JR., 2014, p. 39)



estabeleceu as bases do conflito inter-religioso que desde então ocorre no país. Isto se deu devido à anexação de áreas majoritariamente muçulmanas de parte da Síria, desfigurando as características da antiga província autônoma cristã – o pequeno Líbano, em oposição ao grande Líbano de 1920.

Maalouf (2005, p. 134) diz “que a religião se tornou política e que os homens a estão a desvirtuando, matam em nome da religião”.

Conforme Gattaz (2012, p. 127), “o aspecto que sobressai quando se coloca em questão o islamismo entre os imigrantes muçulmanos é a imagem preconceituosa e desvirtuada que os alguns cristãos têm da religião islâmica”. A religião muçulmana é duramente deturpada pela mídia, expondo inverdades acerca do islamismo, criando imagens negativas, escondendo a verdadeira doutrina do Islã. (GATTAZ, 2012)

Jaafar Youssef Reda e Mohamed Hassan Rida destacam que existe muito além daquilo que a mídia fala a respeito do islamismo. É relatada uma guerra de religiões, mas o poder político é o dominante por trás dos conflitos, as grandes potências mundiais aproveitam-se dessa imagem criada sobre muçulmanos e buscam cada vez mais expandir seus territórios, jogando a culpa na religião.

O que eu vejo, sinceramente o que eu vejo, é querer um país domina o outro. As veiz por ignorância ou por pulitica, certo. Agora se deixasse cada país resolvesse os seus problema, não acontece o que tá acontecendo, certo. Agora influi é... bastante país no meio disso aqui, e país que são contrário essa guerra também, entende. Mas como a potência americana o que que ela que ve envolve os otros país, o que que ela que domina o mundo, tende. Uma hora chega a parte deles e o dia deles também (risos). Tem muita influência política isso aí, entende, porque é uma mina de ganha dinheiro cas... de armamento. (Jaafar Youssef Reda)

“O início da Guerra Civil foi marcado pela rotina dos massacres sectários, que deram a falsa impressão de uma guerra entre cristãos e muçulmanos”. (MAALOUF, 2011, p. 38)

Márcia Chuchene foi casada com libanês muçulmano, morou no Líbano e explicou seu ponto de vista acerca daquilo que vivenciou:

Existe uma diferença entre os muçulmanos e entre os cristãos libaneses muito grande, porque é metade cristão e metade muçulmana. A metade muçulmana é toda destruída da guerra quando eu tava lá, a cristã é toda muito bonita, toda impecável, então dava

pra ver que o problema mesmo era com os muçulmanos, não era com os libaneses. (Márcia Chuchene)

Pode-se notar que realmente existe algo incoerente quando a mídia retrata o muçulmano como terrorista ou similar, a distorção ou isenção de fatos é real.

Jaafar em uma das conversas informais antes da entrevista, disse que um dos princípios do Islamismo é aceitar que todas as religiões são verdadeiras, cada uma do seu jeito, o respeito é grande por todas as crenças.

Da crença muçulmana, conforme explica MAUDUDI, (1989, p. 128), o Islamismo possui mandamentos, assim como o cristianismo, também podendo ser chamados de os 5 pilares ou Arkan, são eles:

1. A Fé (*shahada*): esta é creditada na crença de um Deus que não precisa compartilhar com ninguém a sua autoridade; acredita-se nos Anjos de Deus; deve-se crer nos “Livros de Deus e no Alcorão sagrado como Seu último livro; crença nos Profetas de Deus e em Muhammad como Seu último Mensageiro; crença na existência da vida extraterrena”.
2. A Oração (*ibadat*: submissão). Toda oração é importante, mas aquelas de suma importância “são as cinco orações diárias (*salat*) e a oração com os demais fiéis na Mesquita às sextas-feiras”.
3. A Doação (*zakat*). Deve-se doar no “mínimo 2,5% dos seus lucros anuais a pessoas necessitadas ou às entidades islâmicas”.
4. O Jejum (*saum*). O mês do Ramadã é extremamente respeitado pelos muçulmanos, durante o período, todos “abstêm-se de comer ou beber sequer uma gota de água da aurora ao pôr do sol”.
5. A Peregrinação a Meca (*hajj*). Deve ser realizada pelo menos uma vez na vida, levando em conta as condições e meios de realizar de cada pessoa.

Em relação à manutenção da religião muçulmana em Irati, os entrevistados disseram não haver grandes problemas. As orações podem ser realizadas em qualquer lugar, estando no Brasil ou no Líbano, mas algumas ressalvas são feitas.

Em Irati não existe Mesquita, por isso, para orar em sua casa religiosa, os muçulmanos precisam deslocar-se até outras cidades, Guarapuava ou Ponta Grossa, mas este fato não é encarado como um grande problema.

Jaafar destaca que

Dificuldade as veiz é a parte de Mesquita né, que não é todos os lugar que têm Mesquita, entende. O povo se ajunta tudo, entende, daí quando tem Mesquita e tem escola, você consegue mantê teus filhos também. Quando se ensina eles, tudo, eles conseguem se mantê.

Quando é nascido aqui, já quando você não teve Mesquita ou teve uma comunidade árabe né, muçulmana, você é difícil de manter o filho. (Jaafar Youssef Reda)

Existe a preocupação que os filhos mantenham a religião muçulmana, o que fica difícil porque não existe Mesquita no município e porque estão cercados por uma sociedade iratiense em que a maioria é cristã, com símbolos e práticas religiosas bastante evidentes e marcantes. Gattaz (2012, p. 109) destaca que

entre os imigrantes muçulmanos, além da preservação de tradições culturais, nota-se no espaço familiar uma forte preocupação com a manutenção da identidade religiosa. Parte destes imigrantes, assim, esforça-se seriamente para transmitir a religião aos filhos, pois percebe que se não o fizer, o entorno cristão os levará a abandonar o islamismo – o que vem ocorrendo com os filhos daqueles que negligenciaram a educação islâmica.

É algo que os pais procuram manter ao máximo, preservar um aspecto bastante importante, algo cultural ainda presente nos descendentes, mas cada vez mais complicado de ser preservado. O Brasil é um país ocidental, de religião majoritariamente cristã e de costumes e tradições diferentes dos países árabes; assim, o ensinamento em casa aos filhos é diferente daquele que recebem longe dos lares, seja nas escolas ou na rua, incluindo os aspectos religiosos; por isso a manutenção das tradições muçulmanas fica comprometida. (ESPINOLA, 2005)

Os primeiros anos de imigração se constituíram para nós numa penosa luta, mas sempre nos animou aquela esperança de alcançarmos um futuro melhor, pois assim que os dias e as noites iam passando, mais cresci nossa fé no Islam e o desejo de continuarmos ligados a ele. (ALRRAHIM, 1977 *apud* EL-KHATIB, 1977, p. 07)

A fé que se apresenta em cada muçulmano é capaz de fazê-la perdurar. O islamismo contribui na renovação da esperança e enquanto ela existe as lutas continuam.

Dentro da perspectiva da globalização e pensando em migração, Beyer (1998) considera que o imigrante faz parte de um contexto cultural que fatalmente é afetado por fatores a sua volta. A religião do imigrante sofre

consequências em todas as áreas de sua representação, desse modo, novas definições de agir e vive-la são criadas.

É fato que os percalços e obstáculos sempre existirão na busca pela manutenção da religião, dessa forma, Alrrahim (1977 *apud* EL-KHATIB, 1977, p. 07) destaca que mesmo a doutrina religiosa possuindo uma vitalidade intrínseca, quando existe omissão, estará “irremediavelmente fadada à decadência e à morte”.

Outro ponto importante de destaque durante as entrevistas foi o Ramadã. Mohamed destacou que o período de jejum iria ser iniciado em 2 dias quando entrevistado. Márcia contou que presenciou o período *in loco* no Líbano e destacou a festa que é o *Eid al-Fitr*<sup>75</sup> ou traduzindo a celebração do fim do jejum.

Eu cheguei bem na época do Ramadã<sup>76</sup>, uma época bem bonita porque o meu ex-marido é muçulmano e a minha família mesmo é libanês cristão, sírio cristão né. Quando eu cheguei lá gostei muito do que vi, achei muito bacana, a cultura deles, aquele amor que eles tem por todas as tradições do Islã. O Ramadã é uma época muito bonita, eu me senti bastante lisonjeada de ter podido viver 40 dias num país em que eles cultuam esse período de jejum, entendi um pouco dos porquês e vi a festa que é a quebra do jejum. (Márcia Chuchene)

O fim do jejum é festejado com orações, banquetes e fogos de artifício.

---

<sup>75</sup> O *Eid al Fitr* é uma das principais festas religiosas do calendário muçulmano, marcando o fim do mês de Ramadã (o mês do jejum sagrado, no qual foi revelado o Alcorão). A comemoração ocorre no primeiro dia de Shawwal, mês do calendário lunar muçulmano. (ABDALATI, p. 183, s/d.)

<sup>76</sup> Ramadan” é um mês lunar, preferido por Deus quanto aos outros meses, pois numa de suas noites revelou de uma só vez o Alcorão Sagrado, desde o “Painel Guardado” até o céu primeiro, o da terra, tendo a terra se iluminando com a luz de seu criador, tendo essa noite sido chamada por Deus “A Noite do Decreto”. Situa-se no último terço do mês de Ramadan, por isso os muçulmanos veneram essa noite, e velam-na em orações, preces, e cânticos e a isso está à referência do profeta. “Quem velar a noite do Decreto por fé e amor a Deus, terá perdoados todos os seus pecados passados”. No Alcorão diz Deus: Mês de Ramadan, em que foi revelado o Alcorão guia para a humanidade. (MAHAIRI, 1977, p. 64)

Figura 08: Eid Al-Fitr em Beirute.



Fonte: AL RIFAI, 2016.

Outro aspecto importante em se destacar dentro do islamismo é a existência de marcas e símbolos. Um deles foi notado sempre em mãos do senhor Jaafar, o Masbaha, que entre os cristãos é conhecido como um tipo de terço ou rosário.

Figura 09: Masbaha



Fonte: AliExpress.com, 2017.

Masbaha ou subhr é um conjunto de 99 ou 33 cordas de pedra amarelada (cada pérola que representa um nome de referência diferente para Deus), conhecido como contas de preocupação ou contas de oração em português. (HAJJAR, 2002, tradução nossa)

Outro símbolo religioso notado são as vestimentas femininas<sup>77</sup>, as roupas que cobrem todo o corpo das mulheres muçulmanas. Jaafar explica que

é o respeito. Respeito e educação, entende? Porque a mulher religiosa, ela não pode mostrar os braço, não pode mostrar as perna, não pode, é... já vem de lá, né. E seguimentos né que as pessoas... têm algumas mulheres religiosas que num seguem, entende. Não usam lenço, não usa coisa, que usam roupa normal, entende. Então essas pessoas são religiosas, mas eles acham que tem que ser a tradição daqui. (Jaafar Youssef Reda)

Diante dos fatos e daquilo que foi notado, é possível afirmar que as mulheres de mais idade respeitam mais que as mais novas, mais ocidentalizadas por assim dizer.

Quando perguntado se de alguma maneira sentem-se ofendidos pela escolha dessas mulheres em seguir o padrão “mais ocidentalizado”, Jaafar<sup>78</sup> respondeu:

Não, não, não, não ofende isso aí, isso não ofende isso aí. É que as pessoas tem que... agora que tão tendo conhecimento, o povo aqui do Brasil aqui. Agora que eles tão aprendendo, tão tendo conhecimento das mulheres religiosas libanesas, que é as pessoas muçulmanas que “cês” dizem. (Jaafar Youssef Reda)

Jaafar completou que no Líbano é normal e tradicional as mulheres seguirem com mais rigor as “regras” religiosas, no Brasil ficam mais a vontade e não sentem-se tão pressionadas em seguir as tradições muçulmanas.

Gattaz (2012, p. 135) afirma que “o grupo mais conservador é formado em grande parte pelos imigrantes mais recentes – embora a antiguidade da imigração não possa ser tomada como regra para se definir o maior ou menor apego à conduta religiosa”.

---

<sup>77</sup> “A diferença da roupa é mais das mulheres. Os homens não, entende? Elas sempre já mantêm o tradicional delas, a vestimenta as mulheres religiosas, entende? Sempre “co” lenço na cabeça, que pouca coisa que aparece só o rosto. As blusa, as roupas de manga comprida, as roupas cumprida. É mais a pessoa religiosa.” (Jaafar Youssef Reda)

<sup>78</sup> Jaafar Youssef Reda. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 02/05/2017.

Jaafar ainda destaca que existem festas muçulmanas que são realizadas e são frequentadas por sua família, mas estas são realizadas em cidades maiores, pois em Irati não há Mesquita. Assim ele destaca

Veja bem..., existe a comunidade de festa da religião muçulmana, onde eles usam mais onde tem mais povo da comunidade árabe, como Foz do Iguaçu, Curitiba, São Paulo, tem alguma festividade de vez em Maringá, Londrina, certo, por que, porque pra você te uma comunidade grande com isso aqui de faze uma Mesquita uma escola precisa junta mais o povo, tem que te mais ou meno de trinta família pra cima, tende? E daí “se se” desloca, quando se qué i a uma festa árabe faze coisa, se desloca, Ponta Grossa, Foz do Iguaçu, Maringá, Curitiba, tende? (Jaafar Youssef Reda)

É fato que há manutenção dos costumes e tradições religiosas, alguns com maior ênfase e outros menos, mas a vida longe do Líbano não os impede de seguir suas crenças e continuar cultivando sua religião. A manutenção da religião não está ligada diretamente àqueles que chegaram antes ou depois, a imigração não pode ser considerada culpada pela salvaguarda ou não dos costumes religiosos, cada família é responsável por adotar em seus lares aquilo que lhes convém, que lhes faz bem ou não, aquilo que desejam conservar e repassar aos seus descendentes. (GATTAZ, 2012)

### 3.2.1 A Santa de Irati

A maioria dos libaneses que desembarcavam no Brasil era de origem pobre e muçulmana<sup>79</sup>, religião que não cultua Nossa Senhora. Entretanto, um libanês cristão tem destaque em Irati, construindo a ideia e materializando os fatos.

A ideia de se colocar uma Santa iluminando a Serra dos Nogueira é algo que se deve pensar para o nosso cinquentenário. “Si” bem que não seja inédita, pois que temos no Rio de Janeiro o Cristo Redentor, seria esse um excelente motivo de embelezamento a cidade e o local é ótimo, bastante apropriado. (CORREIO DO SUL, 1956, p. 1 *In* ORREDA, 2007, p. 9)

---

<sup>79</sup>A pobreza das áreas rurais continuou desempenhando papel importante ao longo das demais fases da imigração libanesa, em que grande parte do contingente imigratório foi composta por pessoas – especialmente muçulmanos – provenientes das pequenas aldeias do Vale do Bekaa e do sul do Líbano. (GATTAZ, 2012, p. 26)

Irati viveu a década de 1950 como um dos seus auge políticos e sociais, tinha grande força econômica junto ao Estado com a extração da madeira, foi a primeira cidade do interior do Paraná a ter um cinema, e por vezes pessoas ilustres passavam e chegavam ao município, tais como governadores e Presidentes da República.

Quando o cinquentenário do município se aproximava pensou-se em fazer uma grande homenagem aos moradores. Foi um libanês, professor e morador de Irati, que teve a ideia de construir uma grande imagem de Santa no morro da Serra dos Nogueiras para abençoar a cidade que, na época também sofria bastante com enchentes. Levou sua opinião ao padre Mota que era diretor do colégio São Vicente de Paula e a notícia se espalhou. A população ficou empolgada com a ideia

Quinta Nota: continua a crescer o entusiasmo no seio da população católica iratiense sobre a instalação da imagem de N. S. das Graças no morro. Para tanto já se solicitou auxílio a várias congregações de São Paulo e Rio Grande do Sul. Segundo informamos será a maior santa do mundo a ser erigida em Irati. Somente isso vale para não se conter de satisfação e seguramente o local será mais visitado durante o aniversário da cidade. (CORREIO DO SUL, 1956, p. 1 *In* ORREDA, 2007, p. 10)

Jorge Garzuze, um dos mentores da proposta, foi fundamental na divulgação das notícias, mesmo aquelas do andamento do projeto, pois era diretor e possuía um espaço no próprio Jornal Correio do Sul no qual divulgava notas acerca do evento. Do mesmo modo foi primordial na arrecadação de fundos para a construção da obra.

Jorge Garzuze fez parte [...] da família Assef Garzuze... Linda Garzuze, uma emérita senhora da sociedade, é... ela participava do Rotary Club de Irati, e o Jorge Garzuze foi meu professor no São Vicente, professor de geografia se não me falha a memória, e era uma pessoa extraordinária. A família dele tinha casa de comércio e também de aviamentos na Rua XV de Novembro, era um casarão de madeira ainda, e a família dele era grande [...] O Jorge foi o idealizador da... ele que soltou a ideia lá no São Vicente também com os padres, da homenagem aos 50 anos de Irati com uma, um símbolo que chamasse atenção e perdurasse pro resto da vida né, e foi-se procurando pra cá pra lá alguma coisa que fosse assim de... é... extrema importância e chegou-se então a uma imagem, e aí então começou-se a procurar onde que essa imagem iria ser feita e foi



escolhido então ali o morro da que o hoje a Santa está lá. (José Maria Grácia Araújo<sup>80</sup>)

Esta era a busca por uma homenagem que enaltecesse uma cidade que na época prosperava, e a ideia de um grande símbolo religioso era algo apreciado, entretanto, custaria um valor monetário alto para os padrões de qualquer cidade, então era necessário buscar fontes.

Aí começou-se a arrecadar donativos e o Lupion foi o primeiro que assinou o livro de ouro com 20 contos de réis, 20 mil réis ou 20 contos de réis, era uma importância! João Mansur foi o segundo e aí foi aquela leva de pessoas foram... e a imagem foi encomendada em Campinas com o escultor de lá, Giotto, Giotto o nome dele, que se propôs a fazer a escultura da imagem, só que ela era pra ser de, aquela Nossa Senhora que tem o menino Jesus, não era Nossa Senhora das Graças, acho que era Nossa Senhora da Luz se não me engano, mas como seria mais delicado fazer o menino Jesus tal, os detalhes, então daí optou-se por Nossa Senhora das Graças [...] Jorge Garzuze então foi um dos idealizadores, é o que fez tudo... se envolveu assim de corpo e alma pra que nós tenhamos hoje a maior Imagem de Nossa Senhora das Graças do mundo nos abençoando lá de cima. (José Maria Grácia Araújo)

Figura 10: Nossa Senhora das Graças em 1957



Fonte: ARAÚJO, 2010.

<sup>80</sup> José Maria Grácia Araújo. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 25/04/2017.

O prefeito de Irati na época era João Abib Mansur, também de origem libanesa, e fundamental para a concretização da ideia, arrecadação de fundos e conclusão dela. Mansur organizou na cidade a maior festa vista até hoje em comemoração ao aniversário, uma semana inteira de festividades e já com a Imagem de Nossa Senhora construída no morro<sup>81</sup>. Ele ainda

(...) foi vereador, foi o prefeito do cinquentenário de Irati, 57 ele era o prefeito, fez uma festa de, da... dos 50 anos muito grande, veio o governador do Estado que era Moises Lupion, é... a cidade foram uma semana inteira de festividade, foi construída a imagem da Nossa Senhora das Graças pra esse evento, então foi talvez até agora, das festas comemorativas assim de... é, número de anos cheios assim, 25, 50, 100, até o dos 100 anos não foi tão imponente como do 50 anos, que era sob administração do prefeito João Mansur. E teve alguns filhos dele, irmãos também que atuaram na nossa sociedade com empresas, eles eram madeireiros também, tinham serrarias, tinham comércio também no interior, aí eles tinham casas de comércio, então uma família também bastante, que atuou na política. (José Maria Grácia Araújo)

### **3.3 Discriminação e Preconceito: fatos e histórias**

O passado, o presente, as memórias, todo um conjunto de fatores que enaltecem a constituição da comunidade<sup>82</sup> libanesa em Irati, apontam para um caminho de histórias entrelaçadas a sentimentos, principalmente de esperança, a reconstrução de vidas, a busca por novos horizontes.

Ao passo que isso ocorria, as fronteiras entre o Líbano e a nova pátria se estreitavam, as novas vidas se constituíam sem o esquecimento de suas raízes. Isso foi possível perceber durante as entrevistas.

---

<sup>81</sup> Segundo Araújo, a imagem veio pronta, mas em blocos, com cada parte e desmontada. Quando ela foi montada notou-se que as mãos não estavam na posição desejada, obrigando aos construtores a refazerem no próprio local, montaram andaimes e começaram a modificar o posicionamento. No dia que restauraram as mãos ocorreu uma forte tempestade no local e os ventos empurraram os andaimes, muito pesados, quase derrubando todos, na ocasião foi chamado o padre Mota do colégio São Vicente, que era o encarregado pela reestruturação e este foi até o local verificar. Chegando lá notou um fato no mínimo curioso, os equipamentos todos tortos e sustentados apenas por um dos dedos da Imagem, ainda com cimento fresco, sendo na ocasião declarado o primeiro milagre da Santa.

<sup>82</sup> Existem diversos conceitos acerca de comunidades como já citados anteriormente, remetendo a territorialidade, organização social e política, sentimentos e interesses, etc. O que se aplica quanto à comunidade libanesa em Irati é a definição de Palácios (2001), em que o sentimento de pertencimento vai além das fronteiras limítrofes, o autor defende a consideração de pertencer a uma comunidade seja com seu vizinho de cerca ou estando a continentes de distância. Isso pode ser sentido nas entrevistas com os libaneses, existe uma relação clara e constante entre aqueles que residem em Irati e os demais que habitam no Líbano.

Existe um elo entre aqueles que aqui estão e os demais que ficaram por lá, familiares e amigos, assim, Mohamed Hassan Rida<sup>83</sup> destaca que existe a saudade, mas a sua vida é no Brasil agora, porém, o sentimento de carinho sempre existirá.

Durante este processo de ressocialização, existem preconceitos, discriminação e percalços, mas também conquistas, os libaneses em Irati criaram seu espaço dentro do município e muitos deles se destacaram.

A ressocialização passa pelo processo de o migrante ser e sentir-se legitimado perante o novo local e a sociedade. Ele deve sair do estado de excedente populacional, o que geralmente ocorre, e fazer parte atuante da localidade. Quando isso ocorre, os preconceitos e segregações também reduzem, e sua sobrevivência passa a ser possível. (SOBRAL, 1993)

Contudo, Martins (1973, p. 23) cita que um processo social só se torna ressocializador no momento que promove uma “ruptura na identidade do sujeito”, funcionalizando sua participação aos papéis sociais, assim, ajustando-o à nova estrutura social.

Os preconceitos citados anteriormente são negados nas entrevistas realizadas junto à comunidade libanesa, porém é possível sentir contradição nas palavras de cada um deles. O primeiro destacado é o senhor Jaafar<sup>84</sup>, quando questionado se ser chamado de turco gera algum tipo de desconforto ou sente-se discriminado a resposta foi:

Óia, se for pensa os antigo, que passarum na época pela mão da Turquia que era país dominado por eles, era um povo muito carrasco o turco. Então o povo libaneis não gosta do turco. E po cê saí do país você tinha que passa pela visa, carimbo da Turquia. E assim foi e continua sendo turco, turco, entende, por causo disso eles chamam você de turco. Mais cada país que ocê for, cê tem que aprendê que cada nacionalidade um país; como o libaneis é Líbano, como a Síria é sírio, como a Turquia é turco, como Egito é egípcio. Mais os novo não ligam por ser chamado de turco, os antigo já ligam, entende. Então não, você num pode fica brabo. É uma coisa que já vem de tempo, já acostumado cum isso e continua. (Jaafar Youssef Reda)

É possível notar que realmente no sentimento dele não existe esta discriminação pensada, mas existem aqueles que se sentem mal com tal categorização, principalmente o pessoal de mais idade, como Jaafar cita. Nesta

---

<sup>83</sup> Mohamed Hassan Rida. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 21/05/2017.

<sup>84</sup> Jaafar Youssef Reda. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 02/05/2017.

mesma questão com outro entrevistado, o senhor Mohamed Hassan Rida<sup>85</sup> também diz que não sente preconceito, mas fica bravo porque “ficam falando que ele é turco”, porém em sua visão o brasileiro desconhece a história do Líbano e por isso tal fato ocorre.

Hajjar (1985) destaca que a expressão que com mais dor atinge os libaneses é “turco de prestação”.

Para Castel (2008, p.13) existem duas formas de discriminação, a positiva e a negativa. A primeira consiste em “fazer mais por aqueles que têm menos”, desdobrando esforços para auxiliar populações “carentes de recursos a fim de integrá-las ao regime comum e ajudá-las a reencontrar este regime”. A segunda, discriminação negativa, consiste em excluir, assim,

ser discriminado negativamente significa ser associado a um destino embasado numa característica que não se escolhe, mas que os outros no-la devolvem como uma espécie de estigma. A discriminação negativa é a instrumentalização da alteridade, constituída em favor da exclusão. (CASTEL, 2008, p. 14)

Essa exclusão e preconceito social, por vezes, podem ser sentidos por imigrantes, podendo gerar esta estigmatização, criando preconceitos e barreiras na reestruturação destes.

O imigrante sofre quando chega ao novo país; se depara com língua, costumes, tradições e culinária diferentes, além de tantas implicações que podem ser sentidas. Schorner (2006, p. 83) destaca que

Além disso, e talvez o que é pior, precisa aprender a conviver com o preconceito, a discriminação e acusações as mais diversas. A chegada pode ser um momento de estranheza e sofrimento, mas que precisa ser enfrentado.

Hall (2003, p. 47) destaca que a discriminação, violência, injustiça e preconceito com o outro são outra forma, mas, equivalente ao racismo. Ele contrapõe aos espaços fechados e preditos da sociedade, locais em que apenas os mercedores conquistam o direito de pertencimento ao grupo ou comunidade.

---

<sup>85</sup> Mohamed Hassan Rida. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 21/05/2017.

A proprietária do hotel Colonial, Márcia Chuchene Baptista<sup>86</sup> relata que até ter contato direto com o Líbano imaginava que era de família libanesa<sup>87</sup>, mas quando foi procurar suas raízes descobriu que sua origem é síria. Márcia foi casada com um libanês, morou no Líbano inclusive, teve contato direto com a cultura daquele país, porém, o que implica aqui é o fato de ela ser cristã e seu ex-marido muçulmano, ela relata que é muito discriminatório e culturalmente reprimido o casamento entre cristãos e muçulmanos, fato este que levou a uma série de percalços.

Quando eu me casei o meu sogro estava no Brasil, ele não veio no meu casamento, a minha sogra ficou muito triste com o casamento, eu tive que conquistar os meus sogros, mas conquistar no dia a dia né, porque infelizmente o muçulmano libanês, não só o libanês, o muçulmano em geral eles não gostam que você se case com outra religião, porque eles tem essa coisa de preservação da religião deles. (Márcia Chuchene)

Conforme Márcia explica, existem muitas imposições e certa rigidez, o muçulmano não abre mão de suas raízes, tudo deve seguir seus costumes e tradições e quando um laço se quebra gera no mínimo desconforto. A entrevistada explica que o muçulmano prefere que se casem entre parentes, gostam de ter muitos filhos e desta maneira, provavelmente atribuído a estes fatores, o seu casamento não tenha vingado.

No Brasil as tradições procuram ser mantidas e Cardozo (2012, p. 181) destaca que “os casamentos<sup>88</sup> são quase sempre realizados entre os membros da comunidade.”.

Por outro lado Márcia afirma que tem até hoje o carinho de todos que fizeram parte de sua família e amigos em geral, não sente nenhum preconceito e julga que é um povo que precisa ser respeitado, acima disto, suas tradições.

---

<sup>86</sup> Márcia Chuchene Baptista. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 21/05/2017.

<sup>87</sup> Quando se fala em *comunidade libanesa*, portanto, estamos lidando com uma modalidade conceitual, uma vez que na prática – especialmente para os demais cidadãos brasileiros, mas também para aqueles de origem árabe – é quase impossível discernir a comunidade libanesa da síria, ao passo que é bastante fácil a identificação do *árabe* e de seus costumes. (GATTAZ, 2012, p.154)

<sup>88</sup> “...Está-vos permitido casardes com as castas (virgens), dentre as crentes e com as castas, dentre aquelas que receberam o Livro antes de vós, contanto que as doteis, sendo castos, não fornicadores e não as tomando jamais como amantes..”. (Al Maida 5: 5) - quinta sura do Alcorão.

“Um homem muçulmano pode casar-se com uma moça que não o seja, mas o oposto não é permitido”. (ESPINOLA, 2005, p. 222)

O caso se aplica a religião, mas pode ser atribuído em outras situações. A etnicidade, assim, é fato que cada grupo étnico, cultura ou religião tem suas pertencas e restrições, os costumes e crenças devem ser respeitados por todos e discutir o que é preconceito e/ou discriminação varia do entendimento de cada pessoa, não se julga um livro pela capa, do mesmo modo não se julga um povo por suas crenças ou costumes.

Cada grupo étnico julga o que é pertinente ao próprio grupo na aceitação de novos membros, principalmente quando existem costumes e tradições diferentes, os critérios de avaliação e aceitação são dispostos e compartilhados, identificando ou não cada indivíduo. (BARTH, 1998).

Neste caso também pode se explicar o fator da interculturalidade exposta. Conforme explica Dantas (2012), a interculturalidade é destacada pela relação e interação de pessoas com culturas distintas, compartilhando símbolos universais pessoais.

Quando os objetos e símbolos particulares são entendidos por outros, a interculturalidade se inicia. “Nesse sentido, a abertura para a interculturalidade depende da renúncia a um ideal de uma realidade totalmente compreensível, posto que a interculturalidade não deva apartar-se da lógica, mas não pode reduzir-se a um problema lógico”. (DANTAS, 2017, p. 60)

Dantas (2017, p. 60) também explica que “a interculturalidade enfoca a necessidade de privilegiar o diálogo, a vontade da inter-relação e não da dominação”.

Cuche (1999 *apud* DANTAS 2017) explica que, como a cultura está em constante construção e desconstrução, a interculturalidade dinamiza a produção cultural. Os contatos entre grupos geram relações de troca e a construção histórica da cultura é atingida por todos os envolvidos.

Para existir essa interculturalidade deve existir no mínimo um relacionamento amistoso entre os grupos e/ou as comunidades.

Todos os entrevistados julgaram ter boa relação fora de sua comunidade, Mohamed, Jaafar, dizem conviver muito bem com os não libaneses. As relações vão além de apenas convívio, existem amizades e parcerias, assim como a reciprocidade é evidente. Neste caso, o que se pode destacar é uma possível relação de trocas culturais, não é evidente que isso

ocorre, mas podem ocorrer certas mutações, mesmo que nas gerações de descendentes, assim, Cuche (2002, p. 232) destaca que

queiram ou não, seu sistema cultural evolui. Mesmo quando eles se consideram totalmente fiéis à sua tradição, mudanças são produzidas nas suas referências culturais. É impossível que elas se mantenham completamente impermeáveis a influência cultural da sociedade que os cerca.

Desta maneira, os sentimentos que permeiam as imigrações podem se tornar com o tempo mais intrínsecos aos próprios membros, amortecidos de certa forma pelo costume ou convivência com outro grupo ou comunidade.

Em relação aos sentimentos que envolvem a imigração, os entrevistados foram perguntados acerca do processo, família, guerras e demais razões que por ventura levaram a tomada de decisão de se estabelecerem no Brasil, além daquilo que sentiram ou sentem até hoje.

Quando questionado sobre como foi chegar ao Brasil Jaafar responde que a primeira dificuldade foi a língua

É estranho. Estranho, porque nós não sabia falar português também. Então foi o começo. Devagar, com calma. Depois nós fomos conversando em português. Pôco porque da escola né, que nós era pequeno nós entrava em escola né. Não entendia quase muita coisa, e nem os outros alunos também não entendia nós. (Jaafar Youssef Reda)

Mohamed que chegou mais recentemente também sentiu muitas dificuldades com língua portuguesa e ainda hoje procura se adaptar e melhorar.

Dutra e Gayer (2015, p. 07) destacam que um dos maiores desafios dos imigrantes ao chegarem ao Brasil é o aprendizado da língua portuguesa, as dificuldades afetam em diversos setores primordiais, a busca por emprego ou mesmo no desempenho do trabalho, a procura por auxílio na saúde e/ou alimentação e em casos mais graves a falta de comunicação pode até isolar o imigrante do restante da comunidade de brasileiros.

Mohamed também destaca que não sentiu dificuldades com os demais moradores, foi bem recebido e fez rapidamente muitos amigos brasileiros. O que Mohamed deixa claro é que existe um sentimento de saudades, ficar longe

de parte da família, apesar das conversas diárias, não é muito bom, segundo ele.

Os conflitos<sup>89</sup> intensos que ocorreram no Líbano no passado deixaram rastros de destruição e as consequências ocasionadas por eles como o temor da guerra, a falta de empregos, a baixa qualidade de vida e de prosperar, levaram muitos a migrar, Mohamed é um deles. Ele chegou em 2002 e veio diretamente à Irati, constituiu família, moradia, emprego e hoje tem o desejo de voltar ao Líbano apenas a passeio, não tem mais o anseio de morar lá. Assim, aqueles que ficaram são preocupação constante, devido aos conflitos diários com que a região vive e convive, e isto não fica restrito aos familiares, existe um sentimento de dor pelo que ocorre com a comunidade em um contexto geral.

Ainda em relação aos conflitos que ocorrem no Líbano, Jaafar comenta que o sentimento é de tristeza, porque quem está aqui sente também. “Atinge porque, por causa dos familiares né que eles têm lá no Líbano lá, entende. Tem pai as veiz, tem mãe, tem irmão, tem tio. Atinge isso aqui.” (Jaafar Youssef Reda)

Quando indagado se existe o desejo de voltar a morar no Líbano Jaafar respondeu:

Óia, se tivesse a minha família, vamos supor né; a minha mãe, meus irmão, tudo, eu tenho até. Mas como eu também tenho a família brasileira aqui... eu so casado com brasileira, certo. Então você tem só vontade de passeá e volta, entende. Porque que não adianta você querê leva a família as veiz e sofre, lá num se adapta, entende. (Jaafar Youssef Reda)

É nítido que as respostas dos entrevistados se equivalem, existe a ligação e o desejo de voltar ao país de origem, porém, apenas como visitante, os laços constituídos em Irati são suficientes para garantir que tenham uma vida plena ao que parece, o desejo de prosperar foi atingido, se não foi, pelo menos o que possuem em suas vidas no município é melhor do que aquilo que possuem ou podem conquistar por lá.

---

<sup>89</sup> Vide tópico: **O Líbano e suas provações.**



Outra história que remete sofrimento é da senhora Uadia Harmuch<sup>90</sup> em seu depoimento, ela conta acerca de dois fatos ocorridos quando ainda era criança. O primeiro deles ocorreu com seu avô, um comerciante libanês, recém chegado<sup>91</sup> ao Brasil que buscava prosperar, boa parte do dinheiro que arrecadava com seu comércio era guardado debaixo do seu colchão. Seu funcionário conhecia este “esconderijo”, e certo dia, movido pelo desejo da ganância, este empregado matou seu patrão para lhe roubar.

O meu avô estava começando aqui no Brasil, então o meu avô morava sozinho. Tinha um homem de raça negra<sup>92</sup> que auxiliava ele. Um belo dia o preto matou o meu avô, matou com um machado, é porque o meu avô, ele trabalhava, ele tinha, ele fazia economia e guardava embaixo do colchão, até que o negro descobriu isso, matou o meu avô. (Uadia Harmuch)

Este fato ocorrido foi bem resumido por Uadia, que atentou-se a detalhar melhor outra ocorrência anterior a esta, envolvendo sua tia. Ela iniciou a história contando que seu pai chegou primeiro ao Brasil<sup>93</sup>, mais tarde voltou ao Líbano para buscar o seu avô<sup>94</sup>, este que viria a ser assassinado como relatado acima, e também trouxe sua tia, irmã de seu pai.

Sua tia quando chegou ao Brasil foi ao interior do município montar um comércio de secos e molhados, mais precisamente na comunidade do Rio do Couro, cerca de 30 km do centro de Irati. Tudo aquilo que compravam na cidade colocavam à venda em seu comércio.

Uadia na época residia em Gonçalves Junior, outra comunidade do interior do município de Irati cerca de 30 km do centro da cidade. Ela morava com sua mãe e estudava por lá, enquanto seu irmão Elias de 11 anos morava

---

<sup>90</sup> Uadia Harmuch. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 23/05/2017.

<sup>91</sup> Uadia não soube precisar exatamente quando se deu a chegada de seu avô, mas foi por volta da década de 1930.

<sup>92</sup> Os termos utilizados nesta explanação, negro, preto, são utilizados pela senhora Uadia como termos de quem utilizou a vida toda, não remetem a qualquer tipo de racismo, durante a entrevista surgem termos similares envolvendo outras coisas. Neste sentido devem ser desconsideradas quaisquer significações a respeito.

<sup>93</sup> Uadia não soube precisar exatamente quando se deu a chegada de seu pai, mas foi entre as décadas de 1920 e 1930.

<sup>94</sup> A trajetória histórica da imigração dos libaneses passa pela agregação aos seus familiares nos países que se estabeleceram, ou seja, os filhos homens, em sua maioria, instalam-se em terras estrangeiras e depois facilitam a entrada dos demais familiares. Com o comércio já estabelecido, o processo de adaptação dos novos imigrantes é mais rápido, pois pelo menos o trabalho já está garantido. (ESPINOLA, 2005)

e trabalhava com seus tios no Rio do Couro. Certo dia sua mãe pediu que ela fosse até a casa de seus tios para que seu irmão pudesse voltar para casa, pois a saudade apertava.

Naquela época, em meados de 1930, o serviço de correios era feito com carroças e uma das sedes era em Gonçalves Junior; assim, em uma das entregas de correspondências, Uadia pegou carona e foi até casa de seus tios para que seu irmão pudesse retornar para casa.

Sua tia Adélia tinha 3 filhos pequenos, sendo um de 2 anos. Enquanto Uadia brincava com as crianças dois homens adentraram ao estabelecimento de seus tios.

Dois homens entraram na loja dele, no boteco deles, era conhecido como boteco do Seu Elias também, chamava Elias, era o mesmo nome do meu irmão. Entraram ali e pediram um lanche, a minha tia fritou ovos, fez café e pão e deixou no balcão pra eles comer. Eles comeram e ficaram conversando, um era estilo [...] um era russo, sabe, o estilo russo, então já era conhecido na região. O outro era um moço alto, bonito, não sei que nacionalidade, mas devia ser parente do outro. (Uadia Harmuch)

Os homens geraram desconfiança, pois como Uadia comenta, um deles já era conhecido na região (por delitos). Os dois homens depois de lancharem “ficaram papeando e esperaram anoitecer”; logo pediram “poso”. Adélia diz ao marido Elias para não aceitar e tomar cuidado, pois eles poderiam acabar matando eles.

Os homens insistiam e pediam para que Elias pelo menos ligasse o rádio, naquela época o rádio era ligado à bateria e como o clima estava chuvoso ele não conseguia ligar. Uadia, as crianças e a empregada estavam na cozinha jogando trilha, enquanto seus tios estavam com os homens na sala da casa. Em certo momento, por volta das dez da noite

Um bandido saiu da sala, passou na cozinha e foi até o quarto de despejo e veio armado com dois revólver: *Não se mexam porque morrem todos!* Aí a empregada que era adulta, ela voltou pra sala de despejo e tinha uma janela de 3 metros de altura, ela pulou aquela janela e foi procurar recurso, que cada vizinho era de 1 km mais ou menos né. (Uadia Harmuch)

A empregada foi, mas não voltou. Uadia ficou sozinha tomando conta das crianças, enquanto seus tios estavam na mira dos bandidos. Adélia,

grávida, entrou em luta corporal<sup>95</sup> com um dos bandidos, enquanto Uadia assistia a cena, em outro cômodo da casa, o segundo meliante atirou em Elias, seu tio. No mesmo momento este caiu sem vida, ao passo que uma das crianças correu até o bandido gritando, “*não mate meu pai*”.

Eu encostada numa parede, a parede que fazia divisa com a sala, encostada naquela parede. Aí depois que minha tia já estava caída no chão, era assoalho de madeira e decerto mal construído, então tinha uma inclinação, ali minha tia tava caída numa poça de sangue, ali sabe, e o meu tio caído do outro lado. Aí o garoto que agarrou no bandido e gritava não mate meu pai, o bandido conseguiu dar uma facada no garoto, ele continuava em pé até que foi se esgotando e caiu, mas ele... com as perna ele gritava *não mate*, já não podia falar, e eu assistindo tudo ali. (Uadia Harmuch)

Para terminar o serviço, um dos homens cortou os pulsos do menino, enquanto Uadia assistia a tragédia. Logo após, os dois homens foram até ela com uma faca em mãos e insistiam que lhes entregasse a chave do guarda-roupa. Nesse momento como se “um espírito iluminasse” Uadia disse que a chave estava em cima do guarda-roupa e os acompanhou até o quarto do casal. Lá estava a criança de 2 anos em seu berço, mas quando os bandidos adentraram ela desceu sozinha e foi ao encontro de Dida<sup>96</sup>.

A menina que tinha quase dois anos estava no berço, sozinha saiu do bercinho e veio ao meu encontro. E disse meu nome [...] Uadia, onde é que eu fico agora? A menina já falava assim tudo, eu abracei a menina e deixei ela do meu lado e eu fiquei assim num canto de parede. Aí o bandido que era assim, fisionomia de russo, ele chegou na... sabe a iluminação naquela época em 1930 ou 20, era com lampiãozinho [...] eu no cantinho da parede e o lampião pertinho de mim. Como eles não acharam chave nenhuma arrebentaram o guarda-roupa. (Uadia Harmuch)

Dentro do guarda-roupa havia 3 cofres de madeira, um de cada filho com bastante dinheiro, além de bolsas que eram vendidas no comércio da família. Os bandidos conseguiram arrebentar os cofres e roubar todo dinheiro, mas não estavam satisfeitos, foram para cima de Uadia e lhe deram uma facada no peito, que segundo o seu relato não atingiu seu coração por alguns centímetros. Logo após os homens fugiram.

---

<sup>95</sup> Uadia contou que nessa luta sua tia teve um grande corte na barriga, este fez com que toda a parte interna se espalhasse pelo chão.

<sup>96</sup> Dida é o apelido da Senhora Uadia Harmuch.

Dida conta que não tinha percebido que estava sangrando, mas precisava buscar ajuda, ao mesmo tempo não podia deixar as crianças sozinhas, então percebeu que havia umas caixas perto de uma janela, empilhou-as e pulou. Logo avistou um senhor na rua com duas mulheres, este tinha ouvido o disparo do revólver e foi verificar o que estava acontecendo. Uadia se aproximou daquelas pessoas e foi contar o ocorrido, foi quando a alertaram da sua situação.

Quando eu vi aquela claridade do lado esquerdo eu me aproximei ali e contei pra eles, aquela hora que umas das negra olhou pra mim e disse: *Meu Deus, olha o vestido dessa menina como é que está todo cheio de sangue!* Eu não vi que eu estava machucada, eu não senti, eu só senti que ele me empurrou no canto da parede e eu fiquei assim exprimida né. (Uadia Harmuch)

O senhor e as duas mulheres entraram na casa por uma das janelas e se depararam com a chacina. É uma história de muita dor, sofrimento e que marcou a vida desta descendente de libaneses. Uma brutalidade que deixou uma cicatriz para sempre, acabou com o desejo da busca por melhores condições de vida longe de sua Terra natal, o sonho acabou.

A migração não é “uma experiência traumática isolada”; não é somente o momento de partida, de chegada e de adaptação no novo lugar que perturbam o migrante, vários fatores podem desencadear um desequilíbrio psicológico. (MAALOUF, 2005, p. 22). Não bastando estar longe de sua Pátria, a família precisou superar o sofrimento pela tragédia, “*Harmuches*” no Brasil e no Líbano.

Tempos depois do ocorrido, a polícia descobriu que os dois bandidos iriam embarcar no trem de prata na estação ferroviária de Rebouças, situada a 20 km de distância de Irati. A polícia cercou o perímetro e armou uma emboscada para os bandidos; entretanto, um deles conseguiu correr e se esconder, já o outro não teve a mesma sorte, como explana Uadia:

Aí seguiram o russo, o russo entrou no mato, e quando a polícia encontrou o russo lá no mato enxergaram ele deitado assim na grama, sentado na grama ou deitado queimando dinheiro [...] Aí pegaram e puseram num caminhão, engataram numa corda e arrastavam ele, morto, já estava morto, arrastavam no Irati inteiro, naquele caminhão e tudo. (Uadia Harmuch)

Para finalizar a história, Dida contou que um tempo depois a sua mãe lhe falou que descobriram que o tal “russo” era inclusive inquilino do seu tio e provavelmente o outro também. (A senhora Uadia reside atualmente em Ponta Grossa – PR e tem 88 anos de idade).

### **3.4A comunidade presente e o Líbano no coração**

O que se aborda neste tópico é a relação entre os libaneses que residem atualmente em Irati, os seus relacionamentos como comunidade.

Como já visto anteriormente, de acordo com Peruzzo e Volpato (2012, p. 142) “a própria palavra comunidade transmite e relembra sensações de solidariedade, uma vida em comum, sem qualquer dependência de época ou de região. Atualmente remete ao lugar ideal onde se deseja viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna”.

Buber (1987) já destacava que em sua definição comunidade e vida são a mesma coisa, ainda, ela não deve ser referenciada como algo regional, está além disso. Na mesma linha, Palácios (2011) destaca que o fator distância não é preponderante para definir uma comunidade, os sentimentos de pertença podem ser alusivos aos costumes e tradições, além do fato de sentir-se acolhido onde quer que se esteja. Essa é a linha que o presente trabalho segue, uma comunidade libanesa em Irati, porém com raízes no Líbano ou em qualquer lugar que estes sintam-se acolhidos.

Pensando nesse aspecto, Jaafar enfatiza que:

Olha tudo depende... depende do povo, como cêis tem o povo a favor e ao contrário nós tamém temo o povo a favor e ao contrário. Num é todos que tem a “mesma” convivência igual um com outro, num é todos que aceita a mema ideia, o memo tipo de vida. Tem uns que vivem mais seguro otros mais solto (risos) entende. (Jaafar Youssef Reda)

O que se notou é que em conversas informais Jaafar falou varias vezes que se reúnem para festas, conversam entre eles, vão juntos visitar Mesquitas, enfim, existe um convívio como comunidade. Existe sociabilidade e afetividade, os costumes e tradições procuram ser mantidos. Mohamed enfatiza que se visitam em domingos esporádicos, se reúnem para almoços com outros

libaneses, em casamentos ou tragédias, porém ele explica que cada família tem sua vida individual e não passam todo tempo juntos. Estes depoimentos mostram que a relação comunitária entre os libaneses em Irati envolve muito mais costumes e tradições do que propriamente proximidade regional, assim como destacam Buber (1987) e Palácios (2011).

Márcia explica a união que existe entre os libaneses.

Os libaneses são muito unidos. Eu morei com meu ex-marido e cada vez que a gente ia pra algum lugar, nossa! No dia seguinte já sabia que tinha libanês e no terceiro dia a gente já era melhores amigos dos libaneses, porque eles se procuram eles se ajudam, eles tão sempre presentes um nas vidas dos outros. Então não tem como diferenciar o pessoal que tá no Líbano e fora porque é praticamente a mesma coisa. (Márcia Chuchene)

Ela ainda conta que existe um respeito muito grande com ela, fez muitas amizades e mesmo separada ainda nutre um sentimento de felicidade e pertencimento, faz parte da família, sociedade e da comunidade libanesa. Esse sentimento pode ser explicado nas palavras de Albuquerque (1999, p. 50), pois, “enquanto instrumento de análise do real, o par comunidade/sociedade indica configurações sociais contrastantes, tais como o arcaico e o moderno, o afetivo e o racional, o sagrado<sup>97</sup> e o secular”.

Cultivar os laços de fraternidade pode ser considerado afetivo e sagrado para os libaneses, um povo que sofreu e ainda sofre com diversos conflitos ocorridos em sua terra natal, então partilhar de bons momentos é algo primordial para a vida social de cada um deles.

Dentro deste discurso de laços afetivos, os entrevistados foram questionados acerca de seu sentimento de nacionalidade. De acordo com Abdulkarim (1996), os laços fraternos com a pátria mãe são necessários e considerados uma responsabilidade moral ou sentimental. Para Hourani (1992) são chamados de persistência de uma memória ancestral.

---

<sup>97</sup> O conceito de sagrado e sua representação simbólica remetem-nos, inevitavelmente, à perspectiva do poder mantido e reproduzido pela comunidade em suas territorialidades religiosas ou quase sagrada (ROSENDAHL, 1999, p. 187)

A senhora Uadia não tem dúvidas, assim como Márcia, ambas nasceram no Brasil e são cem por cento brasileiras. Para Jaafar<sup>98</sup> o sentimento é traduzido em suas palavras:

Nacionalidade, nacionalidade libanesa, mais coração é “brasileiro”, por convívio de tantos ano aqui, certo, eu me sinto mais brasileiro que libaneis, que eu vim com cinco ano, hoje tenho cinquenta e cinco ano de país, qué dize me considero mai brasileiro. (Jaafar Youssef Reda)

Mohamed explica que se sente brasileiro por conta dos seus documentos e mais, principalmente pelo convívio e laços de amizade construídos em Irati. Ainda quando questionados se gostam do Brasil, todos disseram que sim e Jaafar foi enfático:

Quem é que não gosta do Brasil? Esse país aqui é o melhor país do mundo, porque ele te da liberdade de tudo que você qué, entende. Basta você ser sério e honesto. Você vai em qualqué lugar, e em qualquer lugar que ocê dizê que é brasileiro ele é bem aceito. (Jaafar Youssef Reda)

Jaafar complementa acerca de morar em Irati, ele diz que a cidade não tem comparação com outras maiores citando, Curitiba e Ponta Grossa, nem tudo que desejam tem “por aqui”, mas em Irati é mais fácil fazer amizade e manter o comércio, então está no lugar certo.

É evidente que cada pessoa nutre algo em particular, uns com mais ou menos afeto, ou melhor, menos demonstração. Cada um em particular tem seu espaço, individual e coletivo, cada caso é um caso, mas o sentimento é o mesmo.

Outra questão foi indagada: possuem o desejo de voltar a morar no Líbano?

De acordo com Karan (1992) existe um sentimento de retorno ao país diferenciado quando se trata de sírio-libaneses, são sentimentos diferentes dos demais imigrantes, pois segundo ele o coração do libanês é mais preso a sua terra natal. Entretanto, indo contra aquilo que Karan (1992) defende, Mohamed afirma não ter o desejo de morar no Líbano, veio em 2002 para Irati e nunca

---

<sup>98</sup> Jaafar Youssef Reda. Entrevista concedida a Adriano Pinto Godoi em 02/05/2017.

voltou nem visitar, tem saudades e um dia quer voltar ao Líbano, mas apenas para rever os amigos e familiares.

Jaafar também não segue a linha de Karan, ele afirma que possui família brasileira e seus laços fraternos estão no Brasil, não quer correr o risco de ter que passar por uma readaptação.

Os entrevistados estão completamente adaptados em Irati e com os costumes e tradições brasileiras, gostam e conseguem o convívio em parcimônia, nada parece ir contra. Estão conseguindo prosperar longe do Líbano, o que não quer dizer que não sentem falta da pátria natal, mas aquilo que possuem no Brasil é mais que o suficiente para se manterem bem, financeira e socialmente. “A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se a repetição e a tradição, sacralizando o vivido do grupo social” (FELIX, 2004, p. 20).

A imigração é o movimento em busca da prosperidade, social e economicamente. Quando isso ocorre aflora o sentimento de conquista, e o pertencimento ao novo local está intrínseco ao sucesso, a memória do passado estará sempre presente, viver em harmonia e paz é o que mostra que tudo valeu a pena.

### **Considerações Finais**

Trabalhar com as memórias, com os sentimentos, e poder vivenciá-los nas palavras de cada imigrante ou descendente, não tem preço. Observar e sentir cada expressão faz todo esforço ter valido a pena.

Como não se envolver? Indiretamente e sem influenciar nas respostas o nosso sentimento é de participação. Em cada entrevista coletada havia mil razões para lá estar, a razão e o dever em primeiro lugar, mas o desejo de desvendar, descobrir e compartilhar sempre esteve presente.

A imigração é uma temática que envolve esses sentimentos, ela é muito rica e aproxima o entrevistado do pesquisador. A imigração permite aos envolvidos dividir as emoções, e o resultado dessa reciprocidade é um trabalho prazerosamente concluído.



Os imigrantes libaneses conquistaram aquilo que buscavam quando decidiram deixar o Líbano para trás. Vieram ao Brasil em busca de um sonho, prosperar, econômica e socialmente. Com base naquilo que foi coletado, podemos afirmar que conquistaram seu objetivo.

Alguns percalços foram encontrados pelo caminho e outros ainda estão sendo enfrentados. Dos problemas enfrentados, podemos citar a violência e os assassinatos que a família Harmuch sofreu. Contudo, seus filhos e netos prosperaram. Dos problemas enfrentados, citamos as batalhas que os libaneses enfrentam para que seus filhos e netos mantenham a religião muçulmana.

É possível perceber o amor que os libaneses sentem por sua terra natal, demonstrados em defesa das ocorrências no Líbano. Para eles, por exemplo, as guerras que avassalam o território libanês, são obras de outros países tentando dominar aquele país. As lutas religiosas, como a mídia retrata, são uma deturpação da realidade, e possível sentir a desaprovação desses fatos, em cada resposta acerca desta temática.

É perceptível também o amor pelo Brasil, o sentimento de gratidão pelo país que lhes acolheu é verdadeiro. Os imigrantes buscavam um novo lar, e fizeram desse país seu lugar para realização dos objetivos. Como resultado, não trocam o Brasil nem por sua terra natal.

Irati, o local escolhido dentro do Brasil proporcionou-lhes moradia, alimentação e toda a estrutura necessária para uma vida plena. Os libaneses são gratos por isso e o município também tem gratidão por eles. Alguns, em específico, deixaram seu nome escrito na história iratiense, personagens que contribuíram de alguma forma com a sociedade, fizeram seu legado.

A cultura e a tradição libanesa são ricas, seus costumes, crenças, respeito, gastronomia, enfim; estão presentes no dia a dia dos imigrantes. A distância do Líbano (territorial e temporal) não os impede de seguir com seus costumes, ao contrário, buscam preservar, pois assim não perdem suas raízes.

Fica uma ponta de frustração por não ter conseguido entrevistar todos os imigrantes e/ou descendentes. Seja por falta de tempo dos possíveis entrevistados, falta de conhecimento, mas principalmente pela não compreensão de algumas pessoas a respeito da importância da pesquisa; nesse sentido várias não quiseram colaborar. Entretanto, não afeta no

resultado desta dissertação, claro, acrescentariam muito em histórias e lembranças, mesmo assim o dever foi cumprido.

Nos ficam algumas lições:

- A história da imigração libanesa para o Brasil é muito rica, e a maneira que os imigrantes se adaptaram e prosperaram é de orgulho a eles e a qualquer pessoa que se envolva na temática.
- A imigração em si proporciona aos envolvidos diversos sentimentos; saudades, obsessão, dor, revolta e outros. Mas o orgulho da conquista prevalece sobre todos.
- É difícil observar apenas de longe o sofrimento da sua terra natal (conflitos, guerras...), mas quando se conhece a causa tudo faz sentido.
- O amor pela própria cultura é incondicional, a busca pela preservação dos valores é imensurável. As tradições e costumes de um povo são as marcas que os diferem dos demais, a preservação da sua cultura os transforma em únicos.

Assim, os libaneses de Irati, ficarão marcados para sempre nesse trabalho e na memória deste autor. Houve comprometimento e agora existem dívidas. Dívidas de gratidão com aqueles que proporcionaram este trabalho finalizado; que compartilharam suas memórias e agora fazem parte da história, desde o Líbano até Irati.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALATI, Hammudah. **Luces sobre El Islam**. Madrid, Mesquita M - Trenta, p. 183, s/d.

ABDULKARIM, Amir. **La diaspora libanaise en France** : processus migratoire et économie ethnique, Paris, L'Harmattan, 1996.

AL-KHAZRAJI, Táleb Hussein. **Á sombra do islam**. São Bernardo do Campo: Loyola, 1989.

\_\_\_\_\_. **Islamismo**. – São Paulo, Bella, 2014.

AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. **Usos e Abusos da História Oral**. (org.) Fundação Getúlio Vargas, 3ª Ed. – Rio de Janeiro, 2000.

ANDREAZZA, Luiza Maria; NADALIN, Sérgio Odilon. **O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Campinas, 1994.

ANTOCZECEN, Inês Valéria **O retorno da história: a festa das nações** (Mallet/PR) – um estudo em torno das fronteiras étnicas entre poloneses e ucranianos. – Irati, PR, 2015. 157 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, linha de pesquisa Regiões: práticas socioculturais e relações de poder, UNICENTRO, Irati – PR, 2015.

ASSRAUY, Nagib. **O Druzismo**. Belo Horizonte: São Vicente, 1967.

ARMSTRONG, Karen. **The Case for God: What religion really means**. New York: Anchor Books, 2010.

BAENINGER, Rosana. **Região, Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil, 1980/1996**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Unicamp (Tese de Doutorado), Campinas, 1999.

BAPTISTA, Myrian Veras. **Desenvolvimento de comunidade: estudo da integração do planejamento do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento global**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

BASTOS, Sênia. **Hospitalidade e História: A cidade de São Paulo em meados do século XIX**. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti & BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Thompson, 2003.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo: Discussões Contemporâneas**. – Campinas: Papyrus, 2007.

BARTH, Fredrik. **Teorias da etnicidade**. In. POUTIGNAT, P & STREIFF - FENART, J. Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

\_\_\_\_\_. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In. POUTIGNAT, P & STREIFF - FENART, J. Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

BAUMAN, Zygmund. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zajar, 2003.

BETTES JUNIOR, Hamilton; ORDOÑEZ, Marlene; SALES, Geraldo. **Paraná: estudos sociais**. São Paulo: Scipione, 1996.

BEYER, Peter. Global migration and the selective reimagining of religions: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 1998, p.12-33.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. UFMG: Belo Horizonte, 1998.

\_\_\_\_\_, Homi. **O local da cultura**. UFMG: Belo Horizonte, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A., 2001.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula, 2a ed, Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

CAPLAN, Lionel. **Studies in Religious Fundamentalism**. Albany: State University of New York press, 1987.

CARDOZO, Poliana F. **O Líbano Ausente e o Líbano Presente: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu**. Curitiba – PR, MEC – Universidade Federal do Paraná, 2012. 195 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** 4ª ed, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

CASTLE, Stephen.; KOSACK, Godula. **Immigrant workers and class structure in western Europe**. Londres, Oxford University Press, 1973.

CASTEL, Robert. **A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CEDARLAND. **Lebanon History: the 1975-1990 War**. Disponível em: <<http://www.cedarland.org/war.html>> In MAALOUF, Ramez Philippe. **Geoestratégias em Confronto no Líbano em Guerra (1975-1990)**. São Paulo

– SP, MEC – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011. 228 f. Tese (Mestrado em Geografia Humana) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, São Paulo, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. 3ª Ed.- Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOAY, Françoise. **L' Allégorie du Patrimoine**. Paris, Editions du Seuil, 1992.

COHEN, Abner. **Custom and Politics in Urban Africa**. London: Routledge and Kegan Paul, 1979.

CONSÓRCIO PARA EL DESARROLLO COMUNITARIO. **El desarrollo comunitário: una alternativa para la disminución de la pobreza**. In: Revista Red de Gestores Sociales. Nº. 48, octubre/noviembre, 2009.

CONZEN, Kathleen et al. **The invention of ethnicity: a perspective from the USA**. *Journal of American History*, Fall, 1992. (Tradução de Eunice Sueli Nodari).

CORM, Georges. **Liban: lês guerres de 1' Europe et de 1' Orient – 1840-1992**. Paris: Gallimard, 1992.

COSTA, Rogério. **On a new community concept: social networks, personal communities, collective intelligence**. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.

CRUZ, Rodrigo Díaz. **Experiencias de la Identidad**. In *Revista Internacional de Filosofía Política*, 1993.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DANTAS, Sylvia. **“Mulheres entre Culturas e seu Mundo Emocional: A Possibilidade de Ouvir a Própria Voz ou o Silenciar do Eu”**, In *Oralidades Revista de História Oral*, v. 6. São Paulo, USP, 2009, pp. 10-22.

\_\_\_\_\_ **Saúde mental, interculturalidade e imigração** In *Revista USP – São Paulo*, n. 114, p. 55-70, julho/agosto/setembro 2017.

DeBIAGGI, Sylvia. **Para uma psicologia da Imigração**. In DeBIAGGI, Sylvia; PAIVA, Geraldo. **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Empirisme et subjectivité**. Paris: PUF, 1953.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEMCZUK, Paula G. **Ferrovia e Turismo**: Dicotomia sobre o Patrimônio Cultural Ferroviário em Irati (PR). Ponta Grossa – PR, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2011.

DUTRA, Cristiane F.; GAYER, Suely M. **A inclusão social dos Imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil**. XII Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, CEPEJUR, 2015.

EID, Paul. **Being Arab**: ethnic and religious identity building among second generation youth in Montreal. Londres, Reino Unido: McGill-Queen's University Press, 2007. (McGill-Queen's studies in ethnic history Series).

EL-KHATIB, Said Mohamed. **Arkan il Islam**: pilares do islamismo. 3ª Ed. Curitiba: Grafipar, 1977.

ESPINOLA, Cláudia Voigt. **O véu que (des)cobre**: etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis. Florianópolis – SC, MEC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. 244 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FARAH, Audrey; GUIL, Chico; PHILIPPI, Silvio. **Irati 100 Anos**. Curitiba: Editora Arte, 2008.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 3ª Ed. Lisboa, Editorial Presença, 1989.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: UPF, 2004.

FENTON, Steve. **Modernidade, Etnicidade e Religião**. In RODRIGUES, Donizete (org.), Em Nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea. Porto, Afrontamento, 2004.

FILLOS, Leoni Malinoski. **A Educação Matemática em Irati**: memórias e história. Curitiba, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná.

FREITAS, Sonia M. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. Copyright, 2ª Ed. – São Paulo, 2006.

FONTES, Paulo Roberto. **Comunidade operária, migração nordestina e lutais sociais**: São Miguel Paulista (1945-1966). Campinas, 2002. Tese (Doutorado em História). Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral dos imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): memórias, trabalho e sociabilidades** / Ana Maria Rufino Gillies.– Curitiba, 2010. 200 f.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Os imigrantes da colônia do Assunguy-PR (1860-1880) no acervo do Arquivo Público do Paraná e outras histórias**. XXII Encontro Estadual de História na ANPUH – SP. Santos, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Comunidade: origens, ressignificações e articulações com o poder local no século XXI**. In: SOUZA, M. A.; COSTA, L. C. **Sociedade e cidadania: desafios para o século XXI**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2005.

GOMES, Angela de Castro. **Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro**. Angela de Castro Gomes (org.) – Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Imigrantes italianos: entre a *italianità* e a brasilidade**. In IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2007.

GRECHINSKI, Paula. **A Gastronomia Eslava em Irati como Forma de Atrativo Turístico**. Irati – PR. Universidade Estadual do Centroeste do Paraná – UNICENTRO. Trabalho de Conclusão de Curso, Irati, 2007.

GREGORY, Valdir. **Imigração Alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira**. In IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2007.

GUIMARÃES, Lucia M. P.; VAINFAS, Ronaldo. **Sonhos Galegos: os espanhóis no Brasil**. In IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2007.

GUTIÉRREZ, Javier Camacho. **Desarrollo comunitario**. In: Eunomía: Revista en cultura de la legalidad. Nº.03, septiembre, 2012/febrero, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

\_\_\_\_\_, Maurice. **On Collective Memory**. Chicago, University Chicago Press, 1992.

HAIR Jr., Joseph. et al. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAJJAR, Claude. **Imigração árabe: cem anos de reflexão**. São Paulo: Ícone, 1985.

HAJJAR, George J. **Aspects of Christian-Muslim Relations in Contemporary Lebanon**. Notre Dame University, Lebanon, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. – Rio de Janeiro, 11ª edição, DP&A Editora, 2006. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro)

HEYMANN, Luciana. **De “arquivo pessoal a patrimônio nacional”**: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

HITTI, Philip. (1924), **The Syrians in America**. New York: George H. Doran Co.

HOPKINS, Terence Kilbourne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Commodity chains**: construct and research, pp.17-20 *in* Gereffi, G. and Korzeniewicz, M. eds. *Commodity chains and global capitalism*. Westport, CT: Greenwood Press, 1994.

HORBATIUK, Paulo, **A colônia ucraniana no Paraná**. Porto Alegre, 1º Ed. 1983.

HOURANI, Albert; SHEHADI, Nadim. *The Lebanese in the world: a century of emigration*. London: The Centre For Lebanese Studies e IB Tauris & Co Ltd. Publishers, 1992.

IBGE. **Brasil**: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000.

IPARDES. **Caderno Estatístico do Município de Irati**. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, 2016.

JENKINS, Richard. **Rethinking Ethnicity: identity, categorization and power**. *In* Ethnic and Racial Studies, 1994.

JORGE, Willian Roberto; MARTINS, Valter. **Operários na floresta**: trabalho e cotidiano nas serrarias de Irati/PR na primeira metade do século XX, Revista, Tempo, Espaço e Linguagem, 2010.

KARAM, Christian de Camino. **Da Revolução política ao reformismo socioeconômico**: Hizballah, islamo - nacionalismo e economia de redes no Líbano do pós - guerra civil (1992-2006). São Paulo – SP, MEC – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2010. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Departamento de História, São Paulo, 2010.

KARAN, Shadi. **“Libanais de l’etranger: lês conditions de retour”**. *In* Paris: Revue de etude et de reflexion sur Le monde arabe et islamique, 3º troisème 1992, n° 28, p 64.

KIEWIET, Ruth; KIEWIET, Willem. **Imigrantes – Immigranten**: História da Imigração holandesa na região dos Campos Gerais, 1911-2011. A Colônia de



Gonçalves Júnior - Irati - PR: A imigração holandesa de 1908 - 1909 no Brasil. Carambeí: Estúdio Texto / APHC Editorial /NMC - Núcleo de Mídia e Conhecimento, 2011.

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo, Anhembi, 1960.

\_\_\_\_\_. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhembi, 1961.

KODAMA, Kaori. **O Sol nascente do Brasil: um balanço da imigração japonesa**. In IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2007.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

KOLLMANN, Wolfgang; MARSCHALCK, Peter. **German emigration to the United States**. In: FLEMING, Donald; BAILYN, Bernard. (eds) Perspectives in American History. New York: Harvard University Press, 1973, v. 7 p. 499-554.

KREUTZ, Lucio. **Magistério e imigração alemã: o professor paroquial católico teuto-brasileiro do Rio Grande do Sul no movimento da restauração**. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MAALOUF, Amin. **Les Identités Meurtrières**. Paris, Bernard Grasset, 1998.

\_\_\_\_\_, Amin. **In the Name of Identity**. London, Penguin Books, 2003.

MAALOUF, Jorge Fouad. **O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no self**. São Paulo – SP, MEC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. 297 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia, São Paulo, 2005.

MAALOUF, Ramez Philippe. **Geoestratégias em Confronto no Líbano em Guerra (1975-1990)**. São Paulo – SP, MEC – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011. 317 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, São Paulo, 2011.

MAHAIRI, Sheik Ahmad Saleh. **O caminho para o Islamismo**. Tradução de Mohamed Ahmad Abou Fares. Curitiba: Grafipar, 1977.

MAKAREM, Sami Nasib. **The Druze Faith**. New York. Lebanon Caravan Books, 1974.

MARRIOTT, Emma. **A História do Mundo pra quem tem pressa**. Tradução de Paulo Afonso. 1ª ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do sistema agrário**. São Paulo, Pioneira, 1973.

\_\_\_\_\_. **Subúrbio**. São Paulo: Unesp, 2a. ed., 2002.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, Sara D. Teixeira. **A Memória de um Lugar: discursos e práticas identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa**. Dissertação de mestrado em Antropologia. ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa, 2011.

MASSOULIÉ, François. **Os conflitos do Oriente Médio**. São Paulo: Ática, 1996.

MAUAD, Ana Maria. **Donos de um certo olhar: trajetória familiar e imigração libanesa no Rio de Janeiro**. In GOMES, Ângela Castro. (org.) *História de Imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. – Rio de Janeiro: Letras, 2000.

MAUDUDI, Aliman Abul Ala. **Para Compreender o Islamismo**. São Bernardo do Campo, Centro de Divulgação do Islam para América Latina, 1989.

MAZER, Roberta de Moraes. **Breve panorama histórico da imigração no estado de São de Paulo e o fluxo migratório boliviano na região**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal/RN, 2014.

MEAKER, Scotts S. F. **Primeira Guerra Mundial: uma breve introdução**. – A Grande Guerra. Tradução de Gabriel Ribeiro. Copyright, 2016.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral: caminhos e descaminhos**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.13, n. 25/26, set.92/ago. 93.

MOOT, Maria Lúcia. **Imigração árabe: um certo oriente no Brasil**. In IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2007.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações**. Curitiba: Seed, 2001.

NODARI, Eunice Sueli. **Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras**. *Esboços*, Florianópolis, nº. 10, 2002.

NOGUEIRA, Olioto José Oliveira. **Migrações Internas: tentativas de buscar uma teoria**. *Análise e Conjuntura*. Belo Horizonte, v. 6, n.1, p. 38-47, jan/abr, 1991.

NUNES, Heliana Prudente. **A imigração árabe em Goiás: 1880-1970**. São Paulo, Tese de Doutorado FFLCH/USP.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Roberto C. **Caminhos da Identidade**: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. – São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

ORREDA, José Maria. **Irati**. Irati, PR: Edipar, 1974.

\_\_\_\_\_. **Nossa Senhora das Graças**: monumento a renovação cristã familiar e social em Irati. Irati – PR: O Debate, 2007.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**. In: BOLAÑO, C. R. S. (Org.). Globalização e regionalização das comunicações. São Paulo: Educ/Editora da UFS/Intercom, 1999. p. 29-72.

OSMAN, Samira Adel. **Caminhos da imigração árabe em São Paulo**: história oral de vida familiar. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. **Entre o Líbano e o Brasil**: dinâmica migratória e história oral de vida. São Paulo – SP, MEC – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2006. 275 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, São Paulo, 2006.

PALÁCIOS, Marcos. **O medo do vazio**: comunicação, socialidade e novas tribos. In: RUBIM, A. A. (Org.). Idade média. Salvador: UFBA, 2001.

PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest. **Comunidade e sociedade como conceitos analíticos**. In: FERNANDES, F. (Org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 144-152.

PATARRA, Neide; FERNANDES, Duval. **Desenvolvimento e migração**. In CHIARELLO, L. M. (org) Las Políticas Públicas sobre Migraciones y la Sociedad Civil en América Latina. Cap. II Políticas Públicas e Migração Internacional no Brasil. Scalabrini International Migration Network. New York. 2011 p. 160-194.

\_\_\_\_\_. **Brasil**: país de imigração? Revista Internacional em Língua Portuguesa. Migrações. PUCMG, Brasil, 2011.

PERALTA, Elsa. **Património e Identidade**. Os Desafios do Turismo Cultural. In Antropológicas, 2000.

PERALTA, Elsa & ANICO, Marta (orgs.). **Patrimónios e Identidades**: ficções contemporâneas. Oeiras, Celta, 2006.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil**. Anuário Internacional de comunicação Lusófona, v. 4, n. 1, 2006. p. 141-169.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

PINTO, Ziraldo Alves. **O Aspito**: Há um jeito pra tudo. – Minas Gerais: Melhoramentos, 2005.

PIORE, Michael. **Birds or passage**: migrant labor and industrial societies. Nova York, Cambridge Press, 1979.

POOLEY, Colin G.; WHYTE, Ian D. **Migrants, emigrants and immigrants**: a social history of migration. London: Routledge, 1991.

RELATÓRIOS de Presidentes da Província do Paraná (RPPPR). 1854, 1855, 1860, 1872, 1875, 1878, 1882, 1888, 1897.

RIBEIRO, Erick Delgado. **Identidades em movimento**: questionamento acerca de construções de identidades culturais e étnicas em condições contextuais de deslocamentos. *In*: O'DWYER, Eliane Cantorino. Processos identitários e a produção da identidade étnica. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

RODRIGUES, Donizete. **Sociologia da Religião**: uma introdução. Porto, Afrontamento, 2007.

ROLLEMBERG, Graziella. **História do Paraná**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

RUDEK, Cláudia M. (coord.) **A Cultura Ucraniana e Polonesa em Irati**. Irati: Gráfica D'arte, 2002.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2001.

SÁ, Marta Diniz Prestes de; MASSOQUIM, Nair Glória. **Herança Cultural nos Traços da Paisagem no Distrito de Gonçalves Junior**. Revista GEOMAE, Campo Mourão, 2014.

SAFADY, Wadih. **Cenas e cenários dos caminhos de minha vida**. Belo Horizonte: Santa Maria. 1966.

SAFADY, Jorge S. **A imigração árabe no Brasil (1880-1971)**. São Paulo, 1972, Tese de Doutorado FFLCH/USP, 1972.

SAHR, Wolf-Dietrich; LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. **Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional**: um estudo de geografia social e cultural.

Revista Ra'ega, no. 4. Editora da Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2000.

SAKURAI, Célia. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Sumaré, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social. Rev. Social. USP, 1994.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em cruzeta/RN. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SANTOS, Maria Cecília T. M. **O papel dos museus na construção de uma identidade nacional**: algumas impressões. 1998.

SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHIELE, Bernard (dir.). **Patrimoines et Identités**. Québec, Éditions MultiMondes, 2002.

SCHMIDT, Maria A. M; FILIZOLA, Roberto. **Construção**: novos estudos sociais. São Paulo: Editora do Brasil, 1988.

SCHORNER, Ancelmo. **A Pedra, o Migrante e o Morro**: feridas narcisistas no coração de Jaraguá do Sul/SC – 1980/2000. Florianópolis – SC, MEC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. 228 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Setor Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. **Paranaenses em movimento**: Trajetórias e travessias migratórias. – Guarapuava, PR: Editora UNICENTRO, 2009.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília, D.F. : UnB, 1990.

\_\_\_\_\_. **Construindo a nação**: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”. *In*: MAIO, M. C. e Santos, R. V. (orgs.). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz/CCBB, 1996.

SHLAIM, Avi. **A Muralha de Ferro**: Israel e o mundo árabe. Rio de Janeiro: Fissus, 2004.

SILVA, Maria Manuela da. **Fases de um processo de desenvolvimento comunitário**: Análise social . Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. - Lisboa. - Vol. 1.1963, 4, p. 538-558, 1963.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª ed, 2 reimpressão, São Paulo, Contexto, 2009.

SINGER, Paul. **Migrações Internas: considerações teóricas sobre o estudo**. In: \_\_\_\_\_. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Contexto, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SINGER, Paul. **É possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres?** Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2004.

SOBRAL, Germano Alves. **Imagens do migrante nordestino em São Paulo**. *Revista Travessia*, São Paulo, nº. 17, set./dez./1993.

STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. **Colônia Bella Vista**: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos em Imbituva-PR.. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais**. In: FERNANDES, F. (Org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.

TRUZZI, Oswaldo M.S. **Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. In: BORIS, Fausto (org) **Fazer a América**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1999. p. 315-351.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7ª ed. Curitiba: Gráfica Venturini, 1995.

WEBER, Max. **Comunidade e sociedade como estruturas de socialização**. In: FERNANDES, F. (Org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.

\_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade**: Fundamento da Sociologia Compreensiva. 3 ed. Brasília, Editora UNB, 1994.

WELTALMANACH, Fischer. **Política Mundial**. Frankfurt: Gmbh, 1976.

WHITE, Leslie A.. **O conceito de sistemas culturais**. Como compreender tribos e nações. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

## REFERÊNCIAS ONLINE

AL RIFAI. **The magic of Ramadan around the world**. Electronic Magazine, 2016. Disponível em: <<http://irresistible.alrifai.com/2016/06/08/the-magic-of-ramadan-around-the-world-2/>> Acesso em: 15 de novembro de 2017.

ALCORÃO. **Casamento entre um Muçulmano e uma não Muçulmana**. Disponível em: <[http://www.islamismo.org/casamento\\_com\\_nao\\_muculmana.htm](http://www.islamismo.org/casamento_com_nao_muculmana.htm)>

AMORIM, Nayara C. R.; JUNQUEIRA, Marili P. **A integração dos imigrantes sírios e libaneses no cenário urbano brasileiro**. Uberlândia, 2010. Disponível em: <[http://rniu.buap.mx/enc/pdf/xxxiii\\_m5\\_rosaamorim.pdf](http://rniu.buap.mx/enc/pdf/xxxiii_m5_rosaamorim.pdf)> Acesso em: 10 de Novembro de 2017.

ARAÚJO, José Maria da Gracia. **Das carroças e carroções**. 2010. Disponível em: <<http://mobile.radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/das-carrocas-e-carrocoes/4480/>> Acesso em: 24 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_. **Os bares de Irati**, 2011, Disponível em: <<http://radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/os-bares-de-irati/8602/>> Acesso em: 15 de maio de 2017)

BRASIL. **Islã no Brasil**. Disponível em: <[http://www.mesquitabrasil.com.br/isla\\_brasil.php](http://www.mesquitabrasil.com.br/isla_brasil.php)> Acesso em: 01 de março de 2017.

\_\_\_\_\_. **Eparquia Maronita**. História dos Maronitas. Disponível em: <<http://www.igrejamaronita.org.br/conteudos/?eFh4fDExNQ==>> Acesso em: 07 de abril de 2017.

IBGE. **Paraná: Mallet**. 2013. Disponível em: <[IBGE, \*\*idades: Irati - PR\*\*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=411070&idtema=132&search=parana|irati|sistema-nacional-de-informacao-de-genero-uma-analise-dos-resultados-do-censo-demografico-2010>> Acesso em: 05 de Abril de 2017.](http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=411390&search=parana%7Cmallet%7Cinphographics:-history&lang=> Acesso em: 07 de Agosto de 2017.</p></div><div data-bbox=)

IRATI, Prefeitura Municipal de Irati. **História**. Disponível em: <<http://www.irati.pr.gov.br/>> Acesso em 22 de Fevereiro de 2017.

LEBANON. **Map of Lebanon**. Disponível em: <<http://www.mideastweb.org/milebanon.htm>> Acesso em 02 de abril de 2017.



LÍBANO. **Liberdade Religiosa no Mundo**, Relatório 2016. Disponível em: <<http://www.acn.org.br/images/stories/RLRM2016/pDFs/RLRM-2016-Libano.pdf>> Acesso em 10 de abril de 2018.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. “**História oral como fonte: problemas e métodos**”. *In.*: História - Revista de História. Rio Grande: Instituto de Ciências Humanas e da Informação, FURG, 2011, p. 95 - 108, disponível em: <<http://www.seer.furg.br/index.php/hist/article/viewFile/2395/1286>> Acesso em: 11/05/2017.

MILANI, Carlos. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local**: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). IV Conferencia Regional ISTR-LAC. San José – Costa Rica, 2003. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Carlos\\_R\\_S\\_Milani/publication/253351630\\_Teorias\\_do\\_Capital\\_Social\\_e\\_Developolvimento\\_Local\\_licoes\\_a\\_partir\\_da\\_experiencia\\_de\\_Pintadas\\_Bahia\\_Brasil/links/54c226630cf256ed5a8c4474/Teorias-do-Capital-Social-e-Desenvolvimento-Local-licoes-a-partir-da-experiencia-de-Pintadas-Bahia-Brasil.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carlos_R_S_Milani/publication/253351630_Teorias_do_Capital_Social_e_Developolvimento_Local_licoes_a_partir_da_experiencia_de_Pintadas_Bahia_Brasil/links/54c226630cf256ed5a8c4474/Teorias-do-Capital-Social-e-Desenvolvimento-Local-licoes-a-partir-da-experiencia-de-Pintadas-Bahia-Brasil.pdf)> Acesso em: 21 de abril de 2017.

NEVES, M. V.; LIMA, A.C.; FERREIRA, P.R. **Os fenícios na Amazônia**. 2010. Disponível em: <[http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=110:os-fenos-da-amaz&catid=47:marcos](http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=110:os-fenos-da-amaz&catid=47:marcos)>; Acesso em: 10 de Novembro de 2017.

ODIASPORA. **Líbano, pequeno e belo**. Disponível em <<http://odiaspora.org/2016/10/24/libano-pequeno-e-belo/>> Acesso em: 02 de abril de 2017.

ORREDA, José Maria. **Irati 109 anos de História**. Disponível em <<http://radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/irati-109-anos-de-historia/34793/>> Acesso em 22 de Fevereiro de 2017.

PARANÁ, Agência de Defesa Agropecuária do Paraná. **Mapas**. Disponível em: <<http://www.adapar.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=306>> Acesso em 22 de Fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação. **Mapas**. 2018. Disponível em: <<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=359&evento=5>> Acesso em: 04 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Cultura. **História do Paraná**. 2017. Disponível em: <<http://www.cultura.pr.gov.br/>> Acesso em: 12 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria do Esporte e do Turismo. **História do Paraná**. 2017. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=87>> Acesso em: 12 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria do Esporte e Turismo. **Etnias**. 2017. Disponível em: <<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=77>> Acesso em: 25 de Julho de 2017.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença**. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/6790/6132>> Acesso em 27 de março de 2017.

RUIZ, Glacy Weber. **Imigração no Paraná**. Disponível em: <<http://www.weber-rui.com/parana.html>> Acesso em: 25 de Julho de 2017.

SEIDENBERG, D. R. **Desenvolvimento**: ambiguidades de um conceito difuso. Ijuí: **Desenvolvimento em questão**. v.2, n.3, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/articloe/view/87>>. Acesso em: 21 de abril de 2017.

SEYFERTH, Giralda. **A Dimensão Cultural da Imigração**. Rev. bras. Ci. Soc. vol.26 no.77 São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092011000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000300007)>

SILVA, Claudia Santos da. **Rezadeiras**: guardiãs da memória. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>>

## ENTREVISTAS

**José Maria Grácia Araújo**, formado em arquitetura de interiores e artes visuais, residente na Rua Daria Araújo, 77, Centro, Irati – PR. Entrevista concedida em 21 de abril de 2017.

**Jaafar Youssef Reda**, comerciante residente na Rua 19 de Dezembro, 786, Centro, Irati – PR. Entrevista concedida em 02 de maio de 2017.

**Márcia Chuchene Baptista**, hoteleira residente na Rua Dona Noca, 555, Centro, Irati – PR. Entrevista concedida em 02 de maio de 2017.

**Mohamed Hassan Rida**, comerciante residente na Rua Dr. Munhoz da Rocha, 127, Centro, Irati – PR. Entrevista concedida em 21 de maio de 2017.

**Uadia Harmuch**, bancária aposentada residente na Rua República da Colômbia, 433, Bairro Honda, Ponta Grossa – PR. Entrevista concedida em 23 de maio de 2017.